



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**ICONICIDADE NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DE SINAIS-TERMO EM LÍNGUA DE
SINAIS BRASILEIRA - LSB**

SHISLENY MACHADO LOPES

Brasília-DF

2023

SHISLENY MACHADO LOPES

**ICONICIDADE NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DE SINAIS-TERMO EM LÍNGUA DE
SINAIS BRASILEIRA - LSB**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Língua Portuguesa e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Doutora em Linguística.

Área de concentração: Teoria e Análise Linguística
Linha de pesquisa: Léxico e Terminologia
Orientadora: Enilde Leite de Jesus Faulstich

Brasília-DF

2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

LL864i Lopes, Shisleny Machado
 ICONICIDADE NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DE SINAIS-TERMO EM
 LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA - LSB / Shisleny Machado Lopes;
 orientador Enilde Faulstich. -- Brasília, 2023.
 171 p.

 Tese(Doutorado em Linguística) -- Universidade de
 Brasília, 2023.

 1. Linguística Cognitiva. 2. Iconicidade. 3. Língua de
 Sinais. 4. Libras. 5. Sinal-termo. I. Faulstich, Enilde,
 orient. II. Título.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Enilde Faulstich (UnB/PPGL/LIP)
Orientadora (presidente)

Professora Doutora Patrícia Tuxi dos Santos (UnB/PPGL/LIP)
Membro efetivo interno

Professora Doutora Leila Rachel Barbosa Alexandre (UFPI/PPGEL/LL)
Membro efetivo externo

Professora Doutora Gildete da Silva Amorim Mendes Francisco (UFF/GLC/IL)
Membro efetivo externo

Professora Doutor Glaucio de Castro Júnior (UnB/PPGL/LIP)
Membro efetivo interno (Suplente)

Brasília – DF, 22 de setembro de 2023.

AGRADECIMENTOS

Neste momento de celebração e gratidão, expresso sinceros agradecimentos a todas as pessoas e entidades que contribuíram para a concretização deste trabalho de Tese, antes, durante e após a pandemia. Sou grata por cada apoio, incentivo e conhecimento compartilhado ao longo desta jornada desafiadora.

À minha orientadora, professora Dra. Enilde Faulstich, pela expertise e orientação meticulosa. As sugestões perspicazes e encorajamento contínuo foram fundamentais para moldar o rumo deste estudo e para o meu crescimento acadêmico e pessoal.

A minha família, pelo apoio, em especial à minha mãe (Otília).

Aos professores Dr. Sherman Wilcox e Dr. Ronald Langacker, pela confiança e contribuições teóricas inestimáveis.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da UnB.

À comunidade surda, por ser fonte de inspiração, aprendizagem e fortalecimento para a realização desta pesquisa.

Por fim, agradeço aos amigos e todas as pessoas que torceram, acompanharam, incentivaram e contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização desta Tese.

Muito obrigada!

RESUMO

O tema deste estudo, iconicidade na criação de sinais-termo em Língua de Sinais Brasileira (LSB), está inserido na área de concentração Teoria e Análise Linguística, especificamente, na linha de pesquisa de Léxico e Terminologia do Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília. Nesta pesquisa, postulamos que a abstração mental do indivíduo – motivada por aspectos culturais, experiências corpóreas, conceituais ou contexto de uso – podem ser fatores fundamentais para que os traços icônicos do signo sejam reconhecidos, categorizados e assimilados para que o fenômeno da iconicidade ocorra. Para isso, por meio de abordagens qualitativas e descritivas, investigamos os processos cognitivos inerentes às abstrações conceituais motivadoras do indivíduo em relação à produção de sinais-termo em LSB que se relacionam com a ocorrência do fenômeno da iconicidade e propomos um modelo metodológico de análise da iconicidade com base nos estudos de Taub (1997, 2001), Wilcox (1992, 1993, 1995, 1998a, 1998b, 2000, 2001, 2002a, 2002b, 2003, 2004a, 2004b, 2013) e Faulstich (1993, 1995a, 1995b, 1997, 1998, 2001, 2002, 2003, 2006, 2007, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2020a, 2020b), com a finalidade de atendermos ao objetivo proposto de analisar a iconicidade no processo de criação de sinais-termo produzidos por pesquisadores surdos e não surdos do Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro LexTerm) da Universidade de Brasília. Por se tratar de uma proposta de investigação de um fenômeno – iconicidade – que necessita uma melhor compreensão em relação aos níveis de complexidade em que se apresenta, concluímos que a proximidade entre forma e significado é apenas a ponta do iceberg, pois identificamos que há diferenças entre as categorias visíveis (forma e representação da forma) e invisíveis (conceptualizações cognitivas) do signo, percebido e criado, que se relacionam de maneira complementar e sobrepostas por meio de associações e analogias no processo de construção de sentido do sinal-termo. Além disso, a iconicidade revelou-se um fenômeno variável, dinâmico. Por meio da análise detalhada e sistemática de exemplos, a pesquisa evidenciou a natureza dinâmica da iconicidade, identificou os campos conceituais semânticos relacionados aos sinais-termo analisados, mapeou os traços icônicos presentes nos sinais-termo em LSB e ressaltou a necessidade de considerar sistematicamente a inserção de registro dos traços motivados do sinal-termo nas fichas terminológicas e terminográficas. Ao enfatizar a importância da descrição conceptual explícita e da consideração da base cognitiva subjacente, abrimos novas possibilidades para a compreensão da relação entre forma e significado na linguagem e para a investigação dos processos cognitivos envolvidos na produção e compreensão linguística. Portanto, essa abordagem baseada em princípios da Linguística Cognitiva nos permitiu compreender como a iconicidade está enraizada em nossa cognição e a explorar novas perspectivas, bem como contribuir para outras pesquisas linguísticas.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva. Iconicidade. Língua de Sinais. Libras. Sinal-termo.

ABSTRACT

The theme of this study, iconicity in the creation of term-signs in Brazilian Sign Language (LSB), belongs to the concentration area of Theory and Linguistic Analysis, specifically in the research line of Lexicon and Terminology of the Postgraduate Program in Linguistics at the Department of Linguistics, Portuguese, and Classical Languages at the University of Brasília. In this research, we postulate that individual mental abstraction – motivated by cultural aspects, bodily experiences, conceptual considerations, or context of usage – can be fundamental factors for the recognition, categorization, and assimilation of iconic traits in signs, enabling the occurrence of iconicity. Therefore, through qualitative and descriptive approaches, we investigate the cognitive processes that belongs to individual conceptual abstractions regarding the production of term-signs in LSB that are related to the phenomenon of iconicity. We propose a methodological model of iconicity analysis based on the studies of Taub (1997, 2001), Wilcox (1992, 1993, 1995, 1998a, 1998b, 2000, 2001, 2002a, 2002b, 2003, 2004a, 2004b, 2013) and Faulstich (1993, 1995a, 1995b, 1997, 1998, 2001, 2002, 2003, 2006, 2007, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2020a, 2020b) to fulfill the proposed objective of analyzing iconicity in the process of creating term-signs produced by deaf and non-deaf researchers at the Lexical and Terminological Studies Center (Centro LexTerm) of the University of Brasília. From this perspective, as this investigation focuses on a phenomenon – iconicity – that requires a better understanding in relation to the levels of complexity in which it appears, we conclude that the proximity between form and meaning is just the tip of the iceberg. We have identified differences between visible categories (form and representation of form) and invisible categories (cognitive conceptualizations) of the sign, perceived and created, which relate to each other in a complementary and overlapping manner through associations and analogies in the process of constructing meaning of the term-sign. Furthermore, iconicity has been revealed as a variable and dynamic phenomenon. Through detailed and systematic analysis of examples, the research has shown the dynamic nature of iconicity, identified the semantic conceptual fields related to the analyzed term-signs in LSB, mapped the iconic traits present in these signs, and highlighted the importance of systematically considering the inclusion of motivated traits of the term-sign in terminological records. By emphasizing the importance of explicit conceptual description and considering the underlying cognitive basis, we open up new possibilities for understanding the relationship between form and meaning in language and for investigating the cognitive processes involved in linguistic production and comprehension. Therefore, this approach based on principles of cognitive linguistics has allowed us to better understand how iconicity is rooted in our cognition and to explore new perspectives while theoretically contributing to other linguistic research.

Keywords: Cognitive Linguistics. Iconicity. Sign Language. BSL. Term-sign.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Sinal de <i>banana</i> em Língua de Sinais Brasileira	16
Figura 2 – O triângulo de Ogden e Richards	31
Figura 3 – Esquema de signo proposto por Blikstein (1990)	32
Figura 4 – Esquema de cognição e olhar puro proposto por Blikstein (1990)	33
Figura 5 – Esquema de conceptualização do signo motivado.....	38
Figura 6 – Configurações de Mãos de Faria-do-Nascimento (2009) adaptado por Costa (2020).....	43
Figura 7 – Regras de locação dos sinais dentro da visologia tridimensional corporal	44
Figura 8 – Tipos de expressões faciais	45
Figura 9 – Modelo de construção analógica de iconicidade linguística do sinal de árvore	47
Figura 10 – Sinal de PENSAR-OUVINTE em ASL THINK-HEARING	51
Figura 11 – Sinal de DIZER em ASL SAY.....	52
Figura 12 – Ilustração comparativa entre o sinal PENSAR-OUVINTE e o sinal DIZER em ASL.....	53
Figura 13 – Política de língua	62
Figura 14 – Ilustração do léxico coração e sinal-termo coração.....	65
Figura 15 – Modelo de ficha terminológica bilíngue Português-Libras e Libras- português	68
Figura 16 – Estrutura metodológica da Tese	72
Figura 17 – Partes dos métodos que serviram de base para o constructo do modelo de análise proposto	81
Figura 18 – Modelo de Análise da Iconicidade em Língua de Sinais	82
Figura 19 – Modelo de Análise da Iconicidade do Sinal-Termo	83
Figura 20 – Modelo de seleção de imagem de Taub (1997).....	84
Figura 21 – Ilustração da abstração denotativa-pragmática.....	86
Figura 22 – Ilustração da abstração perceptiva-cognitiva	87
Figura 23 – Modelo de esquematização de Taub (1997).....	89
Figura 24 – Ilustração do mapeamento do esquema mental idealizado	91
Figura 25 – Ilustração das conexões das estruturas simbólicas A, B e C no processo de mapeamento mental idealizado.....	93

Figura 26 – Estrutura simbólica A.....	94
Figura 27 – Estrutura simbólica B	95
Figura 28 – Agrupamento das estruturas simbólicas A e B para compor o domínio cognitivo fonte do pesquisador.....	95
Figura 29 – Agrupamento das estruturas simbólicas A, B e C.....	96
Figura 30 – Ilustração do mapeamento do esquema mental idealizado	99
Figura 31 – Ilustração da codificação.....	100
Figura 32 – Ilustração da representação concreta do sinal-termo <i>coração</i>	104
Figura 33 – Descrição do sinal-termo <i>Reto-Abdominais</i> em Costa (2012).....	118
Figura 34 – Descrição do sinal-termo <i>Pentagrama</i> em Prometi (2013).....	119
Figura 35 – Descrição do sinal-termo <i>Ação e/ou Aventura</i> em Sousa (2015)	119
Figura 36 – Descrição do sinal-termo <i>Amordacar</i> em Nascimento (2019)	120
Figura 37 – Descrição do sinal-termo <i>Monitor</i> em Alves (2020)	121
Figura 38 – Descrição do sinal-termo <i>Teclado</i> em Alves (2020).....	122
Figura 39 – Descrição do sinal-termo <i>Sujeito</i> em Moreira (2021)	124
Figura 40 – Descrição do sinal-termo <i>Tarso</i> em Garcia (2021)	125

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Trabalhos sobre sinais-termo de diferentes autores.....	74
Quadro 2 – Dissertações e Teses sobre sinal-termo orientados por Faulstich.....	77
Quadro 3 – Lista de Unidades Terminológicas Simples em Dissertações.....	79
Quadro 4 – Lista de Unidades Terminológicas Simples em Teses	80
Quadro 5 – Categorização do sinal-termo <i>coração</i>	108
Quadro 6 – Categorização do sinal-termo <i>esqueleto</i>	111
Quadro 7 – Categorização do sinal-termo <i>braço</i>	113
Quadro 8 – Categorização do sinal-termo <i>mínima</i>	115
Quadro 9 – Categorização do sinal-termo <i>aluno</i>	116
Quadro 10 – Proposta de modelo de ficha terminográfica	127

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ASL	American Sign Language
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Centro LexTerm	Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos
CM	Configuração de Mão
DLSB	Dicionário de Língua de Sinais do Brasil
ENM	Expressões Não-Manuais
IES	Instituições de Ensino Superior
L1	Primeira língua
L2	Segunda língua
LabLibras	Laboratório de Linguística de Língua de Sinais Brasileira
LC	Linguística Cognitiva
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LIP	Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
LP	Língua Portuguesa
LSB	Língua de Sinais Brasileira
LSB-PSL	Língua de Sinais Brasileira – Português como Segunda Língua
LSF	Língua de Sinais Francesa
M	Movimento
NM	Número de Mãos
OR	Orientação da Palma da Mão
PA	Ponto de Articulação
PF	Polo fonológico
PPGL	Programa de Pós-Graduação em Linguística
PPPC	Projeto Político Pedagógico de Curso
PS	Polo semântico
SGI	Sinais de grande iconicidade
ST	Sinal-termo
UnB	Universidade de Brasília
UTC	Unidade Terminológica Complexa
UTS	Unidade Terminológica Simples

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 ÍCONE, ICÔNICO E ICONICIDADE NA LINGUÍSTICA	22
1.1 Introdução	22
1.2 Abordagem socioterminológica de Faulstich (1995a, 1995b)	22
1.3 Ícone, icônico e iconicidade	24
1.4 Signo, cognição e realidade	27
1.5 Síntese do Capítulo	39
2 ICONICIDADE E O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE SINAIS-TERMO EM LÍNGUA DE SINAIS	40
2.1 Introdução	40
2.2 Linguística Cognitiva.....	40
2.3 Parâmetros fonológicos das Línguas de Sinais	42
2.3.1 Configuração de Mão (CM)	42
2.3.2 Ponto de Articulação (PA).....	43
2.3.3 Movimento (M)	44
2.3.4 Orientação da Palma da Mão (OR)	44
2.3.5 Expressões Não-Manuais (ENM).....	45
2.3.6 Número de Mãos (NM).....	Erro! Indicador não definido.
2.4 Iconicidade em Língua de Sinais na teoria de Taub	46
2.5 Iconicidade em Língua de Sinais na teoria de Wilcox	48
2.5.1 Noção construtiva/interpretativa da iconicidade cognitiva	50
2.5.2 Noção de cultura da iconicidade cognitiva	51
2.5.3 Noção de mapeamento da iconicidade cognitiva	54
2.6 Iconicidade em Língua de Sinais na teoria de Cuxac	55
2.6.1 Iconicidade das unidades com finalidade ilustrativa	56
2.6.2 Iconicidade de signos não ilustrativos	57
2.7 Processo de criação de sinal-termo de Faulstich.....	58
2.7.1 Reconhecimento e identificação do público-alvo.....	66
2.7.2 Delimitação das áreas pesquisadas.....	66
2.7.3 Coleta e organização dos dados	66
2.7.4 Organização do glossário.....	68
2.7.5 Teste de validade	69

2.8 Síntese do Capítulo	70
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	72
3.1 Introdução	72
3.2 Pressupostos metodológicos.....	72
3.3 Critérios de seleção e coleta dos dados.....	73
3.4 Proposta de método de análise da iconicidade em Língua de Sinais.....	81
3.5 Síntese do Capítulo	82
4 ANÁLISE DOS DADOS	83
4.1 Introdução	83
4.2 Modelo Analógico de Análise da Iconicidade do Sinal-Termo.....	84
4.2.1 Passo 1 – Seleção de características do referente: o que é? Para que serve? Como é percebido?	84
4.2.2 Passo 2 – Mapeamento do esquema mental idealizado	89
4.2.3 Passo 3 – Codificação.....	100
4.2.4 Passo 4 – Sinal-termo com tendência ou força + icônica, - icônica ou + icônica	101
4.3 Proposta de descrição do fenômeno da iconicidade em ficha terminológica ou terminográfica	117
4.4 Síntese do Capítulo	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS.....	134
ANEXOS	145
Anexo A – Sinal-termo <i>sujeito</i> da tese de Moreira (2021).....	146
Anexo B – Sinal-termo <i>objeto</i> da tese de Moreira (2021)	147
Anexo C – Sinal-termo <i>tarso</i> da tese de Garcia (2021).....	148
Anexo D – Sinal-termo <i>quadril</i> da tese de Garcia (2021).....	149
Anexo E – Sinal-termo <i>espermatozoide</i> da Tese de Costa (2021)	150
Anexo F – Sinal-termo <i>coração</i> da tese de Costa (2021).....	151
Anexo G – Sinal-termo <i>semeadeira</i> da dissertação de Almeida (2020).....	152
Anexo H – Sinal-termo <i>retroescavadeira</i> da dissertação de Almeida (2020).....	153
Anexo I – Sinal-termo <i>teclado</i> da dissertação de Alves (2020).....	154
Anexo J – Sinal-termo <i>monitor</i> da dissertação de Alves (2020)	155
Anexo K – Sinal-termo <i>feminicídio</i> da dissertação de Santos (2019)	156
Anexo L – Sinal-termo <i>episiotomia</i> da dissertação de Santos (2019).....	157

Anexo M – Sinal-termo <i>amordacar</i> da dissertação de Nascimento (2019) ...	158
Anexo N – Sinal-termo <i>arrolar</i> da dissertação de Nascimento (2019).....	159
Anexo O – Sinal-termo <i>crédito</i> da tese de Tuxi (2017).....	160
Anexo P – Sinal-termo <i>aluno</i> da tese de Tuxi (2017)	161
Anexo Q – Sinal-termo <i>abdicação</i> da dissertação de Felten (2016).....	162
Anexo R – Sinal-termo <i>ocupação</i> da dissertação de Felten (2016).....	163
Anexo S – Sinal-termo <i>comédia</i> da dissertação de Sousa (2015)	164
Anexo T – Sinal-termo <i>claquete</i> da dissertação de Sousa (2015)	165
Anexo U – Sinal-termo <i>briófitas</i> da tese de Castro Júnior (2014).....	166
Anexo V – Sinal-termo <i>predador</i> da tese de Castro Júnior (2014)	167
Anexo W – Sinal-termo <i>mínima</i> da dissertação de Prometi (2013).....	168
Anexo X– Sinal-termo <i>pentagrama</i> da dissertação de Prometi (2013).....	169
Anexo Y – Sinal-termo <i>esqueleto</i> da dissertação de Costa (2012).....	170
Anexo Z – Sinal-termo <i>braço</i> da dissertação de Costa (2012).....	171

INTRODUÇÃO

O tema deste estudo, a iconicidade na criação de sinais-termo em Língua de Sinais Brasileira (LSB), está inserido na área de concentração Teoria e Análise Linguística, especificamente na linha de pesquisa Léxico e Terminologia do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) da Universidade de Brasília (UnB).

O estudo da iconicidade na Língua de Sinais Brasileira tem despertado interesse de linguistas desde o avanço dos estudos da linguística cognitiva, como Taub (2001), Cuxac e Sallandre (2003) e Wilcox (2004). É possível inferir que esse interesse decorre da intenção de explorar outro ponto de vista e complementar a visão saussuriana da linguagem que, por muitos anos, centrou-se em uma perspectiva estruturalista de formas linguísticas. Segundo a visão saussuriana, as construções icônicas e arbitrárias da relação entre forma e significado no processo de estruturação da língua, privilegia o aspecto arbitrário como característica principal e fator determinante para a legitimação do fenômeno linguístico.

Desse modo, os estudos estruturalistas provocaram uma espécie de estagnação nos estudos semânticos e no avanço de pesquisas sobre as estruturas icônicas da linguagem, uma vez que a noção estruturalista que privilegiava a característica arbitrária da língua foi aceita pelos pesquisadores. Assim, as Línguas de Sinais, ao serem institucionalizadas, desde a experiência educacional desenvolvida pelo Abade Charles-Michel de l'Épée no ensino da Língua de Sinais Francesa, sofreram severas críticas e depreciação por causa da natureza arbitrária do signo. Entre as principais críticas, segundo Cuxac (1993), era a de que a Língua de Sinais apresentava, de forma aparente, uma estrutura semiótica mais icônica do que arbitrária, porque não apresentava as características mínimas necessárias, logo seria inapta para ser considerada uma língua.

Outra crítica à Língua de Sinais referiu-se à estrutura atípica: a iconicidade, a forma de uso do corpo para estabelecer comunicação e os parâmetros linguísticos (Configuração de Mão (CM), Orientação da Palma da Mão (OR), Expressões Não Manuais (ENM), Ponto de Articulação (PA) e Movimento (M)) geraram questionamentos sobre a capacidade do usuário de Língua de Sinais de transmitir pensamentos complexos, profundos e abstratos por meio da língua visuoespacial.

Esses questionamentos sobre o uso da Língua de Sinais, resultantes do contraste entre a estrutura atípica em relação à estrutura linguística das línguas orais, foram suficientes para reforçar a ideia equivocada, na perspectiva da psicologia, no Congresso de Milão em 1880, de que as Línguas de Sinais deveriam ser banidas das escolas por atrasarem o desenvolvimento cognitivo complexo das pessoas com surdez, em vez de auxiliá-las durante o processo de ensino e aprendizagem.

Após uma lacuna temporal sobre a Língua de Sinais, preenchida por muitas lutas, preconceitos sofridos e resistência da comunidade surda, desde 1960, acompanhamos a construção de outro cenário favorável às Línguas de Sinais. As pesquisas desenvolvidas por Stokoe (1960) evidenciaram por meio de métodos científicos que as Línguas de Sinais possuíam uma estrutura linguística própria e características arbitrárias que possibilitavam transmitir informações complexas, assim como as línguas orais. Sob essa perspectiva, Stokoe (1960) atestou que a Língua de Sinais era uma língua e que, do mesmo modo que a língua oral, deveria ser aceita e estudada.

Nesse contexto, houve aceitação e ampliação dos estudos de Stokoe (1960), entretanto por ser comum os teóricos adotarem teorias linguísticas que enfatizavam a característica arbitrária da língua, mais uma vez, a iconicidade teve que ser deixada de lado, pois os pesquisadores preocuparam-se em desconstruir as associações feitas entre Língua de Sinais e mímica ou pantomima, em prol de fundamentar o postulado de existência da arbitrariedade na estrutura linguística das Línguas de Sinais. Diante desse cenário, seria arriscado evidenciar as características icônicas da Língua de Sinais.

Após ampla aceitação da Língua de Sinais como língua e com o surgimento e o avanço da Linguística Cognitiva e de tecnologias, as Línguas de Sinais ganharam destaque e reconhecimento como um fenômeno para a construção de sentido de uma língua por diferentes linguistas, como Givón (1995) e Neves (2018). Em publicações recentes, por exemplo, Silva-Júnior e Xavier (2021, p. 1) compartilharam o pensamento de Bodo Winter, que defende que “a iconicidade seja considerada uma das características universais das línguas e não, como Saussure (2012 [1916]) e Hockett (1960), a arbitrariedade, a qual considera epifenomenal”.

Apesar de, nos últimos anos, a iconicidade e a Língua de Sinais terem recebido atenção de pesquisadores, os estudos sobre esses temas ainda são

escassos, especialmente quando se trata da relação entre o fenômeno e a LSB. Nessas pesquisas, por sua vez, é possível encontrarmos divergências, pois assim como há teorias que interpretam a iconicidade como um simples processo objetivo e motivado pela relação transparente entre forma e significado – Boyes-Braem (1986) e outros –, também existem pesquisadores que discordam dessa relação objetiva, comumente encontrada na literatura, entre transparência e iconicidade. Outros estudos reconhecem o caráter mais complexo e profundo do fenômeno, ao compreendê-lo como um constructo da relação entre o mapeamento de uma representação mental da forma articulatória, mapeamento da conceptualização mental do referente e a influência da experiência do indivíduo que interpreta o signo – P. Wilcox (2000), S. Wilcox (2004), Occhino *et al.* (2017), Faulstich (2020a), Silva-Júnior e Xavier (2021), dentre outros.

As contradições entre as perspectivas de interpretação sobre o que é iconicidade são, em si, uma evidência da necessidade de explorar e compreender melhor a complexidade do fenômeno de maneira teórica e experimental. Nesta Tese, investigamos a iconicidade por meio da Linguística Cognitiva - LC, por ser uma corrente teórica de estudos linguísticos que contribui de maneira significativa para a ampliação de investigações semânticas, semióticas e cognitivas em relação a esse fenômeno.

Outra justificativa para o desenvolvimento desta Tese surgiu de um levantamento informal sobre o fenômeno da iconicidade linguística em uma aula da disciplina Lexicologia e Lexicografia, ministrada pela Professora Dra. Enilde Faulstich, docente da área de concentração Teoria e Análise Linguística, especificamente na linha pesquisa de Léxico e Terminologia do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) da Universidade de Brasília (UnB). Nesse curso, revelou-se a necessidade de uma melhor compreensão dos fatores que circundam a conceptualização da iconicidade para avançarmos em estudos na perspectiva de análise cognitiva na LSB.

Durante uma atividade de levantamento informal sobre a iconicidade, em uma sala de aula constituída por alunos de diferentes origens, a saber, Bahia, Piauí, Brasília e o povo indígena Baniwa do Amazonas, a professora Dra. Enilde Faulstich mostrou o sinal usual de *banana* em LSB para os presentes e os questionou sobre a existência de relação familiar entre o sinal e o objeto existente no mundo que o sinal

representava. Nesse momento, a professora Faulstich introduziu o tópico iconicidade na construção de sentido do léxico e a importância das contribuições linguísticas nesse processo. Para tanto, escolheu um sinal considerado entre os usuários de LSB como exemplo de léxico icônico. Segundo Klima e Bellugi (1979), Boyes-Braem (1981), Thompson *et al.* (2009), Bosworth e Emmorey (2010), entre outros, um sinal é considerado icônico quando há uma aproximação entre a forma e o significado do objeto que representa, ou seja, quando o sinal é facilmente relacionado ao referente em um processo transparente de iconicidade. Ao levarmos em consideração esse pressuposto, observamos que o parâmetro movimento da estrutura linguística da Língua de Sinais Brasileira aproximava-se da forma como o objeto real – a fruta banana – era comumente preparado pelos indivíduos antes do consumo (Figura 1).

Figura 1 – Sinal de *banana* em Língua de Sinais Brasileira



Fonte: Elaborado pela autora

Após observarem a execução do sinal de *banana* (Figura 1), os alunos de Brasília (não usuários de Língua de Sinais), da Bahia (não usuário de Língua de Sinais, mas que possuem contato com LSB), do Piauí (usuário de LSB como segunda língua (L2)) e um aluno indígena do Amazonas (não usuário de Língua de Sinais) apresentaram respostas distintas sobre a possível transparência icônica esperada, que demonstra a existência de outros fatores além da linguística, como cognitivo, subjetivo e cultural para a percepção do fenômeno da iconicidade.

Os participantes de Brasília, não usuários de Língua de Sinais, perceberam uma relação de semelhança entre o movimento do sinal e o formato do objeto no

mundo real. O participante da Bahia – não usuário de Língua de Sinais, mas que possui contato com LSB – e o do Piauí – usuário de LSB como L2 – observaram relação de semelhança entre o parâmetro movimento do sinal de *banana* e a forma de ação que exige o verbo “descascar” durante o manuseio do objeto referenciado, mas não em relação à forma de uma banana em si. O participante indígena do Amazonas, por sua vez, não observou qualquer relação do sinal com o objeto no mundo que representa, porque, na cultura dele, a banana ainda verde não se descasca, mas se chupa. Em outras palavras, para o aluno indígena, os parâmetros linguísticos utilizados para a construção de sentido do sinal de *banana* em LSB não apresentavam nenhuma relação transparente com a forma, nem com o contexto ou modo de uso da fruta banana que conhecia.

A discussão dessa questão com colegas em sala de aula levou-nos a constatar que os traços icônicos que aproximam um signo do objeto que o representa podem não ser suficientes para a construção de sentido do sinal e para fomentar a ocorrência do fenômeno da iconicidade. Nesse caso, observamos que todos os participantes, naturalmente, foram além dos fatores de aproximação entre forma e significado para concluir se o sinal *banana* em LSB era ou não icônico. Em outras palavras, os participantes recorreram também às experiências culturais, corpóreas, entre outras, presentes no estado de coisas que construíram ao longo da vida, para reconhecer, categorizar e assimilar o objeto que analisaram em sala de aula como icônico ou não. Esse breve experimento ocorreu no campo da percepção do sinal. Isso demonstra que as experiências corpóreas distintas vividas pelos participantes da disciplina poderiam ser fatores que influenciariam nos modos diferentes de percepção dos traços icônicos do sinal *banana*.

Essa atividade de levantamento informal nos motivou a conjecturar que as inferências que fizemos em relação à atividade relatada corroboram os estudos desenvolvidos por Occhino *et al.* (2017), que defendem que a iconicidade é cognitiva e está nos olhos de quem vê, no campo da percepção. Além disso, a atividade revelou a necessidade de explorarmos o fenômeno da iconicidade cognitiva no campo da produção de sinais, ou seja, no processo de criação de sinal-termo em LSB, nos fazendo questionar se o fenômeno também está nos olhos de quem produz.

No que se refere aos estudos de teorias linguísticas e metodológicas de criação de sinal e termo em LSB, vale ressaltar que o Centro de Estudos Lexicais e

Terminológicos (Centro LexTerm), da Universidade de Brasília (UnB), destaca-se em diferentes pesquisas (Costa (2012), Prometti (2013), Felten (2016), Nascimento (2016) e Tuxi (2017), entre outras) como referência nacional e internacional nas áreas da Terminologia, Terminografia, Lexicologia e Lexicografia, com pesquisas fundamentadas na linguística teórica e na aplicação de teorias linguísticas e metodológicas aos usos e criações terminológicas, terminográficas, lexicológicas e lexicográficas.

O processo de criação de sinais-termo do Centro LexTerm bem como seu conceito foram criados por Faulstich e divulgados pela primeira vez na dissertação de mestrado de Costa (2012), sob a orientação da pesquisadora Enilde Faulstich. Como contribuição de ordem prática, por meio da iniciativa de criação de sinais-termo, Faulstich (2016; 2020) propôs uma harmonização de atos de comunicação interativos com a finalidade de difundir essa ideia de terminologia emergente que objetiva uma harmonização linguística entre termo, sinal e sinal-termo relacionados a categorias motivadoras de harmonização linguística pela acessibilidade, pela educação e pela política de línguas.

Diante do exposto, consideramos que os sinais-termo criados em pesquisas desenvolvidas por surdos e não surdos, que seguem um modelo adaptado do processo metodológico na criação de glossários bilíngues desenvolvidos por Faulstich (1995a), no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro LexTerm) da Universidade de Brasília (UnB) poderão servir de base para confirmar ou refutar o postulado de que o banco de informações cognitivas ou “estado de coisas” do sujeito interpretante, que foi construído por meio de experiências corpóreas em contato com o mundo que o cerca, pode ser um dos fatores fundamentais para que os traços icônicos do signo ou do contexto de uso em que está inserido sejam reconhecidos, categorizados e assimilados para que o fenômeno da iconicidade ocorra, não somente no processo de percepção, mas também no processo de produção de sinais.

Diante disso, a proposta de investigação desta pesquisa mostra-se complexa e emergente, visto que, após buscarmos por meio dos termos “iconicidade e Língua Brasileira de Sinais (Libras)”, “Iconicidade e Língua de Sinais Brasileira (LSB)”, “iconicidade na Libras” ou “iconicidade em sinais-termo da LSB” na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Periódicos da CAPES, Portal Domínio Público, Google Acadêmico e Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES até o

ano de 2023, vimos que há registros de estudos da iconicidade em nível fonológico, morfológico, aspectos metafóricos e outros em relação aos léxicos comuns da LSB (Capovilla; Martins, 2020; Xavier; Ferreira, 2021).

Porém, apenas três pesquisas se aproximam desta proposta de Tese, a saber: Xavier e Santos (2017); Brito *et al.* (2021) e Souza *et al.* (2021). Esses trabalhos mencionados pesquisam o fenômeno da iconicidade em termos da LSB e utilizam como base teórica os estudos de Taub (2001) e Wilcox (2004). Contudo, é somente no estudo de Souza *et al.* (2021) que a iconicidade é explorada dentro do conceito de sinal-termo proposto por Faulstich e Costa (2012), conceito este também explorado nesta Tese. Enquanto Souza *et al.* (2021) analisaram traços icônicos de um grupo de sinais-termo no campo perceptual “plantas medicinais”, retirados do Dicionário de Língua de Sinais do Brasil (DLSB) de Capovilla *et al.* (2017), nossa proposta centra-se na iconicidade durante o processo de criação de sinais-termo feito por surdos e não-surdos, em diferentes áreas de especialidade, que envolve processos cognitivos essenciais a serem considerados.

Concordamos com Occhino *et al.* (2017) quando dizem que “a iconicidade está nos olhos de quem vê” e acrescentamos que a iconicidade também está nos olhos de quem produz um signo linguístico. Com base nesse estudo experimental de Occhino *et al.* (2017) e apoiados nos fundamentos cognitivistas de Wilcox (2000), Taub (2001), Wilcox (2004), Faulstich (2007), Silva-Júnior e Xavier (2021), elaboramos a seguinte hipótese: a abstração mental do indivíduo, motivada por aspectos culturais, experiências corpóreas, conceituais ou contexto de uso, pode ser um fator fundamental para que os traços icônicos do signo sejam reconhecidos e categorizados para que o fenômeno da iconicidade seja motivador da produção e percepção de sinais em LSB. Por essa razão, postulamos que a proximidade entre forma e significado é apenas a ponta do iceberg, pois há diferenças entre as categorias visíveis (forma e representação da forma) e invisíveis (abstrações mentais) do signo, em que uma não anula a outra, pelo contrário, se complementam.

Dessa maneira, compreendemos a iconicidade como um fenômeno cognitivo capaz de articular uma cadeia de interpretantes para um mesmo objeto com base na relação entre os traços icônicos do signo, o contexto de uso em que está inserido e as abstrações mentais interpretantes do indivíduo. Para isso, vamos responder à seguinte questão: Qual o papel da iconicidade no processo de criação de sinais-termo em LSB? Para responder a essa pergunta, analisamos o objeto deste estudo

– o fenômeno da iconicidade no processo de criação de sinais-termo de diferentes áreas de especialidade – Música, Nutrição, Gastronomia, Ciências, Medicina, História, entre outros – produzidos por pesquisadores surdos e não surdos do Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro LexTerm), do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP), da Universidade de Brasília (UnB) – com a finalidade de atingirmos os seguintes objetivos:

- I. Identificar os campos conceptuais semânticos do contexto da área de especialidade por meio de sinais-termo;
- II. Mapear os traços icônicos que colaboram para o fenômeno da iconicidade nos sinais-termo da LSB;
- III. Categorizar a produção de sinais icônicos utilizados na criação de sinais-termo da LSB;
- IV. Analisar a necessidade de acréscimo do fenômeno da iconicidade de forma sistematizada na ficha terminológica dos sinais-termo da LSB proposto por Faulstich (1995a).

Para o cumprimento dos objetivos propostos, estruturamos esta Tese em cinco capítulos. No primeiro capítulo, antes de falarmos “de” e refletirmos “sobre” a iconicidade na criação de sinais-termo em Língua de Sinais Brasileira, discorreremos sobre o processo socioterminológico evolutivo do conceito de iconicidade até a construção da conceptualização teórica na perspectiva cognitiva, para uma melhor compreensão sobre o fenômeno. Nesse sentido, esclarecemos as motivações para o surgimento do conceito de iconicidade no campo linguístico e os fatores que o diferenciam de outros termos familiares, como ícone e icônico, assim como relacionamos esses com iconicidade, com base no método socioterminológico desenvolvido por Faulstich (1995a), na teoria de Blikstein (1990) e de outros teóricos.

No segundo capítulo, apresentamos a perspectiva da Linguística Cognitiva sobre a iconicidade e as contribuições das teorias para o avanço dos estudos cognitivos da Língua de Sinais Brasileira. Além disso, fizemos uma descrição sobre os parâmetros linguísticos da Língua de Sinais e apresentamos as perspectivas teóricas de Taub (1997, 2001), Wilcox (1992, 1993, 1995, 1998a, 1998b, 2000, 2001, 2002a, 2002b, 2003, 2004a, 2004b, 2013), Cuxac (1993, 1996, 1997a, 1997b, 1999, 2000a, 2000b, 2001, 2003, 2004) e Faulstich (1993, 1995a, 1995b, 1997, 1998, 2001, 2002, 2003, 2006, 2007, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2020a,

2020b) sobre a iconicidade e léxico em Língua de Sinais para uma melhor compreensão metodológica da proposta do modelo de análise da iconicidade descrita no quarto capítulo.

No terceiro capítulo, destinado à metodologia deste estudo, descrevemos a abordagem qualitativa e os processos da proposta metodológica de análise da iconicidade. Na primeira seção, descrevemos as etapas do processo de seleção e categorização dos dados coletados por meio de pesquisas desenvolvidas por pesquisadores surdos e não surdos do Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro LexTerm), do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP), da Universidade de Brasília (UnB), com a finalidade de atingirmos os objetivos propostos deste estudo. Na segunda seção, ilustramos a proposta de análise da iconicidade, estruturado em quatro etapas: etapa 1 – Abstrações denotativas-pragmática e Abstrações perceptivas-cognitiva; etapa 2 – Esquematização mental idealizada; etapa 3 – Codificação; e etapa 4 – Categorização em *tendência* ou *força* + icônica ou - icônica.

No quarto capítulo, por sua vez, descrevemos e aplicamos as quatro etapas do modelo metodológico de análise da iconicidade em Língua de Sinais Brasileira aos sinais-termo coletados. Além disso, fizemos a análise e discussão dos resultados obtidos com base nas teorias do Capítulo 2. Por fim, apresentamos as conclusões e contribuições desta Tese para o aprofundamento dos estudos da iconicidade em Língua de Sinais.

1 ÍCONE, ICÔNICO E ICONICIDADE NA LINGUÍSTICA

1.1 Introdução

Neste capítulo, apresentamos uma discussão acerca dos termos *ícone*, *icônico* e *iconicidade*. Com o intuito de esclarecer os respectivos conceitos, partimos da perspectiva da análise socioterminológica desenvolvida por Faulstich (1995a).

Ao analisar termos, é preciso conhecermos as condições socioterminológicas, na diacronia ou na sincronia, nos campos de especialidade em que se inserem. Para que os padrões socioterminológicos existentes possam ser definidos, também se faz necessário compreender a relação entre o estudo da língua e a interpretação dos fenômenos linguísticos do objeto em si.

Nessa direção, estruturamos o capítulo com vistas a apresentar uma breve discussão teórica sobre os estudos socioterminológicos de Faulstich (1995a, 1995b, 1997, 2001, 2006) para, posteriormente, relacioná-los aos matizes conceptuais que aproximam e distinguem os significados de ícone, icônico e iconicidade, como veremos a seguir.

1.2 Abordagem socioterminológica de Faulstich (1995a, 1995b)

A Lexicologia e a Terminologia são áreas de estudo que se ocupam, respectivamente, de analisar os aspectos linguísticos do léxico da língua comum – o lexema – e o léxico empregado em linguagens de especialidade – o termo. Faulstich (1995b) observa que a distinção decorre da inter-relação das circunstâncias da situação de uso. Assim, a autora afirma:

Os novos conceitos científicos e técnicos precisavam ser resumidos numa expressão denominadora (termo) para que a referência pudesse ser conhecida. Agora já não era mais a palavra e seu significado (sema) que estavam em primeiro lugar como na descrição lexicográfica, mas eram os objetos, a denominação das coisas (onoma) que surgiam e que exigiam um “marco divisionário” (terminu) entre a língua geral e a especialidade criada, parte integrante de uma realidade designativa (Faulstich, 1997, p. 82).

Antes disso, Faulstich (1995a) observou que o lexema e o termo ultrapassam as fronteiras de apenas nomeação ou prescrição do objeto analisado e passa a

descrevê-lo e analisá-lo em diferentes contextos sociais de uso e em diferentes línguas. Trata-se de uma proposta de análise socioterminológica do léxico de modo contextualizado ao acentuar que a Terminologia entrava “em uma nova era”, ou seja, já exigia uma “releitura”.

A proposta de “releitura” apresentada por Faulstich (1995b, p. 1) não consistia no estabelecimento de um confronto entre as sensíveis percepções de mudanças teóricas da pesquisadora e a teoria tradicional firmada por Eugen Wüster, que, por volta do fim do século XIX e início do século XX, desenvolveu e apresentou à academia linguística a Teoria Geral da Terminologia por meio de duas publicações, a saber: *Die internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektronik* (1931) e o *Dictionnaire multilingue de la machine-outil: notions fondamentales* (1968). As publicações de Wüster pouco atentaram para o lado social da terminologia, uma vez que o foco do engenheiro era a técnica.

Em contrapartida, nas publicações de Faulstich (1995a), defende-se, no lugar da “prescrição”, do ponto de vista de Wüster (1998), é importante ter a “descrição” das informações terminológicas de modo a considerar os fatores socioculturais inerentes aos termos. Com base na defesa desse pressuposto e apoiada em bases epistemológicas, Faulstich (1995a; 2001) evidencia que a abordagem socioterminológica tem caráter interdisciplinar e centra-se nos estudos das características de variação dos termos no universo da Terminologia, pois consiste em uma disciplina que possui metodologia própria para sistematização e aprimoramento do termo e de variantes. Nas palavras da pesquisadora:

A socioterminologia é, portanto, um ramo da terminologia que se propõe a refinar o conhecimento dos discursos especializados, científicos e técnicos, a auxiliar na planificação linguística e a oferecer recursos sobre as circunstâncias da elaboração desses discursos ao explorar as ligações entre a terminologia e a sociedade. Uma teoria socioterminológica se assenta em princípios e fundamentos que constituem os eixos principais de uma revisão prática e subsidiam as reformulações do que se fazia em anos anteriores (Faulstich, 2006, p. 4).

Nesse sentido, compreendemos que a abordagem socioterminológica defendida pela pesquisadora é a que se adequa à proposta deste capítulo, dos traços que aproximam e que distinguem os termos *ícone*, *icônico* e *iconicidade*. Consideramos que esse método auxilia a compreensão das propriedades sociais, linguísticas e pragmáticas que exploram as ligações entre os termos mencionados e

a sociedade. Além disso, a abordagem socioterminológica propicia a compreensão das motivações das variadas acepções do termo iconicidade, para definirmos o papel da iconicidade no processo de criação de sinais-termo em LSB, objeto de análise desta Tese. Para prosseguir nessa questão, discutiremos sobre os termos supracitados na próxima seção.

1.3 Ícone, icônico e iconicidade

Um dos fundamentos da abordagem socioterminológica de Faulstich (1995a) é, além dos aspectos sociais, observar os fatores estruturais linguísticos inerentes aos termos, à medida que a socioterminologia se ocupa da identificação e da categorização dos termos de acordo com o contexto de uso. Assim, observamos que um dos primeiros traços constatado em *ícone*, *icônico* e *iconicidade*, na estrutura morfológica, é a mesma partícula referente ao radical – *icon*.

Por serem originadas da palavra grega *εἰκών*, que significa imagem, semelhança, forma ou aparência (Houaiss, 2009), essa é a primeira evidência que mostra a motivação de pesquisadores comumente relacionarem os conceitos ícone, icônico e iconicidade a imagem, por uma motivação semântica, seja concreta, abstrata ou mental. Além disso, por vezes, essa associação provoca matizes de interpretações muito semelhantes, como em casos em que os termos ocorrem com definições equivalentes, associados a uma mera representação da realidade ou grau de semelhança entre a forma e a coisa representada, como se fossem termos variantes.

Essa recorrente relação entre imagem e realidade transmite a falsa sensação de ícone, icônico e iconicidade serem termos fáceis de serem compreendidos, estudados e analisados. A verdade é que, desde os primórdios da humanidade, as representações imagéticas dizem muito mais do que os nossos olhos permitem ver. Pensadores como Platão e Aristóteles já percebiam essa complexidade quando discutiam sobre o campo das ideias. Logo, com o passar do tempo, outros teóricos e pensadores também se interessaram em dar continuidade às reflexões complexas sobre o campo das ideias apresentadas por esses pesquisadores, como Dik (1978, p. 105), que o conceptualiza como um “estado de coisas” ou como “a concepção de algo que pode ser entendido em algum mundo”. É a conceptualização do campo das

ideias adotada por Dik (1978) como “estado de coisas” que Faulstich (1995b, 1997, 2001, 2006) utiliza na abordagem socioterminológica de análise.

Desse modo, as reflexões platônicas e aristotélicas serviram de base para os avanços nos estudos linguísticos, semióticos, filosóficos e, por conseguinte, para os estudos cognitivos, entre outras áreas do conhecimento, pois a conjectura sobre descrição, interpretação do mundo e da realidade pressupõe reflexões sobre os processos sígnicos por meio dos quais são desenvolvidas as práticas comunicacionais, culturais e sociais entre o homem e os fenômenos que o cercam.

Se o campo das ideias – imagens mentais – descrito por Platão e Aristóteles gerou possibilidades de o homem ser capaz de desenvolver um sistema sígnico que representasse o modo como o indivíduo se expressava, compreendia e interpretava o mundo, logo o signo tornou-se um objeto de estudo fundamental para se encontrar meios de respostas para diversos questionamentos que repercutem na linguística até a atualidade.

Com os avanços no modo de olhar para o signo, o termo *ícone* deixa de ser usado e compreendido desde a primeira ocorrência, datada em 1833, nas igrejas orientais, conforme o dicionário Houaiss (2009), como apenas uma representação artística de divindade de temas religiosos para um conceito no âmbito da semiologia e semiótica ou, posteriormente, uma representação visual no contexto tecnológico, em direção a conceptualizações mais profundas em diferentes áreas. De acordo com Faulstich (1995a), essas diferentes conceptualizações do termo trata-se de variantes terminológicas:

O princípio subjacente da pesquisa socioterminológica é o registro de variante(s) que leva em conta os contextos social, situacional, espacial e lingüístico em que os termos circulam; não abandona também a frequência de uso, se for este o método escolhido pelo especialista. (Faulstich, 1995a, p. 8).

Seguindo esse princípio socioterminológico, observamos que outro traço comum entre os termos analisados neste capítulo é que todos apresentam variantes por serem utilizados em diferentes áreas de especialidade, como a tecnológica, a filosófica, a linguística e a psicológica. Entretanto, é na linguística, especificamente na semiótica, que os termos são relacionados aos estudos do signo.

Os ícones, em semiótica, para Peirce (2015 [1967]) e Beuchot (2016), “são os mais representativos entre os signos e [...] se baseiam nas representações”

(Beuchot, 2016, p. 19). Essas representações sígnicas foram objeto de estudo da semiótica e da semiologia, consideradas os campos de pesquisa dos signos, sistemas e processos sígnicos. Apesar de analisarem o mesmo objeto (o signo), os campos apresentavam perspectivas de estudos diferentes, porém complementares. Enquanto Saussure (2012 [1916]) – semiologia – investigou a relação que os signos mantinham dentro de um sistema estruturalista, Peirce (2015 [1967]) – semiótica – analisou o processo de conceptualização do signo feito pelo pensamento.

Na concepção de Saussure (2012 [1916]), o signo é constituído pela dupla articulação entre significante – imagem acústica do objeto físico ou imaginado – e significado – conceito ou ideia transmitida pelo signo –, mas sem qualquer relação de semelhança. Dessa forma, o autor considera o signo como invariavelmente arbitrário e imotivado. Em contraponto, Peirce (2015 [1967]) analisa o signo por meio de uma visão tricotômica – o representante, o objeto denotado e o interpretante; ícone, índice e símbolo – e sugere que o signo também pode ser motivado, além de considerar fatores como imagem, semelhança, forma ou aparência, as mesmas características que definem a partícula morfológica comum entre os termos *ícone*, *icônico* e *iconicidade*, originada do grego *εἰκών*, ícone.

O radical é um morfema que carrega a base de significação de uma palavra, além de revelar a história e origem, portanto, a diacronia. Geralmente, esse morfema vem seguido de afixos derivacionais, que são elementos que se unem à raiz modificando o sentido do radical. No caso dos termos analisados, *ícone*, *icônico* e *iconicidade*, o morfema **icon** indica que eles apresentam uma relação familiar diacrônica, mas os afixos revelam construções de sentidos diferentes, ou seja, eles não são termos variantes coocorrentes, assim caracterizados por Faulstich: “[...] quando se tem dois ou mais termos que se relacionam entre si, podendo ser intercambiáveis numa mesma situação de fala. Além disso, dois ou mais termos podem ter significados iguais ou semelhantes, sem prejudicar o conteúdo do texto” (2001, p. 22).

Assim como há termos diferentes para um mesmo conceito, há também conceitos diferentes para o mesmo termo, mas, no caso dos termos *ícone*, *icônico* e *iconicidade*, não se trata de uma sinonímia terminológica. Nesse sentido, seria incoerente dizer que todo ícone é icônico ou que todo ícone icônico é iconicidade ou que um termo pode substituir o outro numa relação de familiaridade. Seguindo o pressuposto de análise socioterminológica desenvolvido por Faulstich (1995a), o

primeiro passo para compreendermos os matizes semânticos canônicos e pragmáticos dos termos no campo linguístico é fazer as seguintes perguntas: “o que é? e para que serve?” o objeto analisado (Faulstich, 2014, p. 374).

Sabemos que os três termos têm em comum uma explícita referência familiar a imagem, mas, no campo linguístico que nos interessa descrever, o que eles significam e qual a função deles na construção de conceptualização do signo? Para responder a esse questionamento, nos aprofundaremos na relação entre o signo e a realidade fabricada. Nesse sentido, na próxima seção, consideraremos a visão tricotômica de Peirce (2015 [1967]) e de outros autores que dialogam com esse autor, visto que essa perspectiva da teoria de signos considera o interpretante e é a que mais se aproxima do postulado sobre iconicidade defendido nesta Tese.

1.4 Signo, cognição e realidade

Desde os primórdios da humanidade, os cinco sentidos do corpo – olfato, audição, paladar, tato e visão –, a mente e a autoconsciência corporal adquirida por meio das experiências foram nossas principais referências para compreendermos nossa existência e o mundo de informações que nos rodeia (Saraiva, 2014; Everett, 2019). Antes do desenvolvimento da plasticidade cerebral, Saraiva (2014, p. 504) explica, por meio dos estudos sobre cérebro, evolução e linguagem, que, ao longo dos anos, ocorreu uma série de eventos e inovações cronológicas que permitiram “o surgimento, a expansão e eficiência do cérebro”, desde a origem do homem até a atualidade. Essas características evolutivas, segundo o autor, foram fundamentais para o desenvolvimento da capacidade de expressão linguística do homem, a linguagem.

Em contrapartida, a perspectiva defendida por Chomsky (1965), Hauser *et. al.* (2002), e outros, afirma que a competência linguística humana não poderia ter sido desenvolvida a partir de um processo evolutivo darwinista, pois, para eles, essa é uma habilidade inata na mente humana, por meio de um dom divino que independe da inteligência ou de fatores cognitivos, intitulada de gramática universal, mas que, apesar de existir, ainda não possui uma localização visível em nosso cérebro.

Para Saraiva (2014), essa perspectiva inatista vem enfraquecendo nos últimos dez anos, especialmente com o avanço dos estudos cognitivistas. Apesar disso, é um postulado que abriu novos caminhos de pesquisa para outros teóricos,

especialmente para os críticos dele, como Everett (2007). Este, assim como Saraiva (2014, p. 466), defende a hipótese continuísta-cognitivista, que consiste na admissão de que o surgimento da linguagem está intrinsecamente relacionado com o processo evolutivo do homem:

Dentro dessa perspectiva, a nossa linguagem, com todos os seus recursos, não apresentaria nenhuma diferença essencial com relação às outras modalidades de comunicação; seria apenas uma forma mais elaborada e guardaria, assim, semelhanças com os chamados e outros tipos de comunicação comuns àquelas espécies. Entre esses, estaria também a linguagem gestual, que, para alguns autores, pode ter sido a forma precursora entre os humanos (Saraiva, 2014, p. 466).

Nessa perspectiva, a linguagem é entendida como um sistema simbólico lógico criado pelo homem por meio do uso da capacidade cognitiva, cerebral e corporal, adquiridos ao longo de anos de evolução. Essa visão possibilitou olhar para a língua como um sistema multimodal que não se restringe à modalidade oroauditiva. Ela é vista como multissemiótica, pois considera a modalidade visual-gestual e a possibilidade de a linguagem gestual ter sido precursora entre os humanos, assim como defendem Silva-Junior e Xavier (2021), Enfield (2009) e Perniss (2018).

Pensar na língua como multissemiótica nos leva a conjecturar sobre os possíveis processos inerentes à conceptualização do signo linguístico que, hoje, desenvolve um papel de mediação entre o homem e a realidade natural ou a realidade fabricada por ele. Infelizmente, há uma lacuna no processo evolutivo do homem perdida ao longo de milhares de anos que não nos permite acessar a origem da fala, mas, segundo Saraiva (2014), há indícios de raciocínio lógico e de protoestruturas sociais ou culturais que puderam ser observadas por meio da análise de artefatos de caça, ornamentos, pinturas rupestres, entre outras produções feitas pelo homem e que antecederam a escrita.

Em outras palavras, a fala já poderia existir nesse período ou poderia ter sido desenvolvida a partir de uma necessidade de comunicação quando possivelmente o homem passa a reconhecer no outro semelhante a mesma capacidade de pensar. Everett (2019) denomina esse fenômeno de teoria da mente. Para o linguista, foi essa habilidade que viabilizou a comunicação, a vivência em comunidade e a fabricação de uma realidade filosófica, matemática, entre outras características.

Esse postulado também pode ser observado em estudo recente de Silva *et al.* (2020), realizado por meio de um experimento de laboratório, em que alguns participantes foram impedidos de usarem comunicação linguística e logo começaram a criar gestos e vocalizações com traços icônicos para atender a necessidade de interação.

Diante do exposto, se considerarmos a influência da nossa capacidade cognitiva, cerebral e corporal, defendida por Everett (2019) como habilidades importantes para a construção de significações simbólicas e linguísticas, é possível pressupormos que a língua tenha sido criada pela necessidade de comunicação entre homens que compartilhavam a mesma cultura e que possuíam a mesma capacidade cognitiva de pensar, compreender e se expressar. Em outras palavras, o pesquisador compreende a língua como uma ferramenta moldada pela cultura, pela cognição e pelo instinto ou necessidade de se comunicar do homem em interação com outros semelhantes e com a realidade que o cercava.

Embora a realidade percebida pelos primeiros homens que criaram a forma de comunicação por meio da língua fosse bem diferente da realidade percebida atualmente, em ambos os contextos, a língua surge também como um reforço às práticas socioculturais. Nesse caso, se o homem foi capaz de construir ferramentas para caça, subentende-se que, de alguma forma, ele possuía percepção da importância delas para o contexto de uso individual ou coletivo que precisava ser compartilhado, assim como hoje temos necessidade de compartilhar conhecimentos socioculturais por meio do signo linguístico. Nesse sentido, o signo linguístico representaria um recorte sociocultural da realidade percebida pelo homem por meio dos limites da ferramenta orgânica que dispõe o corpo humano: os cinco sentidos do corpo (olfato, audição, paladar, tato e visão), a mente e a autoconsciência corporal sobre a realidade que o cerca.

Seguindo esse pressuposto, o referente percebido pode ser considerado como um dos aspectos principais de diferenciação de um signo com característica mais simbólica (arbitrária), na definição de Peirce (2015 [1967]), de outro com característica mais indicial ou icônica. Ou seja, o signo, dependendo do referente em que o homem tenha se baseado para a criação ou leitura dele, pode apresentar um juízo perceptivo de valor representativo simbólico ou um juízo perceptivo de valor representativo indicial ou icônico. Nesse caso, só seria possível saber qual o

referente utilizado e se ele existe ou não no mundo real por meio da análise do signo em si.

Além de Peirce (2015 [1967]), Blikstein (1990) é um dos defensores da importância de se considerar o valor do referente no processo de criação ou leitura do signo. O autor explica que é possível que a significação do mundo ocorra antes da codificação linguística a qual utilizamos para representar o recorte da realidade percebida. Para o linguista, “os significados já vão sendo desenhados na própria percepção/cognição da realidade” (Blikstein, 1990, p. 17). Essa conceptualização teórica sobre o signo de Blikstein foi escrita antes do desenvolvimento dos estudos da linguística cognitiva, contudo ela também fortalece a teoria de espaços conceptuais defendida por Wilcox (2004) uma vez que desconstrói a noção de inatismo da linguagem.

Nos estudos sobre a iconicidade cognitiva, Wilcox (2004) propõe um modelo de análise do signo linguístico baseado na gramática cognitiva de Langacker (1987). Para o pesquisador, é no espaço conceptual multidimensional que o pensamento e o conhecimento, adquiridos ao longo de experiências vividas pelo homem em ambientes físicos, sociais e culturais, se relacionam por meio da dialética entre os polos fonológicos e semânticos. Nesse sentido, os espaços conceptuais ou percepção/cognição não são construídos por adoção inata. Eles são construídos a partir de processos cognitivos (categoria invisível ou oculta do signo) entre a práxis e o referente como uma semiose não verbal. Segundo Blikstein (1990, p. 65):

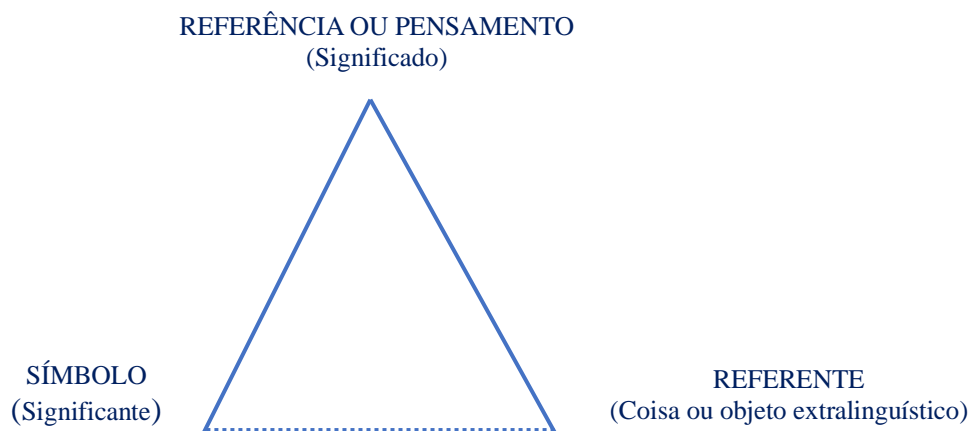
A práxis opera em nosso sistema perceptual, ensinando-nos a “ver” o mundo com os “óculos sociais” ou estereótipos e gerando conteúdos visuais, tácteis, olfativos, gustativos, na dimensão cinésica ou proxêmica (gestos, movimentos, espaços, distancias, tempo etc.), independentemente da ação e do recorte da linguagem linear (Blikstein, 1990, p. 65).

Diante do exposto, conjecturamos que a relação entre práxis e referente defendida por Blikstein (1990) corrobora a ideia de espaços conceptuais defendidos por Langacker (1987), que compreende como “o campo multifacetado de potencial conceptual dentro do qual o pensamento e a conceituação se desdobram” (Langacker, 1987, p. 76). Contudo, na ausência da práxis ou dos espaços perceptuais para o desdobramento entre a realidade percebida e o referente, o resultado seria uma “amálgama de manchas” ou o conceito de ícone puro defendido por Peirce (2015 [1967]).

Nossa atual realidade está predominantemente estruturada por estruturas simbólicas sîgnicas, por essa razão focaremos no signo linguístico, léxico, palavra ou sinal. Compreender a relação do signo linguístico com o surgimento dos termos *ícone*, *icônico* e *iconicidade* é o principal objetivo deste capítulo, logo, o referente ou o interpretante da teoria de Peirce (2015 [1967]) é a peça-chave para desencadear essa compreensão.

A visão triádica do signo, segundo Blikstein (1990), é bem antiga. Por exemplo, ela já era mencionada pelos estoicos como “*semaînon* – significante, *semainómenon* – significado e *prâgma* – objeto” (Coseriu, 1977, p. 131), além da relação de semelhança realizada “por Santo Agostinho entre *verbum*, *dicibile* e *res*” (Coseriu, 1977, p. 132), entre outras referências. Entretanto, nas palavras de Baldinger, “[...] em sua disposição triangular, estas relações foram primeiramente representadas por Ogden e Richards” (Baldinger, 1970, p. 27), como pode ser observado na Figura 2.

Figura 2 – O triângulo de Ogden e Richards

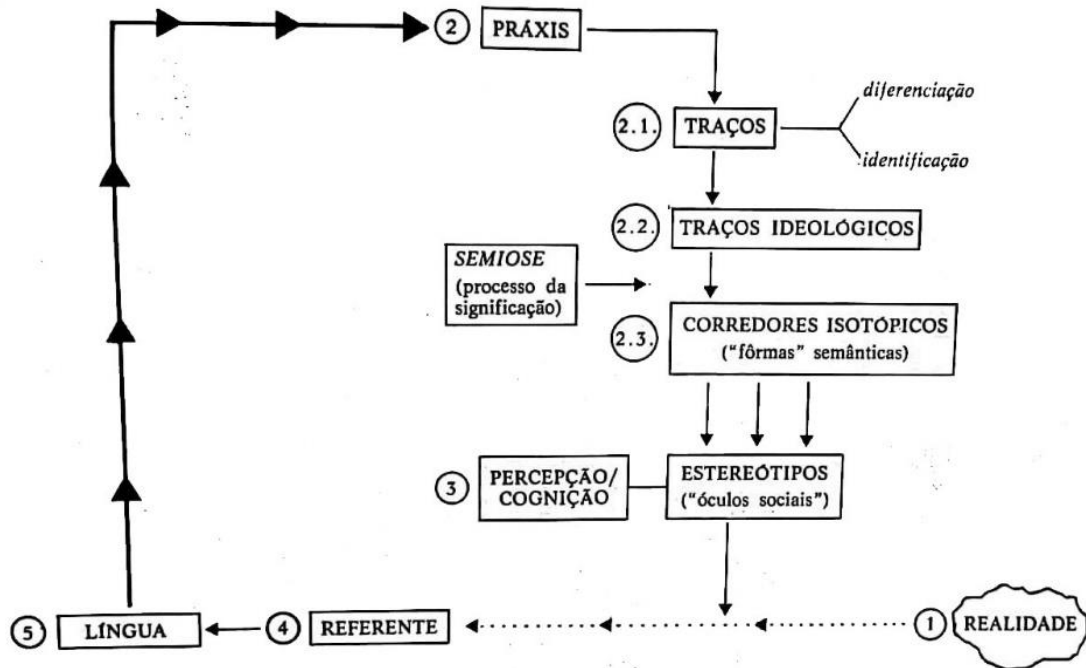


Fonte: Blikstein (1990)

Para Blikstein (1990), as teorias triádicas do signo de Ogden e Richards (1956), Ullman (1967), Baldinger (1970) e Eco (1977) centraram-se mais no lado esquerdo do triângulo, ou seja, pouco exploraram ou consideraram o referente como fator importante para a estruturação do signo. Diante disso, apesar de Blikstein (1990) basear-se mais nos estudos de Greimas (1973), Shaff (1974) e Coseriu (1977), utilizamos o esquema de signo desenvolvido por ele para ilustrar a conceptualização peirceana e cognitivista dos termos *ícone*, *icônico* e *iconicidade*,

porque se trata de uma teoria que leva em consideração o referente como um dos aspectos fundamentais para a existência do signo linguístico, além de preocupar-se em explicar categorias visíveis e invisíveis do processo de significação, como pode ser observado na Figura 3.

Figura 3 – Esquema de signo proposto por Blikstein (1990)



Fonte: Blikstein (1990)

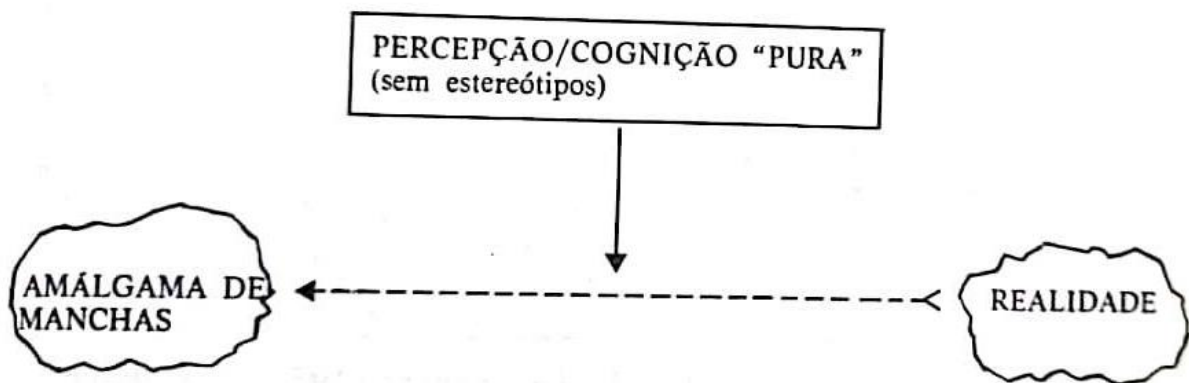
Por meio dessa ilustração, nos aprofundamos sobre as categorias visíveis e as invisíveis do processo de significação para uma melhor compreensão das conceptualizações dos termos *ícone*, *icônico* e *iconicidade* na perspectiva peirceana e cognitivista. Neste estudo, compreendemos como categorias visíveis aquelas que possuem estruturas palpáveis ou concretas. Na Figura 3, as categorias visíveis são representadas pelos números 1, 4 e 5. Já as categorias invisíveis, em contraste, são compreendidas pelos processos ocultos, mentais ou abstrações ilustradas pelos números 2, 2.1, 2.2, 2.3 e 3.

Para Blikstein (1990), a categoria invisível se trata de um evento cognitivo que ocorre antes da linguagem, produto de nossa percepção. Nas palavras do autor, “seria na percepção-cognição, portanto antes mesmo da própria linguagem, que se desenhariam as raízes da significação” (Blikstein, 1990, p. 39). Esse pensamento corrobora as ideias defendidas pela semiótica de Peirce (2015 [1967]) e pela linguística cognitiva – esta descrita no Capítulo 2 desta Tese.

Nessa linha de raciocínio, antes de ocorrer o processo de significação verbal, há um processo de significação não verbal que ocorre na relação dialética entre os números 1 (realidade), 2 (práxis) até o 4 (referente), conforme ilustrado na Figura 3. Ou seja, as práticas socioculturais nos ensinam a “ver o mundo com os óculos sociais ou estereótipos” por meio do nosso sistema perceptual – visão, olfato, paladar, olfato e audição – que geram informações “*cinésicas e proxêmicas* (gestos, movimentos, espaços, distâncias, tempo etc.), independentemente da ação e do recorte da linguagem linear” (Blikstein, 1990, p. 65-66). Em seguida, essa dialética vai se ajustando à lógica de uma visão verbal linear, no caso do sistema linguístico de línguas orais, ou numa lógica visuoespacial, no caso do sistema linguístico das Língua de Sinais.

Contudo, quando esse percurso de significação ocorre sem qualquer influência de práticas socioculturais, ideologias ou estereótipos, ou seja, quando apenas a realidade e a percepção/cognição operam no processo, para Blikstein (1990), é construída uma “amálgama de manchas” como referente, como podemos observar na Figura 4.

Figura 4 – Esquema de cognição e olhar puro proposto por Blikstein (1990)



Fonte: Blikstein (1990)

Essa amálgama de manchas, na teoria de signos de Peirce (2015 [1967]), é compreendida como *ícone puro*:

[...] o ícone puro não pode fornecer nenhuma informação factual ou positiva visto que ele não fornece nenhuma segurança de que há tal coisa na natureza. Mas ele é do maior valor para capacitar seu intérprete a estudar qual seria o caráter de um tal objeto, lá no caso de ele realmente existir (Peirce, 2015 [1967], p. 96).

Para Peirce (2015 [1967]), o ícone puro tem um valor de quase signo; metaforicamente, pode ser comparado a uma faísca mental que pode tornar-se fogo, sem sabermos conscientemente que o fogo de fato existe no mundo real. Ao relacionarmos essa comparação aos processos evolutivos do homem, ressaltamos três momentos em que o ícone puro, de alguma forma, pode ter se manifestado sob essa premissa, como um início de base para construção de um “estado de coisas” fundamentado na percepção sociocultural consciente.

No primeiro momento, destacamos a evolução do bebê desde a gestação na barriga materna. Por exemplo, estudos recentes de Ustun *et al.* (2022) relataram, por meio de uma pesquisa experimental com mulheres grávidas com 32 a 36 semanas de gestação, que os fetos reagem a exposição de gostos diferentes. Por meio de ultrassonografia, os autores observaram que os fetos expostos ao sabor de cenoura, por meio da alimentação materna via ingestão oral de cápsula de dose única, apresentaram mais expressões faciais e comportamento de felicidade em contraste a expressões faciais e comportamento de tristeza quando eram expostos ao sabor de couve, que é naturalmente mais amargo.

Diante disso, compreendemos que o feto recebe informações perceptivas-cognitivas puras (paladar e olfato) da realidade vivenciada pela mãe desde a vida fetal até o nascimento por meio do líquido amniótico, sendo o útero considerado o primeiro espaço onde o bebê começa a perceber inconscientemente o ambiente químico (Brumley; Robinson, 2010; Mellor, 2019; Schaal, 2005). Essa sensação familiar precoce servirá de base para uma melhor adaptação da criança ao ambiente, externo à placenta materna, após o nascimento (Mellor, 2019).

A experiência sensorial a que o bebê é exposto torna-se contínua ao longo do amadurecimento do corpo humano, quando a criança começa a receber outras informações perceptivas-cognitivas puras complementares (tato, visão e audição), de acordo com Forestell e Mennella, (2015), Schaal (2016) e Mellor (2019). Nesse sentido, essas informações perceptivas-cognitivas que as crianças não relacionam a nenhum referente no mundo real, por não terem amadurecimento cerebral e corporal consciente, são consideradas, por Peirce (2015 [1967]), como ícones puros ou como amálgama de manchas livres de qualquer referência sociocultural estereotipada, como podemos observar no esquema de cognição e olhar puro proposto por Blikstein (1990), na Figura 4.

No segundo momento, observamos a importância do ícone puro no processo de reintegração social de crianças selvagens.¹ Blikstein (1990) cita como exemplo o caso de Kaspar Hauser, enigma verídico de um jovem alemão que cresceu isolado e preso em um sótão até os 18 anos, mas que foi libertado no meio de um ambiente aberto e público de Nurembergue, em 1828, com apenas uma carta que relatava um pouco sobre ele e sobre a forma como ele viveu em cárcere privado de qualquer contexto sociocultural. Nas palavras de Blikstein (1990):

Pois é a *dimensão semiológica oculta* entre a práxis e o referente que escapa a Kaspar Hauser. Assim é que ele chega a Nurembergue, apenas com o seu *olhar*, desprovido de “óculos sociais”. Sem práxis, sem estereótipos, a sua aproximação cognitiva da realidade é direta: para Kaspar Hauser, não haveria referente ou realidade *fabricada*, o que o leva a *ver* o mundo como um *amalgama de manchas*. [...]. Mas, se Kaspar Hauser não dispõe de estereótipos perceptuais, a sociedade de Nurembergue vai impor-lhe a língua como grande instrumental cognitivo: sem passar pela práxis, Kaspar Hauser deverá conhecer o mundo através da língua (Blikstein, 1990, p. 76-77).

O processo de reintegração de crianças selvagens por meio da língua, pelo qual passaram Kaspar Hauser, Memmie Le Blanc, Victor, entre outros (Newton, 2002), revelou que a ausência da etapa invisível pré-verbal – 1 (realidade), 2 (práxis) até o 4 (referente), conforme ilustrados na Figura 3 – fez com que essas crianças sentissem dificuldades de gerar uma semiose.

No terceiro momento, destacamos o processo de aquisição de linguagem de Helen Keller, uma criança comum que, aos 19 meses, foi acometida por uma doença que a deixou surda e cega. Até o surgimento da doença, Keller teve poucos estímulos perceptivos-cognitivos puros (audição, olfato, paladar, tato e visão), principalmente poucos estímulos socioculturais. Diante disso, ela conviveu com limitadas informações sensório-motoras até os 7 anos, quando conheceu a professora Anne Sullivan Macy, contratada para ensiná-la.

Por meio de relatos no livro *The story of my life*, Keller (1905) explica que inicialmente aprendeu Língua de Sinais Americana tátil, porém não conseguia fazer relação entre, por exemplo, as soletrações da palavra *á-g-u-a* (*W-A-T-E-R*) com o líquido dentro de uma caneca. Segundo a autora, ela somente conseguiu fazer uma relação de sentidos quando, à medida que a água de poço escorria por uma das

¹ Crianças que cresceram com pouco ou nenhum contato humano.

mãos a professora simultaneamente soletrava – rápido e devagar – a palavra *á-g-u-a* na outra mão. Logo, ela sentiu um despertar de algo adormecido, que ganhou sentido por meio da consciência do pensamento. A partir desse momento, Keller sentiu ansiedade para aprender tudo que fosse possível, e muitas outras coisas passaram a fazer sentido para ela.

Diante dos três momentos mencionados, observamos que a presença ou a ausência de *ícones puros* pode influenciar nas bases de desenvolvimento da significação sígnica, especialmente em um processo de percepção e criação de signos mais arbitrários que partem de associações ocultas sem interferência de motivações socioculturais. Para Santaella:

[...] o ícone puro é um quase signo, quer dizer, signo em seu estado monádico, responsável pelo que costuma ser chamado de insight, fruto de um potencial da mente humana para produzir configurações que não são copiadas de diálogo prévio, mas brotam sob o governo incontrolável das associações, sobre as engenhosas fabulações do demônio das similitudes que faz sua festa na mente dos artistas. Festa similar é reencenada no efeito estético que as grandes obras de literatura e a arte produzem em nós. Por isso mesmo para Borges o efeito estético é uma forma de Felicidade, instante de mergulho na eternidade fugidia da comunhão dos sentidos (Santaella, 2012, p. 125-126).

Nessa perspectiva, quando o ícone segue um percurso contrário ao defendido por Santaella (2012) e, na base invisível consciente da cognição/percepção, sofre influência de práticas socioculturais, ideológicas ou estereotipadas, como pode ser observado na Figura 3, ele deixa de ser puro para ser o que Peirce (2015 [1967]) denomina de *hipoícone* ou *ícone icônico*.

É a partir dessa fase da abstração semiótica que os termos *ícone* e *icônico* ganham forma e função. Diante disso, intuímos que o termo *ícone*, nessa conjuntura, é um nome criado para designar a existência de algo imagético que, no seu estado puro, para a semiótica, trata-se de uma imagem mental sem forma ou referência. Em outros termos, imagem no plano da inconsciência humana.

Em contrapartida, o termo *ícone*, quando designa a existência de algo imagético, que possui uma referência denotativa, conotativa, pragmática ou perceptiva-cognitiva de algo ou alguma coisa extraída da realidade por similitude, apresenta-se com o atributo denominado *icônico*. Ou seja, o termo *icônico* é um adjetivo que atribui ao termo *ícone*, no plano consciente do ser humano, o peso

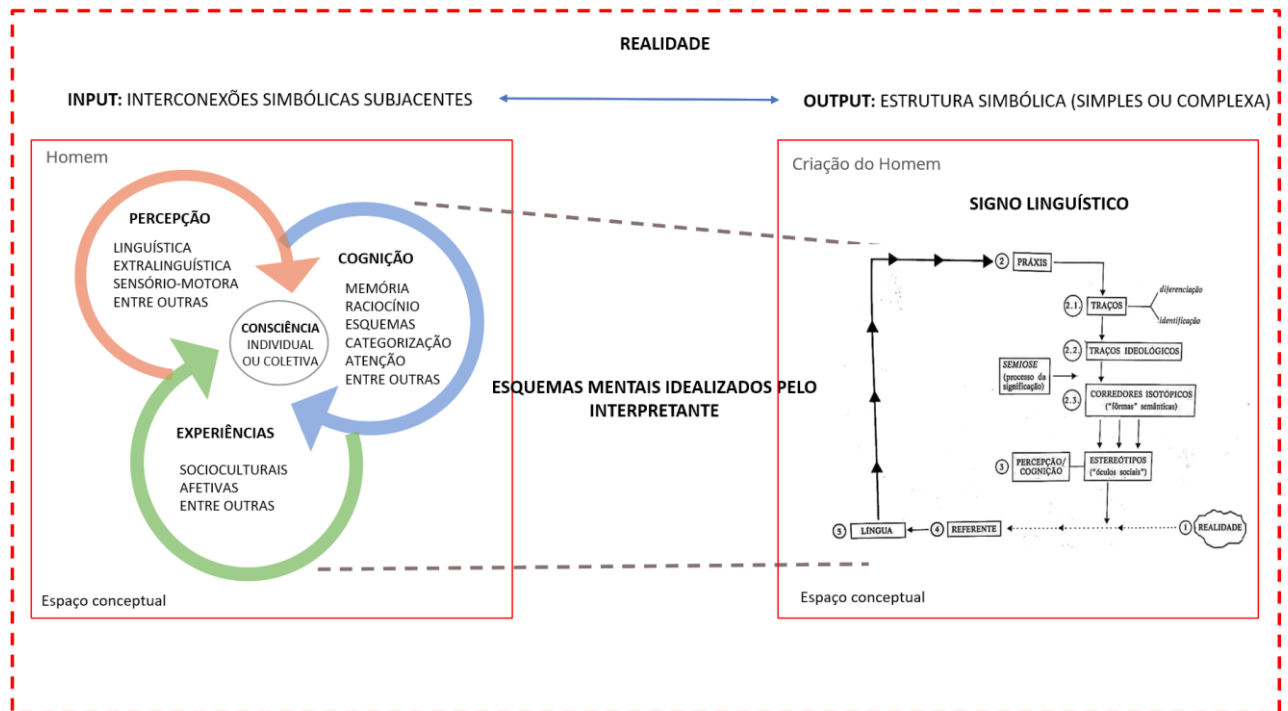
semântico de poder representar algo ou alguma coisa com base em referências por similaridade ou “semelhança de família” (Wittgenstein, 2009, p. 66).

Em linhas gerais, o *ícone icônico* pode ser entendido como um tipo de signo motivado por meio de alguma referência, no plano consciente do interpretante, em grandezas analógicas. Porém, essa motivação pode ser percebida ou não. Quando a motivação ou possíveis motivações – na concepção da linguística cognitiva (processos cognitivos metafóricos, metonímicos ou metaftomínicos, esquematização, categorização, entre outros) ou na concepção de Peirce (2015 [1967]) (imagens, diagramas e metáforas) – são percebidas por meio de abstrações perceptivas humanas, como uma ação mental de perceber que reconhece e do reconhecer que percebe, a esse fenômeno chamamos de *iconicidade*. Logo, neste estudo, defendemos que o fenômeno da *iconicidade* está intrinsecamente relacionado com as experiências socioculturais individuais e coletivas do/na cognição do sujeito e não somente com as características do signo em si e o significado numa relação de transparência. Ou seja, concordamos com Blikstein (1990) quando defende que a tríade referente, significado e significante, que compõe a língua, trata-se de um recorte da realidade fabricada pela percepção/cognição humana e não da realidade em si, e com a definição de signo descrita por Peirce (2015 [1967]):

Um signo intenta representar, em parte, pelo menos, um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo que o signo represente o objeto falsamente. Mas dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete uma mente de tal modo que, de certa maneira, determina, naquela mente, algo que é mediatamente devido ao objeto. Essa determinação da qual a causa imediata ou determinante é o signo e da qual a causa mediada é o objeto pode ser chamado de interpretante” (Peirce, 2015 [1967], p. 186).

Seguindo esse raciocínio, o sujeito que interpreta ou produz o signo, por meio de abstrações cognitivas, poderá modelá-lo, conforme experiências socioculturais individuais ou coletivas que ele tenha vivenciado em contato com a realidade que o cerca. Apresentamos na Figura 5 o esquema de conceptualização do signo motivado que defendemos:

Figura 5 – Esquema de conceptualização do signo motivado



Fonte: Elaborado pela autora

Nessa perspectiva, a realidade está presente em todo o processo ao mesmo tempo, mas só partes dela serão percebidas e assimiladas numa rede de interconexões simbólicas subjacentes (*input* ou domínio fonte), para, em seguida, serem esquematizadas numa nova estruturação simbólica que pode ser simples ou complexa (*output* ou domínio alvo). Nesse sentido, os traços do *ícone icônico* ocorrem na categoria visível (forma percebida e representação) do signo, metaforicamente podemos comparar com a ponta do iceberg, enquanto que o fenômeno da *iconicidade* ocorre na categoria invisível (abstrações mentais), a partir da relação entre a rede de interconexões simbólicas subjacentes (polo semântico), mediada pela consciência coletiva ou individual do homem, e a estrutura simbólica do *output* quando ocupam espaços conceituais similares de um contexto real ou imaginado, seguindo o raciocínio metafórico corresponderia a parte oculta do iceberg. Diante disso, no próximo capítulo, abordaremos a perspectiva da Linguística Cognitiva (LC) sobre a *iconicidade*, por ser uma abordagem teórica que leva em consideração os aspectos cognitivos e simbólicos no processo de semiose sígnica.

1.5 Síntese do Capítulo

Neste capítulo, exploramos a concepção da iconicidade na linguagem, considerando perspectivas de Blikstein (1990), Faulstich (1995), Peirce (2015 [1967]), entre outros.

Em síntese, Peirce (2015 [1967]) propõe um modelo triádico de signo, composto por representante, objeto e interpretante. No tocante à relação triádica proposta por Peirce (2015 [1967]), Blikstein (1990) enfatiza a importância de se explorar o lado direito e considerar o referente como fator importante para a percepção e estruturação do signo. Nesse sentido, quando o interpretante não tem referência, a imagem mental pode ser considerada ícone puro, enquanto o ícone icônico possui uma referência denotativa ou conotativa extraída da realidade por similaridade. Esses traços icônicos podem ser percebidos, assimilados e categorizados pelo interpretante ou não, logo, quando a percepção desses traços ocorre, são gerados processos cognitivos que desencadeiam o fenômeno da iconicidade.

Processos complexos envolvem a percepção consciente e abstrações mentais estudadas pelos teóricos da Linguística Cognitiva que propõem o conceito de espaços conceptuais, onde as práticas socioculturais moldam a percepção e criação de signos, resultando em ícones icônicos ou signos motivados. Nesse sentido o fenômeno da iconicidade está ligado às experiências individuais e coletivas do intérprete e na relação entre a rede de interconexões simbólicas subjacentes (parte invisível dos processos) bem como está ligado à estrutura simbólica simples ou complexa que compõe o signo (parte visível dos processos).

No próximo capítulo, exploraremos a visão da Linguística Cognitiva sobre a iconicidade, explorando a relação entre aspectos cognitivos e simbólicos na percepção e construção dos signos linguísticos, especialmente, em Língua de Sinais.

2 ICONICIDADE E O PROCESSO DE CRIAÇÃO DE SINAIS-TERMO EM LÍNGUA DE SINAIS

2.1 Introdução

Neste capítulo, apresentamos a perspectiva da Linguística Cognitiva sobre a iconicidade e as contribuições das teorias para o avanço dos estudos cognitivos da Língua de Sinais Brasileira (LSB). Além disso, descrevemos os parâmetros fonológicos das Línguas de Sinais e ressaltamos as principais teorias sobre a iconicidade em Língua de Sinais que fundamentaram as análises e discussões desta pesquisa. Por fim, discutimos sobre a origem e as motivações do processo de criação de sinais-termo em LSB do Centro LexTerm da UnB de onde foram extraídos os corpora para o desenvolvimento desta pesquisa.

2.2 Linguística Cognitiva

A interação entre a linguística e o cognitivismo, além de outras áreas do saber (filosofia, psicologia, antropologia,), por volta dos anos 1970 e 1980, segundo Pinheiro e Alonso (2018), promoveu uma quebra de paradigmas do estruturalismo e do gerativismo, correntes que dominaram por longos anos o cenário de pesquisas linguísticas e que priorizavam o ponto de vista arbitrário (imotivado) do signo linguístico.

Naquela perspectiva, a Linguística Cognitiva, institucionalizada por autores como Lakoff (1974), Fillmore (1988), Langacker (1988), revelou-se como uma alternativa teórica que, por meio de uma visão holística centrada na natureza semântica do pensamento, estuda o fenômeno da linguagem humana considerando características do indivíduo em contato com o mundo que o cerca e que vão para além do linguístico, a saber, as experiências socioculturais, corpórea e cognitiva.

Nesse sentido, conforme defendem Evans e Green, a linguística cognitiva mostrou-se diferente de outras abordagens por conjecturar que “a linguagem oferece uma janela para a função cognitiva, fornecendo *insights* sobre a natureza, estrutura e organização de pensamentos e ideias” (Evans; Green, 2006, p. 5), por meio da relação entre o mundo, corpo e linguagem, que constrói uma perspectiva particular entre várias outras possíveis. Essa abordagem é um dos princípios do conceito de

experientialismo de Lakoff (1987). Por sua vez, Ferrari resume os principais postulados da Linguística Cognitiva da seguinte forma:

O pensamento é “enraizado” no corpo, de modo que as bases do nosso sistema conceptual são percepção, movimento corporal e experiências de caráter físico e social; o pensamento é imaginativo, de forma que os conceitos que não são diretamente ancorados em nossa experiência física empregam metáfora, metonímia e imagética mental, caracterizados por ultrapassar o simples espelhamento literal da realidade; o pensamento tem propriedades gestálticas: os conceitos apresentam uma estrutura global não atomística, para além da mera reunião de “blocos conceptuais” a partir de regras específicas (Ferrari, 2011, p. 22).

Nessa linha de raciocínio, a linguagem envolve a capacidade perceptiva-cognitiva, corpórea e sociocultural da relação entre homem e mundo, que serve de base para a construção de conhecimento linguístico e enciclopédico (extralinguístico) sobre um objeto ou fenômeno. Essa base de informação conceptual (ou “estado de coisas”) gerada por meio das experiências individuais e coletivas do sujeito promove o desencadeamento de diferentes estruturas cognitivas, a saber, os esquemas imagéticos, os domínios, os complexos de domínios, entre outros, que, segundo Langacker (1994), são fundamentais no processo de conceptualização de estruturas simbólicas abstratas.

Essas estruturas cognitivas inerentes à linguagem em uso e outras são temas de interesse da LC. Nessa perspectiva, Silva (1997, p. 1) ressalta as características estruturais da categorização linguística (como prototipicidade, polissemia, modelos cognitivos, metáfora e imagens mentais), os princípios funcionais da organização linguística (iconicidade e naturalidade), a interface conceptual entre sintaxe e semântica, a base pragmática ligada à experiência da linguagem-no-uso e a relação entre linguagem e pensamento (incluindo questões sobre o relativismo e sobre os universais conceptuais).

Ao considerar que a Linguística Cognitiva abrange várias temáticas de investigação, direcionamos o foco deste capítulo para o princípio da iconicidade na perspectiva da LC, especialmente na Língua de Sinais. Assim, foram exploradas as abordagens conceptuais da LC – Semântica Cognitiva, Teoria dos Protótipos, Domínio, Esquemas Imagéticos, Metáfora, Metonímia, Gramática Cognitiva, entre outras – adotadas ou mencionadas nos estudos teóricos de Taub (1997, 2001), Wilcox (1993, 1998a, 1998b, 2001, 2002a, 2003, 2004), Cuxac (1993, 1996, 1997a,

1997b, 1999, 2000a, 2000b, 2001, 2003, 2004) e Faulstich (2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2020a, 2020b), por serem autores que já investigaram o fenômeno da iconicidade em Língua de Sinais e que serviram de base para o desenvolvimento deste estudo. Antes, apresentamos uma breve contextualização sobre os parâmetros fonológicos das Línguas de Sinais para a compreensão dos estudos sobre a iconicidade.

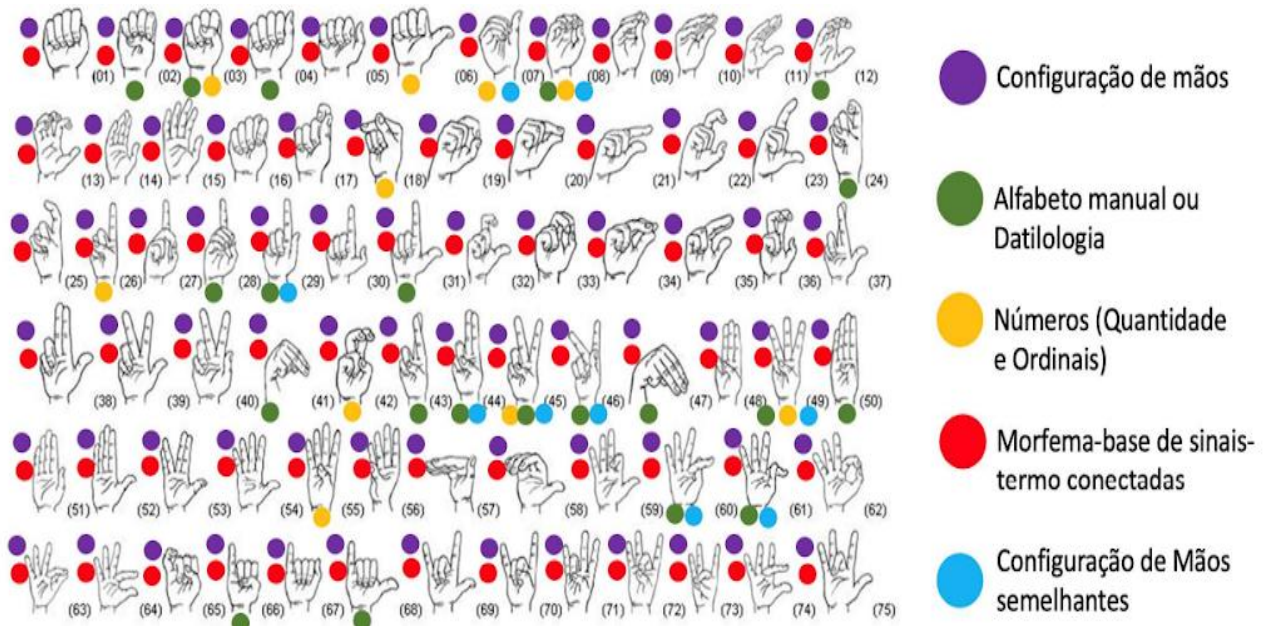
2.3 Parâmetros fonológicos das Línguas de Sinais

Desde os estudos desenvolvidos por Stokoe Jr. (1960), que legitimou o status linguístico das Línguas de Sinais por meio de uma descrição fonológica em parâmetros linguísticos, as Línguas de Sinais, de modo geral, são estudadas com base em 5 (cinco) parâmetros fonológicos, divididos em primários – Configuração de Mão (CM); Ponto de Articulação (PA); Movimento (M) – e secundários – Orientação da Palma da Mão (OP); Expressões Não-Manuais (ENM) – observados nas pesquisas de Wilcox (1997), Taub (2001), Cuxac (1993, 2003, 2006) e Faulstich (2006). Nesta Tese, também consideramos os cinco parâmetros fonológicos, descritos a seguir.

2.3.1 Configuração de Mão (CM)

De acordo com Nascimento, as Configurações de Mãos “são formatos adquiridos pelas mãos na produção dos sinais, que podem ser realizados com uma ou duas mãos” (2016, p. 23). Além disso, a pesquisadora ressalta que esse parâmetro exerce uma função importante no processo de formação de Classificadores e que “pode guardar informações semânticas essenciais na criação de uma nova unidade lexical e terminológica”. Nesse contexto, utilizamos o quadro com 75 (setenta e cinco) CMs elaborado por Faria-do-Nascimento (2009) e adaptado por Costa (2020) como referência para esta tese (Figura 6).

Figura 6 – Configurações de Mãos de Faria-do-Nascimento (2009) adaptado por Costa (2020)

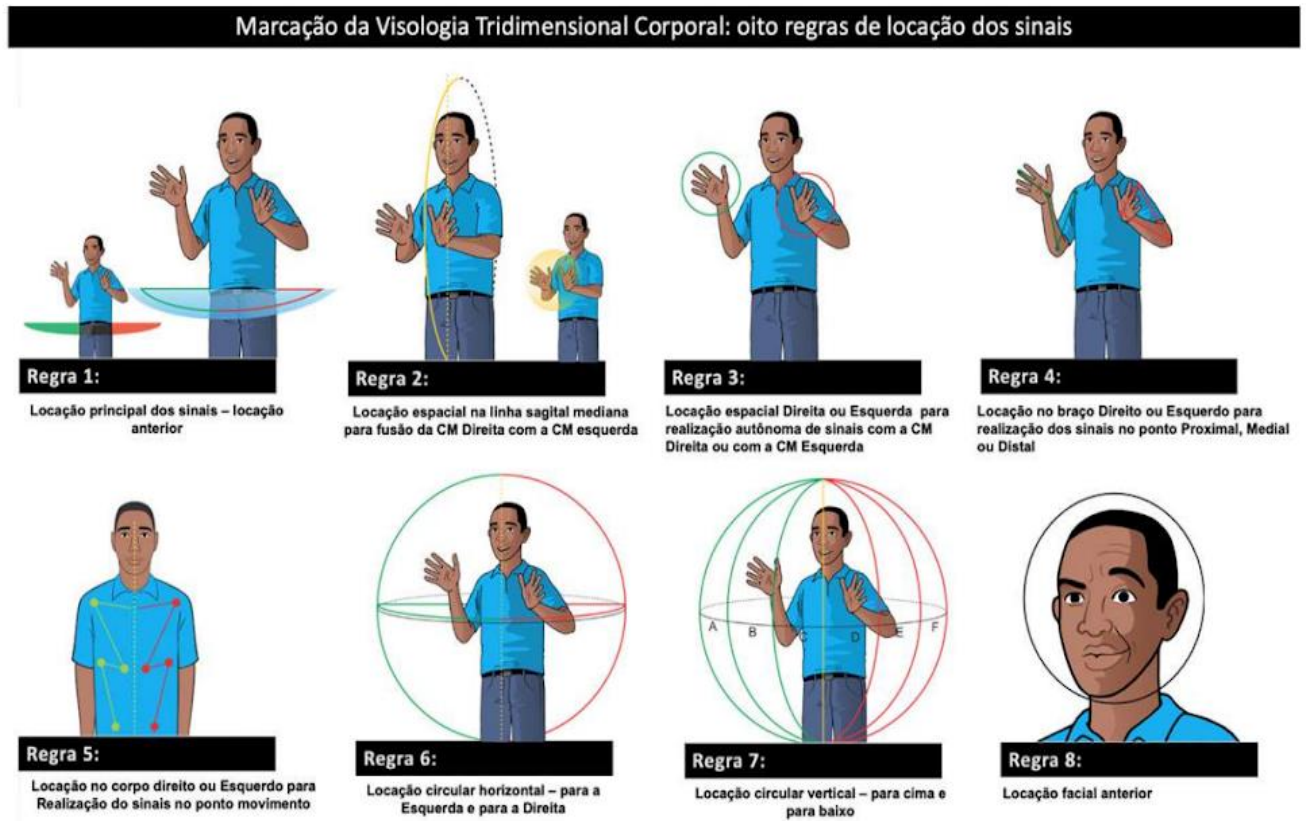


Fonte: Costa (2020, p. 61)

2.3.2 Ponto de Articulação (PA)

O Ponto de Articulação (PA) pode ser um espaço suspenso em frente ao corpo e sem tocá-lo – espaço neutro – ou um local onde a CM toca em alguma parte física entre a região da cintura até a cabeça do indivíduo onde o sinal é executado. Segundo Nascimento, “não existe sinal sem ponto de articulação” (2016, p. 23). Costa (2020, p. 68-71) apresenta oito regras de locação dentro da visologia do parâmetro PA, como pode ser observado na Figura 7.

Figura 7 – Regras de locação dos sinais dentro da visologia tridimensional corporal



Fonte: Costa (2020, p. 70).

2.3.3 Movimento (M)

Para Brito (1995), o parâmetro Movimento (M) é complexo por envolver variados tipos de formas – retas, sinuosas, ondulares, circulares, entre outras – intensidades, frequências e direções de movimentos que podem ser executadas de maneira simultânea por uma ou duas CMs ou pelo corpo do sujeito durante a execução do sinal.

2.3.4 Orientação da Palma da Mão (OR)

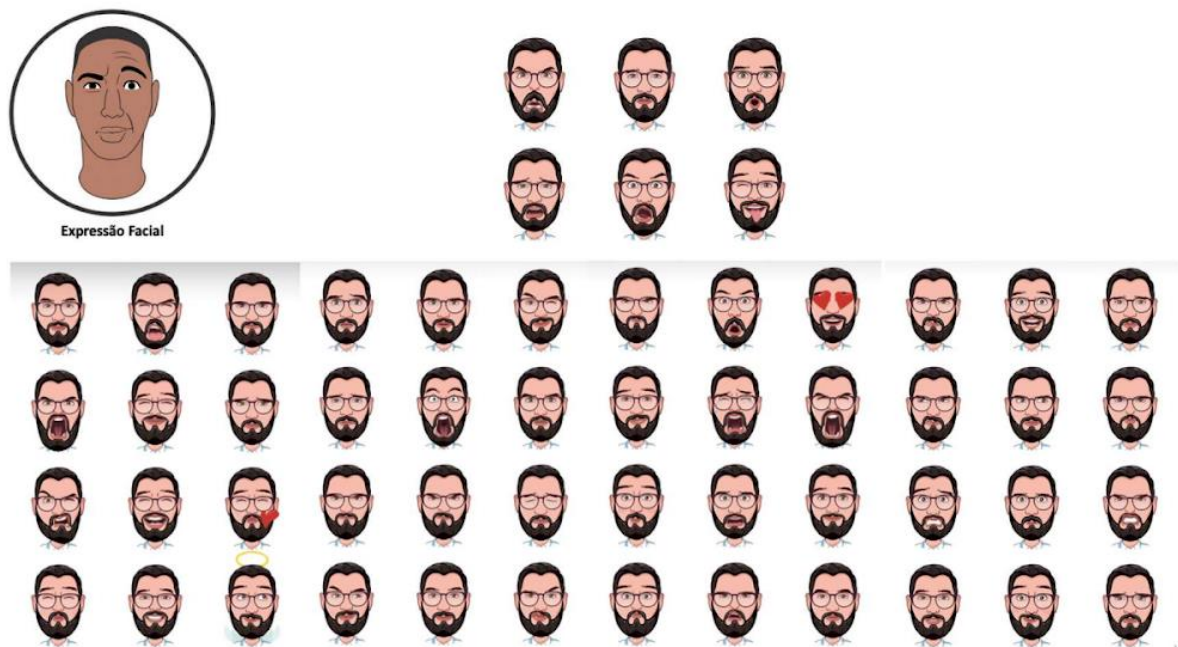
A Orientação da Palma da Mão (OR) é o direcionamento da palma da mão durante a produção do sinal. Brito descreve seis tipos, a saber: “para cima, para baixo, para o corpo, para a frente, para a direita ou para a esquerda” (1995, p. 41). Faria-do-Nascimento (2013, p. 85) acrescenta mais dois tipos: contralateral (para medial) ou para ipsilateral (para lateral). Além disso, sobre a rubrica da sigla de OR,

a autora defende que “OR em LSB pode carregar significados culturalmente partilhados que influenciam na criação de novos sinais, como a OR para cima, que agrega o significado de bom, positivo e de aceitação e a OR para baixo, que nos remete a ruim, negativo e de rejeição” (Faria-do-Nascimento, 2013, p. 85).

2.3.5 Expressões Não-Manuais (ENM)

As Expressões Não-Manuais (ENM) são expressões do corpo e da face que são utilizadas pelo sinalizante que podem determinar um significado afirmativo, negativo, interrogativo ou exclamativo de um sinal ou sentença. Ademais, conforme Silva, muitos sinais “têm como elemento diferenciador também a expressão facial e/ou corporal, traduzindo sentimentos e dando mais sentido ao enunciado e em muitos casos determina o significado do sinal” (2002, p. 55), além de reforçar a intensidade semântica do sinal por meio de uso de diferentes tipos de expressões, como as ilustradas na Figura 8.

Figura 8 – Tipos de expressões faciais



Fonte: Costa (2020, p. 106).

Os cinco parâmetros descritos são fundamentais para a construção de significação da estrutura linguística dos sinais, bem como para uma melhor

compreensão da análise do fenômeno da iconicidade em Línguas de Sinais por meio das teorias descritas, de maneira breve, a seguir.

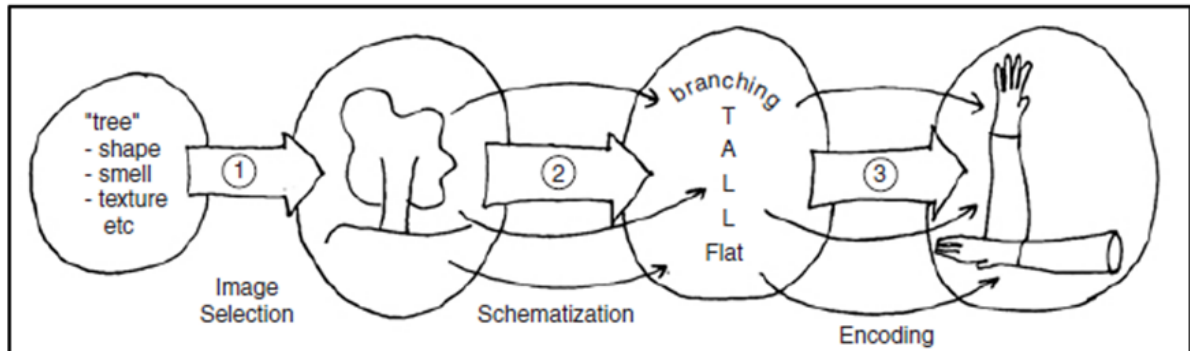
2.4 Iconicidade em Língua de Sinais na teoria de Taub

Para Taub, as línguas de sinais são em grande parte estruturadas por itens linguísticos icônicos: “palavras, flexões e até construções sintáticas com semelhanças estruturais entre sua forma física e a forma de seus referentes” (2001, p. 2). Corroboramos as ideias da autora ao considerar que os itens icônicos podem ter conceptualizações concretas e também abstratas por meio de metáforas conceituais. Contudo, também consideramos importantes outras abstrações analógicas de construção de sentidos, como a metonímia e a metaftonímia, as quais são mencionadas e exemplificadas nos trabalhos de Wilcox *et al.* (2003) e Wilcox (2004), porque são processos cognitivos que ocorrem ou coocorrem com os processos metafóricos durante a percepção do signo linguístico, conforme pode ser observado no item 2.4 a seguir.

A proposta teórica de Taub fundamentou-se na ideia central de que a linguagem corporal se relaciona de maneira dialética com iconicidade e metáfora em uma estrutura cognitivista, onde o significado pode influenciar a forma. Nesse sentido, em 1997, a autora propôs um modelo de construção analógica da iconicidade linguística baseado em teorias cognitivas de DeMatteo (1977), Lakoff e Johnson (1980), Boyes Braem (1981), Brennan (1990) e Liddell (1992) que foi muito bem aceito pelos pares, mas quatro anos depois, em 2001, a autora republicou a Tese em formato de livro com acréscimo de contribuições teóricas de outros autores, como Wilcox (1998), Kövacecs e Radden (1998), entre outros.

Apesar da revisão e acréscimo teórico, a autora conservou e manteve o modelo proposto em 1997, que pode ser aplicado a línguas orais e sinalizadas e à iconicidade em nível lexical, morfológico e sintático, na perspectiva cognitiva metafórica, estruturado em três partes, denominadas de *image selection* (seleção de imagem), *schematization* (esquematização) e *encoding* (codificação) (Taub, p. 44, 2001), conforme o esquema ilustrado na Figura 9.

Figura 9 – Modelo de construção analógica de iconicidade linguística do sinal de árvore



Fonte: Taub (2001)

A etapa 1 (um) do modelo ilustrado na Figura 9, *image selection*, de acordo com a autora, trata-se de um levantamento de informações iniciais sobre o conceito de *árvore* (*tree*), como cheiro, forma e textura. Nesse processo, considera-se todas as informações multimodais inerentes à conceptualização de *árvore*, que pode variar conforme o idioma e a cultura. Por meio dessa etapa, embora existam muitos tipos de árvores, é idealizada uma única imagem prototípica e representativa do conceito analisado, para que o pesquisador possa seguir para a segunda etapa.

Na etapa 2 (dois) do modelo, denominada *schematization*, a imagem idealizada passa a ser manipulada com recursos linguísticos, conforme a língua materna do pesquisador, para garantir adequação semântica e eventuais modificações de forma segura, além de respeitar os limites fonéticos e fonológicos. No caso do exemplo ilustrado na Figura 9, foi considerada a estrutura linguística do inglês, língua materna da pesquisadora. Nesse processo de esquematização, foram observados todos os detalhes mais prototípicos de uma árvore que cresce do chão para que depois fosse formulada uma projeção linguística das partes principais e gerais mais próximas do conceito de árvore, como o léxico referente à superfície plana, "*flat*" – que representa o chão de onde ela geralmente cresce –, o léxico referente à altura, "*tall*" – que representa o tronco e a posição vertical dela – e o léxico referente às ramificações, "*branching*" – que representa a parte dos galhos, folhas e copa da árvore. Após a finalização do esquema linguístico, o pesquisador segue para terceira e última etapa.

Na parte 3 (três) do modelo, denominada *encoding*, ocorre o processo de codificação, por partes, do esquema linguístico idealizado em forma linguística da

língua-alvo. Nesse processo, são escolhidas formas da estrutura linguística da língua-alvo que possam estabelecer uma associação icônica entre forma e significado com a estrutura idealizada na etapa 2. Diante disso, conforme o modelo ilustrado na Figura 9, foi considerado que é necessário preservar as noções espaciais da estrutura idealizada, que consiste em “uma estrutura ramificada acima de um suporte alto e fino, que repousa sobre uma superfície plana” (Taub, 2001, p. 47). Logo, de acordo com as formas linguísticas permitidas em American Sign Language (ASL), a mão aberta passou a representar a estrutura ramificada, o antebraço ereto passou a representar a altura vertical, e o outro antebraço e mão horizontais passaram a representar uma superfície plana, o chão.

Segundo Taub (2001), nesse modelo de construção analógica de iconicidade linguística do sinal de *árvore* houve a contribuição de processo metonímico, mas a predominância foi do uso de “metáforas visuais” ou itens esquemáticos de “imagens icônicas” (Taub, 2001, p. 48), como link entre uma categoria semântica e uma forma fonética.

Outro autor que contribuiu para o trabalho de Taub (2001) e que também identificou e considerou importante o uso de metáfora, semântica, metonímia, entre outros recursos para análise da iconicidade, foi Wilcox (1997). Apesar de corroborar em grande parte o trabalho da autora, Wilcox (1997) apresenta uma perspectiva um pouco diferente sobre a iconicidade, ao estudar o conceito denominando-o de “iconicidade cognitiva”, descrito no item a seguir.

2.5 Iconicidade em Língua de Sinais na teoria de Wilcox

Embasado na gramática cognitiva de Langacker (1987, 1991a, 1991b, 2000), ao longo dos últimos anos, Wilcox (1993, 1998a, 1998b, 2001, 2002a, 2003, 2004) defende o conceito de iconicidade cognitiva em Língua de Sinais. Na visão do autor, a iconicidade cognitiva pode ser observada nos níveis lexical, morfológico, gramatical e em domínios mais abstratos, como relações autônomo-dependentes em construções mão-face, ou seja, em toda manifestação linguística da língua de sinais quando os polos fonológico e semântico de uma estrutura simbólica residem na mesma região do espaço conceptual a partir de evidências interlinguísticas. Além disso, o autor sugere que aspectos arbitrários e icônicos, por meio de uma perspectiva de iconicidade cognitiva, podem coexistir dentro da estrutura linguística

de um mesmo sinal, “uma vez que ambos são reflexos de uma base cognitiva subjacente mais profunda da linguagem” (Wilcox, 2004, p. 119).

Do ponto de vista da gramática cognitiva de Langacker (1987), o léxico e a gramática são estruturas simbólicas que podem ser descritíveis e que residem num espaço semântico considerado como um subdomínio do espaço conceptual considerado por Langacker como “o campo multifacetado do potencial conceitual dentro do qual o pensamento e a conceitualização se desdobram” (1987, p. 76). Diante desse pressuposto, Wilcox (2004) observou que dentro do mesmo campo conceptual há noções semânticas e fonológicas que podem aproximar ambas as estruturas simbólicas por similaridade ou distanciá-las por dissimilaridade. Para reforçar esse argumento, o autor cita o exemplo do som da palavra *cachorro* em línguas orais:

O som da palavra falada *cachorro*, por exemplo, tem pouco em comum com o significado da palavra. Essa grande distância no espaço conceptual, e a incomensurabilidade resultante dos polos semântico e fonológico, é a base para *l'arbitraire du signe*. Alternativamente, quando os polos fonológico e semântico dos signos residem na mesma região do espaço conceptual, a arbitrariedade é reduzida (Wilcox, 2004, p. 122).

Esse exemplo demonstra um caso de dissimilaridade entre o polo semântico e o polo fonológico que provoca um distanciamento entre as estruturas simbólicas que residem no mesmo espaço conceptual. Esse distanciamento, por sua vez, é o que caracteriza o signo *cachorro* como mais arbitrário e, em consequência, menos icônico. Nesse sentido, nas palavras de Wilcox, “a iconicidade cognitiva é definida não como uma relação entre a forma de um signo e aquilo a que se refere no mundo real, mas como uma relação entre dois espaços conceptuais” (2004, p. 122), ou seja, é um fenômeno que pode ser descrito por meio da relação de distância ou proximidade entre os polos fonológicos e semânticos das estruturas simbólicas que existem dentro de um mesmo espaço conceptual multidimensional. Para compreendermos melhor como a iconicidade cognitiva proposta por Wilcox (1993, 1998a, 1998b, 2001, 2002a, 2003, 2004) funciona, é importante entender três outras noções: noção construtiva/interpretativa, noção cultural e noção de mapeamento.

2.5.1 Noção construtiva/interpretativa da iconicidade cognitiva

A noção construtiva/interpretativa da iconicidade cognitiva está relacionada de maneira intrínseca à forma como é feito o mapeamento das estruturas simbólicas do e no evento do campo conceptual analisado. Nas palavras de Langacker, “há muitas maneiras de construir/interpretar um evento, e as propriedades objetivas de um evento são insuficientes para prever sua construção/interpretação” (1991, p. 284). Ou seja, a iconicidade não é uma associação entre as propriedades objetivas de um evento e as propriedades objetivas dos articuladores da situação, mas sim uma relação entre interpretações conceptuais de fenômenos do mundo real e interpretações de forma feitas pelo sujeito.

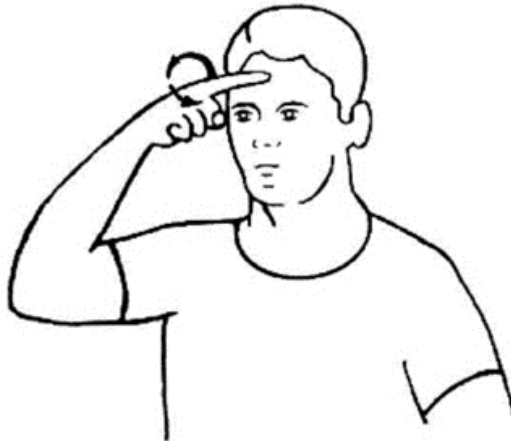
Enquanto outras concepções linguísticas tradicionais consideram a relação entre linguagem e mundo como estruturas fixas que podem ser adequadamente descritas dentro de uma condição de verdade, a linguística cognitiva reconhece que o significado é fruto de uma construção. Nesse sentido, o sujeito, usuário da língua, desempenha um papel significativo no processo de construção do significado ao fazer uma espécie de associação e negociação entre a experiência, a percepção e a descrição dele em relação ao fenômeno analisado. Dessa maneira, a conceptualização não pode ser entendida como apenas uma relação objetiva entre forma e significado, pois requer a inclusão do sujeito e das propriedades articulatórias da estrutura simbólica usada para descrever o objeto ou fenômeno.

Nessa perspectiva, a experiência do sujeito com o mundo real é tão rica que promove mais de uma maneira única de representar uma situação e a gramática de uma língua oferece a ele diversas possibilidades de construções que podem satisfazer variados significados, diferentes objetivos semióticos e interativos, além de refletir a capacidade do sujeito de ajustar uma ou mais imagens mentais associadas a uma determinada situação, ou seja, a maneira como descrevemos uma cena modula nossa percepção visual e conceptualização dela. Diante disso, a experiência do usuário está diretamente relacionada ao contexto sociocultural em que ele está inserido, logo a noção de cultura também influenciará no fenômeno da iconicidade.

2.5.2 Noção de cultura da iconicidade cognitiva

Wilcox, Wilcox e Jarque (2003) defendem que os espaços conceituais e experiências não são fornecidos ao sujeito como uma dotação inata, e sim por meio das interações vivenciadas no cotidiano com o ambiente físico, social e cultural. Nesse sentido, os mapeamentos metonímicos, metafóricos e icônicos devem ser interpretados dentro de um contexto cultural. Seguindo esse pressuposto, os autores apresentam como exemplo a complexa mistura de metonímia e metáfora no sinal PENSAR-OUVINTE em ASL *THINK-HEARING*, que depende claramente dos valores culturais associados às ideologias de ouvintes e surdos, como pode ser observado na Figura 10.

Figura 10 – Sinal de PENSAR-OUVINTE em ASL *THINK-HEARING*



Fonte: Wilcox, Wilcox e Jarque (2003, p. 12)

Por meio do exemplo ilustrado na Figura 10, os autores demonstram a interação complexa entre a metonímia, a iconicidade e a metáfora, visto que, na origem etimológica, o sinal PENSAR-OUVINTE é derivado de outro sinal que muitas vezes é glosado como DIZER em ASL *SAY*, ilustrado na Figura 11.

Figura 11 – Sinal de DIZER em ASL SAY



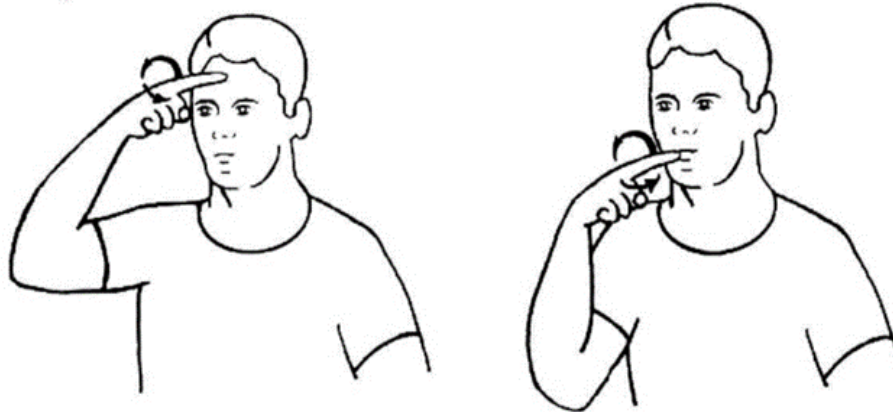
Fonte: Wilcox, Wilcox e Jarque (2003, p. 12)

O sinal DIZER (SAY), como podemos observar na Figura 11, é articulado na boca, com movimentos circulares breves que referenciam visualmente o fluxo da respiração da fala que sai da boca durante a oralização do sujeito por meio de processo metonímico. Nesse sentido, o ar exalado metonimicamente representa a oralização emitida pela pessoa. Ademais, por meio de uma extensão semântica de sentido, o sinal de DIZER em ASL SAY, muitas vezes, passou a representar a glosa do sinal OUVINTE em ASL *HEARING-PERSON*. Logo, os articuladores circulares podem ser compreendidos como um exemplo de sinédoque, onde uma parte, o ato de oralizar, representa o todo, o ouvinte oralizando. Nessa perspectiva, conforme Wilcox, Wilcox e Jarque explicam, essa metonímia promove um efeito estendido “quando a palavra que representa o ouvinte é usada também para representar os pensamentos e a cultura das pessoas ouvintes” (2003, p. 11). Embora tanto na conversação ouvinte como na conversação surda utilizemos o termo “ouvinte”, no caso do sinal OUVINTE em ASL *HEARING-PERSON*, não é a acuidade auditiva da pessoa que se ressalta no cognitivo, é o ato de oralizar: as pessoas ouvintes são aquelas que oralizam.

Quando o sinal OUVINTE em ASL *HEARING-PERSON* é colocado em um local diferente, gera-se um efeito de formação de várias outras metonímias que Goossens chama de “metaftonímia cumulativa – uma metáfora derivada da

metonímia” (1990, p. 338 *apud* Wilcox; Wilcox; Jarque, 2003, p. 12). Nesse caso, o sinal foi movido da área da boca para a testa, como podemos observar na Figura 12.

Figura 12 – Ilustração comparativa entre o sinal PENSAR-OUVINTE e o sinal DIZER em ASL



Fonte: Wilcox, Wilcox e Jarque (2003, p. 12)

Por causada mudança do parâmetro linguístico de localização, ouvinte (DIZER/SAY) torna-se PENSAR-OUVINTE (em ASL *THINK-HEARING*) (Figura 12). A testa, por sua vez, representa uma metonímia para o cérebro, compreendida como uma metáfora ontológica para um contêiner de processos de pensamento. De acordo com Wilcox, Wilcox e Jarque:

Quando esses processos de pensamento são considerados os processos de pensamento de uma pessoa ouvinte (PENSAR-OUVINTE), há um convite cognitivo para comparar o processo de pensamento da pessoa surda com o processo de pensamento de uma pessoa ouvinte (Wilcox; Wilcox; Jarque, 2003, p. 12).

Nessa perspectiva, a glosa metonímica PENSAR-OUVINTE (em ASL *THINK-HEARING*) assume um mapeamento metafórico que carrega uma poderosa força cultural quando o sinal DIZER/SAY, da mudança de posicionamento do local, deixa de se referir metonimicamente à produção de voz, a um ouvinte, ou mesmo à metonímia ampliada da cultura e dos valores dos ouvintes, e passa a se referir a um surdo, por meio de valores culturais relacionados à oralização:

O signo DIZER, por meio de suas diversas extensões metonímicas e metafóricas como PENSAR-OUVINTE, passa a se referir a uma pessoa que tem pelo menos algum grau de perda auditiva, que pensa como ouvinte, aceita a oralização e os sinais relacionados à

oralização, valoriza as maneiras do mundo ouvinte, rejeita a ASL, e assim por diante (Wilcox; Wilcox; Jarque, 2003, p. 13).

Diante disso, o PENSAR-OUVINTE (em ASL *THINK-HEARING*) é um signo utilizado para designar uma pessoa surda que abraça a ideologia do outro e escolhe “pensar e agir como uma pessoa ouvinte” (Padden; Humphries, 1988, p. 53). Nesse cenário, apesar do peso semântico depreciativo, é possível observarmos a relação entre os mapeamentos metonímico, metafórico e metaftomínico, que serão discutidos no item a seguir.

2.5.3 Noção de mapeamento da iconicidade cognitiva

No subitem 2.4.2, foi apresentada a noção de cultura da iconicidade cognitiva por meio de exemplos de mapeamentos metonímico, metafórico e metaftomínico que interagem com a iconicidade linguística do signo PENSAR-OUVINTE (em ASL *THINK-HEARING*). Diante disso, apresentamos as conceptualizações desses mapeamentos presentes na teoria de iconicidade cognitiva de Wilcox (2003, 2004a) que contribuíram para a análise do referido sinal.

Para Wilcox, Wilcox e Jarque (2003), a noção dos mapeamentos espaciais conceptuais está diretamente relacionada com a estrutura precisa do espaço conceptual e, apesar de demonstrarem um relevante nível de uniformidade entre os espaços individuais e coletivos, mostram uma variação substancial. Nesse sentido, os autores descrevem 3 (três) tipos de mapeamentos: mapeamentos metonímicos, nos quais uma subestrutura fornece acesso mental a outra subestrutura ou a todo o domínio localizado (sinédoque); mapeamentos metafóricos que ocorrem entre domínios semânticos distintos; e mapeamentos em domínios fonológicos e semânticos vistos na iconicidade cognitiva. Esses mapeamentos podem ser feitos em estruturas internas e externas do léxico, da gramática e da semântica.

Diante disso, a teoria de Wilcox mostra-se diferente da defendida por Cuxac: enquanto Wilcox foca na iconicidade presente nas estruturas internas e externas do léxico, da gramática e da semântica, a teoria de Cuxac, é focada na iconicidade presente na estrutura que compõe as narrativas.

2.6 Iconicidade em Língua de Sinais na teoria de Cuxac

Com foco na iconicidade em nível narrativo, na França, o modelo de Cuxac (1993, 1996, 1997a, 1997b, 1999, 2000a, 2000b, 2001, 2003, 2004) foi aplicado por Sallandre (2003) em análise de narrativas em Língua de Sinais Francesa com a finalidade de torná-lo um modelo padrão. No Brasil, Campello (2008) evidencia equívocos teóricos de associação do termo “classificadores” para a construção da ideia de iconicidade ou interpretações superficiais como uma simples referência icônica da realidade e propõe, com base no modelo de Cuxac, a rubrica de “Descrição Imagética”. Ademais, conforme Sallandre (2003) e Campello (2008), esse modelo baseou-se nas grandes correntes linguísticas do século XX, a saber: a matemática aplicada, a filosofia e as ciências da cognição.

Por um longo tempo, Cuxac (1985, 1996, 1997, 2000, 2003) dedicou-se à pesquisa do modelo “sémiogénétique”, que consistia na busca pela origem da criação de sinais. Por esse motivo, os corpora utilizados para investigar a iconicidade da imagem como conceito operativo referiam-se ao trabalho em relação à aquisição de sistemas gestuais por crianças surdas no ambiente de audição, em fase primária de aquisição da Língua de Sinais, e em adultos surdos isolados. Para o autor, o processo de iconização apresentava uma intenção semiótica a qual ele denominava de “construção de significado para e com os outros”. Nesse processo, o sinalizante demonstra a intenção de reconstituir de forma ilustrativa uma experiência vivida ou imaginada. Focado na iconicidade da imagem (Cuxac, 2000) e na iconicidade diagramática (Cuxac, 2003), o linguista observou que durante o processo havia uma seleção cognitiva natural sobre o que deve ou não ser representado iconicamente na estrutura representativa da Língua de Sinais.

Interessado em explicar o processo de iconização, Cuxac (2003) sugere uma bifurcação de duas visões nas línguas de sinais, que já existia nas línguas orais, embora não fosse tão utilizada. Nesse sentido, a língua divide-se entre o dizer conceitual e o querer mostrar (referencial): o primeiro refere-se aos léxicos do português padrão e é chamado de “visão não-ilustrada”, enquanto o segundo, aos aspectos visuais ilustrados ou estruturas de transferência, ou seja, é um fenômeno que se diz mostrando. Nas línguas orais, quando tal fenômeno acontece, em geral, aparecem os gestos que são coordenados pela fala. Já nas Línguas de Sinais, a visão ilustrada é bastante frequente, pois as dimensões do mostrar e imitar podem

ser constantemente requeridas. Nessa perspectiva, a visão não-ilustrada refere-se aos sinais do léxico padrão e a visão ilustrada, aos sinais de grande iconicidade (SGI). Seguindo esse pressuposto, o estudo de Cuxac e Sallandre (2003) centrou-se na iconicidade da Língua de Sinais Francesa (LSF), se subdividindo em três partes: estruturas altamente icônicas, iconicidade degenerada e iconicidade diagramática.

2.6.1 Iconicidade das unidades com finalidade ilustrativa

Como fruto de um desejo de classificar os traços estruturais preservados de um processo de iconização, Cuxac (1997) definiu todas essas estruturas mínimas como transferências. Nesse sentido, como resultado de uma filtragem cognitiva, as grandes estruturas icônicas tornaram-se quase idênticas em todas as línguas de sinais do mundo, segundo Sallandre (2003), por isso, os surdos de diferentes nacionalidades podem levar menos tempo para se entenderem do que os não-surdos levariam. Após a reflexão, Cuxac compreendeu que os sinais de grande iconicidade são o resultado de operações cognitivas, as transferências.

Para Cuxac (1996), estruturas como transferências são o resultado de operações cognitivas que visam maximizar as semelhanças formais entre as construções referenciais na linguagem e o universo psíquico da experiência perceptivo-pragmática, em uma palavra, cujas estruturas precisam ser ilustradas. São operações cognitivas que possibilitam a transferência de experiências reais ou imaginárias no universo discursivo tridimensional denominado “espaço de sinalização” (o espaço de realização das mensagens).

Para caracterizar estruturas de transferência, Cuxac (1996) usa duas comparações: estruturas de transferências situacionais e formais. As estruturas de transferências situacionais são o movimento da mão dominante que mostra como ocorre o deslocamento de um atuante do processo comparado a uma referência estável; as estruturas de transferências formais mostram a forma ou o tamanho do agente. Por exemplo, as marcas não manuais descrevem e fazem referência a estas formas: expressão facial e movimento indicam se a forma sinalizada pelas mãos é pequena, plana ou redonda, enquanto o olhar, focado nos referenciais, permite que o falante diga mostrando.

O referente dominante caracteriza as estruturas de transferência pessoal: o falante faz igual como se o personagem dissesse e fizesse o mesmo. Ele

desempenha o papel do personagem vivendo a experiência dele. De acordo com Sallandre (2003), Cuxac (1996) agrupa essas operações cognitivas em três tipos principais de transferências:

1. Transferências de forma e tamanho: são lugares, objetos ou pessoas descritos por seu tamanho ou forma (sem processo, sem actante).
2. Transferências situacionais: é o deslocamento de um objeto ou personagem em relação a um local estável. A cena é vista de longe.
3. Transferências pessoais: são as tomadas de cargo com actante, julgamento, aluguel. O locutor-enunciador desaparece e entra na pele do personagem transferido. Ele “torna-se” a entidade da qual fala; há incorporação (Sallandre, 2003, p. 82, tradução nossa).

Nessa perspectiva, depreendemos que os três principais tipos de transferência tendem a ser combinados (por exemplo: uma transferência situacional associada a uma transferência pessoal dá uma dupla transferência) e são baseados em uma forte semantização do corpo pertencente a uma multilinearidade de vários parâmetros envolvidos no processo.

2.6.2 Iconicidade de signos não ilustrativos

O outro viés da bifurcação resultou no aumento considerável de uso do léxico padrão, ou seja, um conjunto de unidades significativas discretas. Comparado ao primeiro ramo da bifurcação (SGI), o status de iconicidade neste ramo apresenta alguns problemas na medida em que não pode ser analisado como traços cognitivos da intenção do falante em construir mensagens mantendo um elo de semelhança com as experiências vividas ou imaginárias que ele transmite. Cuxac (2003) propõe analisar esses sinais de acordo com dois grandes dados estruturais da Língua de Sinais Francesa: o uso relevante do espaço icônico para diagramaticamente marcar as relações semânticas; e a organização significativa do léxico e do caráter molecular dos signos padrão, que é uma iconicidade economicamente “degradada” ou “degenerada”, conforme explica Sallandre (2003).

Apesar da teoria de Cuxac apresentar bases cognitivas de análise, essa perspectiva teórica não se mostrou satisfatória para ser somada à base do modelo metodológico de análise da iconicidade proposto no Capítulo 3 desta pesquisa, pois não leva em consideração os léxicos de áreas de especialidades. Em contrapartida,

a teoria de Faulstich foi a idealizadora do conceito de sinal-termo que motivou o desenvolvimento das pesquisas que compõem os corpora analisados.

2.7 Processo de criação de sinal-termo de Faulstich

Por meio de um constructo socioterminológico desenvolvido por Faulstich (1994) para línguas orais, Faria-do-Nascimento (2009), sob a orientação de Faulstich, propôs uma representação iconográfica do léxico da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e desenvolveu um modelo de Glossário Terminológico de Linguística em LSB no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro LexTerm) do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) da Universidade de Brasília (UnB).

Para isso, o constructo de Faulstich (1994) foi adaptado e aplicado pela primeira vez em uma língua de modalidade visuoespacial. Com base na aplicação desse constructo à LSB, Faulstich (2010, 2011, 2016) observou relações entre a iconicidade linguística e a estrutura das unidades lexicais e terminológicas dos sinais em LSB e refletiu sobre a natureza cognitiva da iconicidade linguística. Essas relações observadas reforçaram o postulado de Faulstich (2007) sobre a iconicidade em LSB, que afirma que “a iconicidade em Libras é um fenômeno cognitivo, já que uma palavra em Libras é um sinal complexo, e o significado é um processo que ocorre em uma cadeia de interpretantes de diferentes tipos” (Faulstich, 2007, p. 155). No entanto, foi na pesquisa de Costa (2012) que a iconicidade foi relacionada ao conceito de sinal-termo.

De acordo com Faulstich (2020), autora do conceito, a criação do conceito de sinal-termo foi motivada pela necessidade de harmonização linguística educacional, política e de acessibilidade à comunidade surda. No Brasil, essa necessidade surgiu a partir da regulamentação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que legitimou a Língua Brasileira de Sinais como segunda língua brasileira, e da implementação do Decreto nº 5.626/2005, de 22 de dezembro de 2005, que determina instruções para a promoção de garantias e direitos às pessoas com surdez na área da saúde e, especialmente, na área da educação.

Uma das exigências estabelecidas foi a inclusão da LSB como disciplina curricular no ensino infantil, nas séries iniciais e finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior de instituições públicas e privadas. Entretanto,

para cumprir essa exigência, seria necessário ter um número suficiente de profissionais capacitados para preencher as vagas previstas, além de um material didático adequado.

Diante disso, no Decreto nº 5.626/2005, houve uma proposta de inclusão da disciplina Libras de maneira progressiva, onde foi proposto que, no prazo de 10 (dez) anos a partir da publicação do documento oficial, todas as universidades públicas e privadas incluíssem a disciplina Libras obrigatoriamente nos cursos de licenciatura e nos cursos de Fonoaudiologia, bem como, de maneira optativa, para os outros cursos de nível superior. Ademais, dentro do referido prazo, para garantir esse direito educacional e político linguístico de inclusão da Libras, o Ministério da Educação se responsabilizou por promover oportunidades específicas para criação de cursos de graduação construídos para formação de profissionais capacitados para lecionarem a disciplina de Libras e de Português como Segunda Língua, assim como podemos observar no artigo 11 do Decreto nº 5.626/2005:

Art. 11. O Ministério da Educação promoverá, a partir da publicação deste Decreto, programas específicos para a criação de cursos de graduação:

- I - para formação de professores surdos e ouvintes, para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, que viabilize a educação bilíngüe: Libras - Língua Portuguesa como segunda língua;
- II - de licenciatura em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa, como segunda língua para surdos;
- III - de formação em Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa.

Conforme disposto no Decreto nº 5.626/2005, o curso de Licenciatura em Letras Libras foi regulamentado para formar professores capacitados no ensino da Libras como primeira língua (L1) e o português escrito como segunda língua (L2), não como dupla habilitação, mas como modalidades de ensino complementares direcionados para o nível escolar e universitário, dentro do prazo de dez anos a partir da publicação do Decreto.

Segundo dados coletados do Sistema e-MEC,² em 2022, 99 (noventa e nove) instituições públicas e privadas de ensino superior no Brasil que se adequaram ao Decreto nº 5.626/2005 e ofertam o curso de Letras Libras. Todavia, após 17 anos, a disciplina de Libras ainda não foi incluída nas escolas de ensino regular da educação básica, com exceção do estado de Tocantins, primeiro do Brasil a iniciar o

² Sistema eletrônico de acompanhamento dos processos que regulam a educação superior no Brasil.

projeto de inclusão da disciplina de Libras como componente curricular da rede estadual de ensino, a ser concretizado em 2023.

Na Universidade Federal de Brasília (UnB), por exemplo, a adequação à exigência do Decreto nº 5.626/2005 ocorreu de maneira diferente das demais instituições de ensino. Enquanto na maioria das universidades foram adotados os termos linguísticos (Libras, Letras Libras, entre outros) sugeridos pela Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 e pelo Decreto nº 5.626/2005, no processo de elaboração do Projeto Político Pedagógico do Curso (PPC), na UnB, o curso foi criado à luz do pensamento linguístico e político do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. Por esse motivo, há componentes curriculares especificamente criados para a grade curricular e o nome do curso foi estabelecido como Língua de Sinais Brasileira – Português como Segunda Língua (LSB-PSL), em 2018, em vez de Licenciatura em Letras Libras, nomenclatura comumente compartilhada entre outras Instituições de Ensino Superior (IES) do Brasil.

Durante o percurso de estruturação e desenvolvimento do curso LSB-PSL da UnB, segundo Faulstich (2020a), ocorreu a necessidade de harmonização linguística, como recurso metodológico, relacionada diretamente às políticas linguísticas e ao léxico, devido à presença de um bilinguismo explícito.

Em outras palavras, para o desenvolvimento do curso proposto pela política de estado, foi preciso considerar e perceber a relação linguística bilíngue entre a LSB e a Língua Portuguesa (LP), como línguas com estruturas diferentes e distantes em termos lexicais e gramaticais. Nesse sentido, nas palavras de Faulstich (2015, p. 1), “o sucesso do binômio ensino-aprendizagem depende de como as línguas se harmonizam, em vista de os sistemas se posicionarem mais próximos ou mais distantes pela natureza de cada uma das línguas envolvidas”. Quando a harmonização não acontece ao longo da linha contínua da formação, há uma promoção de quebras de conhecimento e o fomento de espaços vazios prejudiciais, porque o conteúdo da língua portuguesa, ensinado pela LSB em desarmonia, por sua vez, gera interpretações contraditórias quando os estudantes surdos não conseguem compreender os conteúdos abordados das disciplinas específicas do curso.

Diante do exposto, Faulstich (2020b) explicou que, durante o percurso acima mencionado, foi necessária a construção de três categorias de harmonização linguística para evitar um bilinguismo de disfarce: I – harmonização linguística pela

acessibilidade; II – harmonização linguística pela educação; e III – harmonização linguística pela política de línguas. Essas categorias serão explicadas a seguir.

A *harmonização linguística pela acessibilidade* ocorre quando é levado em consideração que as barreiras cognitivas estão no escopo do léxico e da gramática das línguas envolvidas. Geralmente, as barreiras aparecem no ato da interação, porque o desempenho do falante de uma Língua1 = [L1] no contato com uma Língua2 = [L2] manifesta um bilinguismo explícito, durante o ato discursivo. Nas palavras de Faulstich:

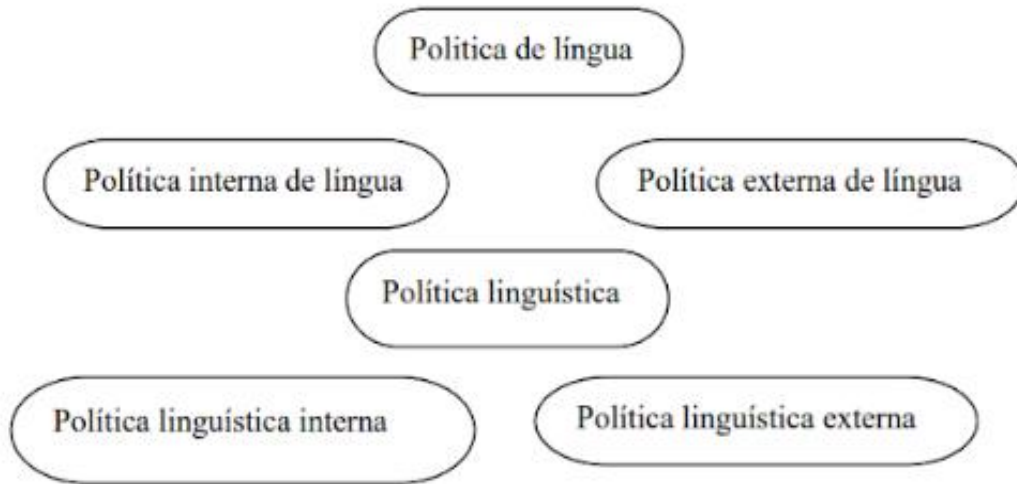
Desse modo, pensamentos que partem de um locutor de uma língua (L1) têm como alvo um segundo locutor (L2) que recebe esses pensamentos e os devolve num discurso harmônico, pois a representação é uma operação que vai além da relação binária do signo, uma vez que a linguagem não exerce apenas a função de nomear ou designar. Representar é estar em lugar de, é estar numa tal relação com “um outro” que, para certos propósitos, é considerado por alguma mente como se fosse esse outro (Faulstich, 2015, p. 2).

Nessa dinâmica, o professor, como usuário de uma primeira língua (L1), coloca-se no lugar de dois. Ao construir conteúdo para fomentar a compreensão de informações textuais, esse falante da L1 torna-se um primeiro autor, por ser o ponto de partida da informação, além de ser, também, um segundo autor, porque retirou a informação de algum lugar e reelaborou conceitos. Como recebedor da informação, o estudante torna-se o terceiro; há, ainda, um quarto que é o autor da obra, fonte da informação de onde foi extraído o conteúdo circulado. Nessa perspectiva, para Faulstich, “a representação decorre de uma sequência de preenchimento de lugares para que o entendimento se dê por consenso” (2015, p. 2). Nesses termos, o signo linguístico, unidade mínima, apresenta uma natureza mais ampla, de modo que requer estruturas internas e externas que favoreçam a harmonização entre línguas.

A *harmonização linguística pela educação* está relacionada à abrangência da estrutura dos currículos que, segundo Faulstich (2015), devem apresentar conteúdos com competências específicas que visam uma formação linguística para o par LSB-PSL ou PSL-LSB. Nesse tipo de harmonização, espera-se que as disciplinas contenham habilidades adequadas para as atividades de ensino, que conduzam professores, alunos e intérpretes para o ensino e para a aprendizagem de línguas de modalidades diferentes.

A *harmonização linguística pela política* se organiza, por conseguinte, em um quadro de políticas, estruturado em 6 (seis) subtipos, que podem ser observados na Figura 13:

Figura 13 – Política de língua



Fonte: Faulstich (2015)

Nessa perspectiva epistemológica, estruturalismo, formalismo, cognitivismo e funcionalismo se aproximam, visto que o objeto da análise são os lexemas, que expressam a informação pela interpretação lexical, e as estruturas de forma, pela interpretação gramatical. Assim, o léxico também desenvolve uma função política quando armazena e transmite conteúdos conceituais importantes para memórias dos diversos quadros do conhecimento científico, técnico e do cotidiano. Dessa maneira, o lexema, unidade vocabular, sofre efeitos morfossintáticos, semânticos e pragmáticos socioculturais à medida que filtra e orienta os usos. De acordo com Faulstich, “essa macroperspectiva sintetiza as relações entre línguas e vida social” (2015, p. 3). Logo, para a autora, política de língua se apresenta como um modelo de organização que direciona o indivíduo, dentro de um contexto sociocultural, a uma educação linguística eficaz e segura. Segundo Faulstich, essa política se subdivide, ainda, em política interna da língua e política externa da língua:

Política interna de língua é a política que enxerga a língua no funcionamento, mediante as regras gramaticais que a constituem; corresponde ao padrão que lhe dá vida e a torna pública do ponto de vista do uso socialmente aceito. É a política que “fala” de língua. Política externa de língua é a política que confronta as regras intrínsecas de línguas, em consideração ao fato de que, em um

mesmo território, duas ou mais línguas convivem e se inter-relacionam sem que uma assimile a outra. É a política que “fala” sobre línguas e distingue língua falada por grupo maior de língua falada por grupo numericamente inferior. Nesse contexto, a língua materna ou Língua 1 (L1) é a de difusão no território primitivo ou mesmo línguas transplantadas, que foram adicionadas e que se tornaram numericamente maiores (Faulstich, 2015, p. 13).

No caso do Brasil, a língua predominantemente aceita e usada como L1 é o português. Essa noção política vai além da prática de usos e da relação afetiva, pois ela determina o formato do planejamento de projetos pedagógicos adequados à realidade linguística, social e educacional do Estado que se preocupa com quais línguas serão ensinadas e para quem o ensino será direcionado, como um princípio de cidadania, que preconiza o direito de aprendizagem, em todos os níveis de formação humana. Isso justifica, por exemplo, a postura da política linguística registrada na Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que regulamenta a Libras como L2 no Brasil, e no Decreto nº 5.626/2005, que determina o ensino de Libras como L1 para surdos, além do ensino e uso do português escrito para incluir a comunidade surda minoritária à sociedade. Diante do exposto, as políticas de línguas correlacionam-se com as políticas linguísticas e assim como as políticas de línguas se subdividem em interna e externa, as políticas linguísticas também possuem essa subdivisão interna e externa, conforme descreve Faulstich:

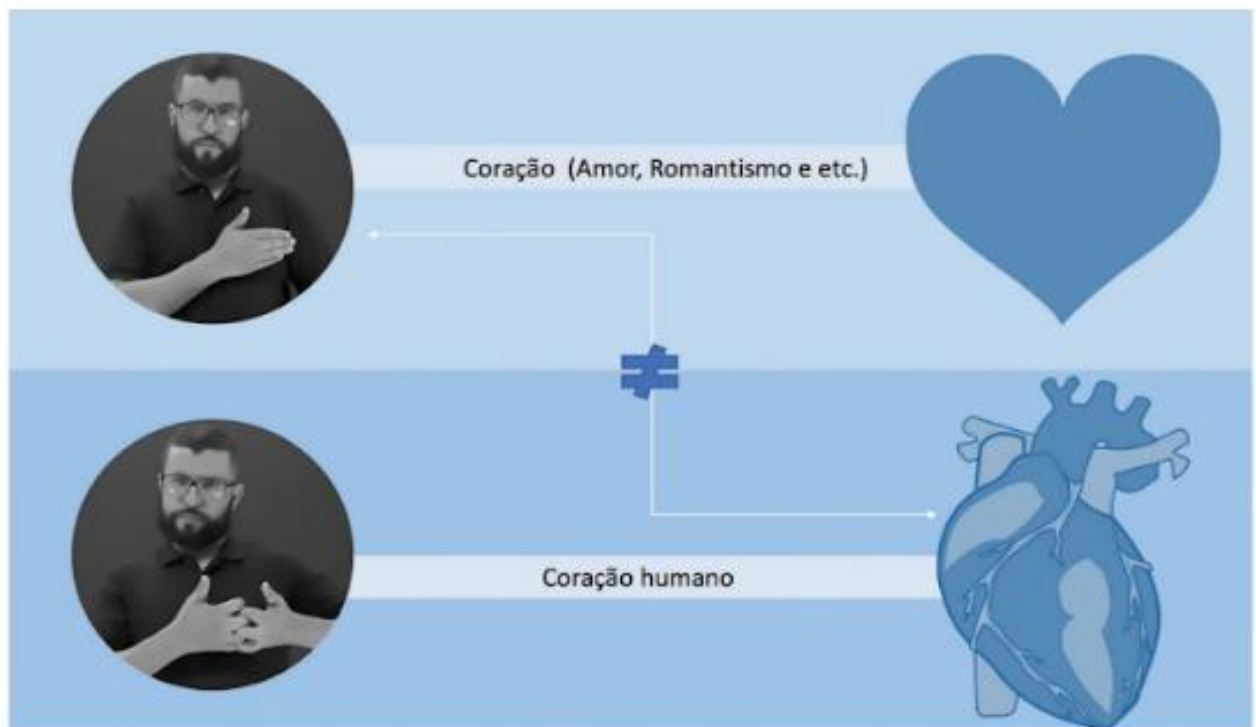
Política linguística interna é a política que orienta métodos para reconhecer estruturas de comparação e de contraste que fazem com que as línguas diferenciem entre si conteúdos gramaticais e lexicais e funcionem com autonomia. O objeto interno de estudo e de análise é a língua propriamente dita – léxico, gramática e estilo –, formada por regras que constituem um sistema de representação cultural coeso, pronto para a comunicação e para a interação do todo social que a usa. Definimos política linguística externa como a política que orienta métodos para o discernimento de questões que dizem respeito ao uso das línguas no plano social. Sob esse propósito, é possível postular questões como: onde uma língua é usada; a que família pertence; que território a delimita; qual o potencial de valor financeiro nas comunicações internas e externas; que percentual lhe corresponde no PIB nacional. Outras variáveis podem ser acrescentadas, tais como: o valor financeiro que uma língua assume nos investimentos em tecnologia, na geração de produtos, de processos e de patentes; o custo de criação e de circulação de revistas científicas e populares; o valor reservado para a tradução de livros; no planejamento econômico do Estado, o valor que é conferido à educação, por aluno, no ensino escolar de todos os níveis, desde o primário ao superior. Essas variáveis podem-se cruzar e novas podem-se manifestar (Faulstich, 2015, p. 4).

Em síntese, a harmonização ocorre na ordem da política linguística, porque pressupõe o uso de mais de uma língua no processo de combinar um panorama funcional de movimento discursivo. Ou seja, a harmonização pressupõe representação dos papéis no uso da linguagem, porque o bilinguismo requer que se ponha uma língua em lugar de outra. Harmonização linguística é, portanto, “combinação de sistemas de línguas envolvidas no ato interlocutório, de tal forma que, no léxico e na gramática, o resultado apareça no bilinguismo explícito, em conformidade conceitual entre os níveis estruturais” (Faulstich, 2015, p. 3). Quando essa combinação de sistema de L1 e L2 não acontece, ambos os interlocutores sentirão dificuldades de compreensão do significado de palavras e termos especializados, no âmbito dos vocabulários científicos ou técnicos.

Diante do exposto, Faulstich e Costa (2012), por meio de um pensamento linguístico lógico, desenvolveram o conceito de sinal-termo a partir de uma necessidade de harmonização linguística entre *termo*, *sinal* e *sinal-termo*, com a finalidade de politicamente tornar acessível os conhecimentos educacionais técnicos e científicos, das áreas de especialidade, aos surdos que passaram a ser inseridos em escolas e universidades, a partir da iniciativa política do estado brasileiro pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e pelo Decreto nº 5.626/2005.

Nessa perspectiva, a noção de léxico no português equivale à noção de sinal em Língua de Sinais Brasileira, logo a noção de termo na LP equivale à noção de sinal-termo na LSB. Em outras palavras, assim como nas línguas orais há diferenças entre palavras de uso do cotidiano e palavras de uso de áreas de especialidade, harmonicamente, nas línguas visuoespaciais também há essa diferenciação para os sentidos serem compreendidos de maneira socioculturalmente eficaz, conforme ilustrado na Figura 14:

Figura 14 – Ilustração do léxico coração e sinal-termo coração



Fonte: Costa (2012)

Na imagem acima, podemos observar que, apesar de possuírem a mesma escrita no português, a palavra *coração* pode apresentar e ser usada com sentidos diferentes. Contudo, ao estabelecer uma harmonização entre dois sistemas linguísticos estruturalmente diferentes e distantes, é preciso que, conforme o princípio de harmonização linguística de Faulstich (2015), o professor bilíngue coloque-se no lugar do outro, nesse caso o aprendiz surdo, que relaciona as informações e sentidos a estruturas linguísticas visuais, portanto, um sinal para o uso comum e um sinal para área de especialidade viabiliza, de maneira harmônica, uma melhor compreensão do surdo entre as conceptualizações de uso em contextos do cotidiano e de uso em contextos técnicos.

Contudo, nem todos os termos técnicos em LP possuem sinal-termo correspondente em LSB. Diante disso, para que os sinais-termo não fossem feitos de maneira aleatória, sem considerar as conceptualizações abstratas inerentes à área de especialidade, o método socioterminológico de construção de dicionários e glossários feito por Faulstich (1995), para línguas orais, foi reestruturado e adaptado para elaboração de dicionários e glossários em LSB, língua visual, ou em mais de uma língua, seguindo as etapas descritas a seguir: Reconhecimento e identificação

do público-alvo; Delimitação das áreas pesquisadas; Coleta e organização dos dados; Organização do glossário; Teste de validade.

2.7.1 Reconhecimento e identificação do público-alvo

Segundo Faulstich, “identificar o consulente é o primeiro passo de um trabalho terminográfico, pois determina a estrutura e o tipo de obra que será elaborada” (1995, p. 35), nesse sentido, o primeiro passo consiste em definir o objetivo e o público-alvo da pesquisa. Assim, o objeto de estudo são os termos técnicos usados pelo público-alvo, no contexto da área de especialidade analisada, mas os que ainda não possuem sinais correspondentes. Por serem glossários bilíngues para usuários surdos é importante, nesse processo, analisar o perfil do surdo que se relaciona com a área de especialidade analisada, bem como os técnicos que são comumente usados por eles.

2.7.2 Delimitação das áreas pesquisadas

Esta etapa do processo requer bastante atenção do pesquisador para o desenvolvimento de um bom glossário. Quando o pesquisador imerge na área de especialidade para coleta de dados, geralmente, os registros são bem robustos, porém é necessário que o pesquisador tenha atenção em relação ao campo conceptual e às variantes inerentes aos termos técnicos coletados. Nesse sentido, é preciso delimitar bem a área pesquisa para poder seguir ao próximo passo.

2.7.3 Coleta e organização dos dados


A coleta de dados pode ser realizada por meio de observações e registros dos termos técnicos mais utilizados pelos usuários surdos e intérpretes da área de especialidade analisada. Uma vez que esses dados são coletados, eles são registrados em fichas terminológicas.

Por meio desta ficha, é viável localizar o contexto intrínseco a um termo e recuperar as informações pertinentes à origem. De acordo com Faulstich (1995a), trata-se da “certidão de nascimento de um termo”. A ficha em questão contempla uma diversidade de campos informativos, possibilitando, assim, a exposição de

múltiplos contextos de uso do termo em análise. Conforme destacado por Martins (2007), a ficha terminológica ostenta uma significância ímpar no âmbito do trabalho terminológico, sendo considerada uma ferramenta indispensável para a geração de glossários ou dicionários, pois propicia um registro exaustivo e meticulosamente organizado de informações relativas a um termo.

É imprescindível destacar que tal abrangência acarreta a existência de diversos modelos de ficha terminológica. A Figura 15 ilustra o modelo de ficha terminológica bilíngue proposta por Faulstich (1995a):

Figura 15 – Modelo de ficha terminológica bilíngue Português-Libras e Libras-português

FICHA TERMINOLOGICA DE GLOSSARIO BILINGUE DA MUSICA PORTUGUÊS-LIBRAS E LIBRAS-PORTUGUÊS											
Número da ficha: 39											
PORTUGUÊS – LIBRAS											
ent.	Pentagrama										
var.	Pauta										
cat.	s.										
gên.	m.										
def.	Um conjunto de 5 linhas e 4 espaços onde são escritas as notas musicais.										
Fonte def.	DGM, 1994										
cont.	No pentagrama tem 7 notas musicais.										
LIBRAS - PORTUGUÊS											
ent.											
var.	--										
cat.	n.										
gên.	--										
def.	CONJUNTO 5 LINHAS 4 ESPAÇO ONDE TER NOME NOTA MUSICAIS.										
cont.	7 NOTAS MUSICA PENTAGRAMA TER.										
imagem	<table style="width: 100%; border: none;"> <tr> <td style="width: 50%;">5ª linha _____</td> <td style="width: 50%;">4º espaço _____</td> </tr> <tr> <td>4ª linha _____</td> <td>3º espaço _____</td> </tr> <tr> <td>3ª linha _____</td> <td>2º espaço _____</td> </tr> <tr> <td>2ª linha _____</td> <td>1º espaço _____</td> </tr> <tr> <td>1ª linha _____</td> <td></td> </tr> </table>	5ª linha _____	4º espaço _____	4ª linha _____	3º espaço _____	3ª linha _____	2º espaço _____	2ª linha _____	1º espaço _____	1ª linha _____	
5ª linha _____	4º espaço _____										
4ª linha _____	3º espaço _____										
3ª linha _____	2º espaço _____										
2ª linha _____	1º espaço _____										
1ª linha _____											
Fonte imagem	TM (1996)										

Fonte: Prometi (2013, p. 51)

2.7.4 Organização do glossário

Após a conclusão da fase de coleta de dados e o registro apropriado nas fichas terminológicas, os pesquisadores iniciam o processo de gravação em língua de sinais. Para tanto, na UnB, há uma reunião no LabLibras, contando com a

participação de pesquisadores surdos especializados em linguística e na área da especialidade analisada. Nesse encontro, o pesquisador encarregado de produzir os dados para a pesquisa apresenta um recurso visual, como um PowerPoint, contendo informações detalhadas sobre o termo em análise. Em seguida, um diálogo substancial se desenvolve em torno do possível sinal equivalente. Uma análise rigorosa dos parâmetros é conduzida com o intuito de preservar uma abordagem conceitualmente consistente e coerente, ancorada em uma base lexical similar. Após a seleção do sinal apropriado e a aprovação pelo grupo, é realizado um registro em alta qualidade por meio de uma câmera profissional, garantindo a subsequente armazenagem em um computador.

2.7.5 Teste de validade

De acordo com Prometi, Costa e Tuxi (2015), os termos analisados passam por constantes validações em colaboração com outros pesquisadores linguistas surdos no LabLibras. Além disso, são utilizados canais interativos de comunicação social frequentados por diversos surdos, com o objetivo de realizar uma “validação” e criação dos sinais correspondentes. Atualmente, os pesquisadores colaboradores das pesquisas da UnB participam ativamente de dois importantes grupos de pesquisa por meio de programas de mensagens, como o WhatsApp. Conforme Prometi, Costa e Tuxi (2015, p. 13), o primeiro grupo é denominado “Pesquisadores de Libras” e o segundo, no aplicativo Telegram, é intitulado “Lexicologia e Terminologia”. Os dois grupos de aplicativos são coordenados por pesquisadores linguistas surdos, que possuem representatividade acadêmica e têm seus trabalhos apresentados em eventos da área.

Diante do exposto, os glossários elaborados por pesquisadores da UnB e que seguiram as supracitadas etapas de elaboração propostas por Faulstich (1995a) serviram de base para o levantamento de dados necessários para analisarmos o papel do fenômeno da iconicidade no processo de criação de sinais-termo. Nesse sentido, apresentamos no Capítulo 3 a base metodológica para o desenvolvimento deste estudo.

2.8 Síntese do Capítulo

No primeiro momento deste capítulo, apresentamos a interação entre a linguística e o cognitivismo. Em seguida, descrevemos os parâmetros fonológicos das Línguas de Sinais para uma melhor compreensão da perspectiva da Linguística Cognitiva sobre a iconicidade e as contribuições das teorias para o avanço dos estudos cognitivos da Língua de Sinais Brasileira. Por fim, destacamos as principais teorias sobre a iconicidade em Língua de Sinais que fundamentaram as análises e discussões desta pesquisa.

No primeiro momento deste capítulo, apresentamos a perspectiva da Linguística Cognitiva em relação à iconicidade e como isso contribui para os estudos da LSB. O foco deste capítulo é a iconicidade na perspectiva da Linguística Cognitiva, especialmente nas Línguas de Sinais. As abordagens conceituais da LC, como Semântica Cognitiva, Teoria dos Protótipos, Domínio, Esquemas Imagéticos, Metáfora, Metonímia e Gramática Cognitiva, são abordadas nos estudos teóricos de Taub, Wilcox e Cuxac, autores que já estudaram a iconicidade em Línguas de Sinais e serviram de base para o desenvolvimento desta pesquisa.

Em seguida, contextualizamos os parâmetros fonológicos das Línguas de Sinais para uma melhor compreensão dos estudos teóricos abordados, apresentando um panorama dos estudos linguísticos sobre a iconicidade das teorias de Taub, Wilcox e Cuxac e, por fim, abordamos o processo de criação de sinal-termo, desenvolvido por Faulstich (1995). Explicamos que o conceito de sinal-termo surgiu da necessidade de harmonização linguística entre a língua portuguesa e a LSB para tornar os conhecimentos educacionais, técnicos e científicos acessíveis aos surdos.

Nessa direção, também discutimos sobre a harmonização linguística que ocorre por meio de políticas linguísticas que orientam a harmonização entre os sistemas linguísticos da L1 e L2, considerando as diferenças estruturais entre as línguas envolvidas. A política linguística interna lida com as regras gramaticais da língua, enquanto a política linguística externa aborda questões de uso social das línguas em um território. Desse modo, mostramos que o conceito de sinal-termo se tornou relevante para inclusão e acesso dos surdos à educação e ao conhecimento especializado e que o processo de criação envolve a identificação do público-alvo,

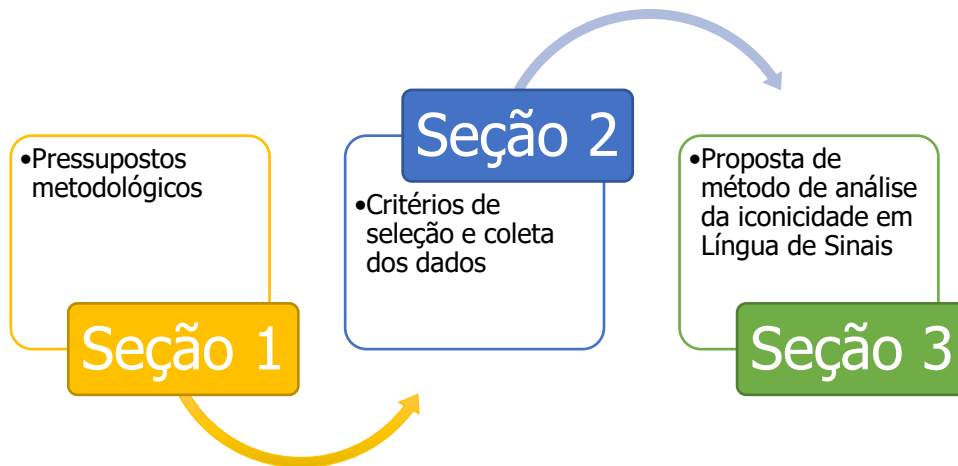
delimitação das áreas, coleta e organização dos dados, teste de validade e colaboração com outros pesquisadores linguistas surdos.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 Introdução

Este capítulo está organizado em 3 (três) seções, conforme ilustrado na Figura 16.

Figura 16 – Estrutura metodológica da Tese



Fonte: Elaborado pela autora

Abordamos, primeiramente, os pressupostos metodológicos. Após, apresentamos os critérios de coleta e seleção dos dados. Em seguida, aplicamos o modelo de análise da iconicidade ao sinal-termo, com a ilustração do sinal-termo *coração* desenvolvido por Costa (2012).

3.2 Pressupostos metodológicos

A pesquisa tem como objetivo geral analisar o fenômeno da iconicidade na Língua de Sinais Brasileira (LSB), com base nos conceitos observáveis no processo de criação dos sinais-termo. O ponto central da pesquisa é a iconicidade. A abordagem é de natureza qualitativa e descritiva.

A natureza qualitativa segue a orientação resumida por Creswell (2007), que explica que se leva em consideração a relação dinâmica entre o mundo e a subjetividade do sujeito, que não pode ser representada em números, como acontece em pesquisas quantitativas. Neste tipo de pesquisa, a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados tornam-se aspectos representativos

principais. Geralmente, o contexto pragmático e natural é a fonte direta para a coleta de dados feita pelo pesquisador, que, por sua vez, tende a analisar os dados indutivamente e de maneira descritiva ou explicativa. Para tanto, o processo e as interpretações inerentes ao fenômeno analisado são os focos principais dessa abordagem. Nessa perspectiva, um dos procedimentos técnicos utilizados nesta Tese foi o levantamento bibliográfico, com a coleta de materiais já publicados e disponibilizados na internet.

Nesses corpora selecionados, com base nos critérios de seleção do item 3.1.2, constam sinais-termo criados a partir de léxicos do português retirados dos contextos de áreas de especialidade, ou seja, dados de usuário e estado de coisas em que os sinais-termo estão inseridos.

Após o levantamento bibliográfico dos dados, iniciamos a análise descritiva da iconicidade no processo de criação de sinais-termo. Para Gil, “a pesquisa descritiva tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre as variáveis” (1999, p. 46). Assim, a abordagem qualitativa e descritiva é baseada nas relações entre a triangulação de fontes, a interpretação do pesquisador e a elaboração de uma proposta de modelo de análise da iconicidade em sinais-termo dos itens 3.1.2 e 3.1.3, a seguir.

3.3 Critérios de seleção e coleta dos dados

Em 2012, durante a orientação de doutorado de Costa, Faulstich criou o conceito de sinal-termo. Com base nesse conceito criativo, discutiremos o papel que o fenômeno da iconicidade desempenha na Língua de Sinais Brasileira.

Destacamos como fundamento que a iconicidade está no constructo do sinal-termo, sendo motivado pela necessidade de harmonização linguística, política ou por acessibilidade, como descrito no Capítulo 2 desta Tese. Nesse sentido, em grande parte, o termo em português ou o contexto de uso serve de referência para o pesquisador surdo, ou não-surdo, criar o sinal-termo referente. A partir de 2012, o conceito sinal-termo se desenvolveu nos estudos de vários pesquisadores em uma sequência de trabalhos desenvolvidos na UnB – sob orientação ou não de Faulstich – e em outras instituições, conforme ilustra o Quadro 1.

Quadro 1 – Trabalhos sobre sinais-termo de diferentes autores

Autor(a)	Área de especialidade	Sinais-termo	Tipo de documento/Instituição	Ano
Costa	Ciências	Corpo Humano	Dissertação de mestrado Universidade de Brasília (UnB)	2012
Prometi	Música	Notação musical	Dissertação de mestrado Universidade de Brasília (UnB)	2013
Castro Júnior	Ensino Médio	Disciplinas: Biologia, Física, História, Português, Matemática e Química	Tese de doutorado Universidade de Brasília (UnB)	2014
Souza	Cinema	Cinematográficos	Dissertação de mestrado Universidade de Brasília (UnB)	2015
Douettes	Religião	Bíblicos	Dissertação de mestrado Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	2015
Nascimento	Ciências	Meio ambiente	Tese de doutorado Universidade de Brasília (UnB)	2016
Felten	História	História do Brasil	Dissertação de mestrado Universidade de Brasília (UnB)	2016
Tuxi	Acadêmico	Técnico e administrativo	Tese de doutorado Universidade de Brasília (UnB)	2017
Cardoso	Nutrição	Alimentos	Dissertação de mestrado Universidade de Brasília (UnB)	2017
Cavalcante	Jurídica	Direito Constitucional	Dissertação de mestrado Universidade Federal Fluminense (UFF)	2017
Vale	Jurídicos	Processo judicial	Dissertação de mestrado Universidade de Brasília (UnB)	2018

Martins	Psicologia	Psicologia	Tese de doutorado Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	2018
Marques	Apicultura	Apicultura	Dissertação de mestrado Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	2018
Andrade	Nutrição e Alimentação	Alimentação e nutrição	Tese de doutorado Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	2019
Friedrich	Administração	Administração	Dissertação de mestrado Universidade Federal de Pelotas (UFPel)	2019
D'Azevedo	Matemática	Equações	Dissertação de mestrado Universidade de Brasília (UnB)	2019
Machado	Educação a Distância	Ambiente Virtuais de aprendizagem (AVA)	Dissertação de mestrado Universidade de Brasília (UnB)	2019
Silva	História e Cultura Afro-brasileira	Língua Yorubá da Nação Ketu/Nagô	Dissertação de mestrado Universidade do Estado da Bahia (UNEB)	2019
Santos	Lei Maria da Penha	Vocabulário das leis que versam sobre a violência contra a mulher	Dissertação de mestrado Universidade de Brasília (UnB)	2019
Almeida	Agronomia	Sinais-termo de equipamentos agrícolas	Dissertação de mestrado Universidade de Brasília (UnB)	2020
Garcia	Saúde	Traumatologia e Ortopedia	Tese de doutorado Universidade de Brasília (UnB)	2021

Fonte: Elaborado pela autora

Como pode ser visto no Quadro 1, há uma crescente aplicação do conceito sinal-termo em nível nacional desde 2012, o que nos levou a estabelecer o primeiro critério de coleta e seleção dos dados para esta pesquisa: *1) descrever e expor o sinal-termo – coletar sinais-termo extraídos de trabalhos orientados por Faulstich, desenvolvidos no Centro LexTerm e LabLibras da UnB, e listar Dissertações e Teses que adotaram sinal-termo como entidade conceitual da área da Terminologia científica e técnica.*

Por meio desse primeiro critério, em que fizemos buscas no currículo Lattes da Professora Dra. Enilde Faulstich, obtivemos um total de 15 (quinze) pesquisas com sinais-termo, 8 dissertações e 7 Teses, conforme o Quadro 2, a seguir.

Quadro 2 – Dissertações e Teses sobre sinal-termo orientados por Faulstich

Ano	Autor(a)	Dissertação	Ano	Autor(a)	Tese
2012	Costa	Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: ENCICLOLIBRAS	2014	Castro Júnior	Projeto Varlibras
2013	Prometi	Glossário bilíngue da Língua de Sinais Brasileira: criação de sinais dos termos da música	2016	Nascimento	Terminografia em Língua de Sinais Brasileira: proposta de glossário ilustrado semibilíngue do meio ambiente
2015	Souza	Sinais lexicais dos termos cinematográficos: a perspectiva da Língua de Sinais Brasileira no cinema	2017	Tuxi	A terminologia na Língua de Sinais Brasileira: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue
2016	Felten	Glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de termos da História do Brasil	2020	Prometi	Terminologia da língua de sinais brasileira: léxico visual bilíngue dos sinais-termo musicais – um estudo contrastivo
2019	Santos	Um estudo sistêmico do vocabulário das leis que versam sobre a violência contra a mulher	2021	Garcia	Sinais-termo da área de Traumatologia e Ortopedia: uma proposta de glossário bilíngue em Língua Portuguesa-Língua de Sinais Brasileira
2019	Nascimento	Criação de sinais-termo na Língua de Sinais Brasileira de verbos de ação-processo da Linguagem Forense	2021	Costa	Enciclolibras: Produção sistematizada de sinais-termo em Língua de Sinais Brasileira em novos eixos temáticos: LSB e LGP
2020	Alves	Glossário bilíngue da Língua de Sinais Brasileira: criação de sinais-termo do campo da Informática	2021	Moreira	Criação de sinais-termo: o conceito na descrição das estruturas sintáticas em português para surdos
2020	Almeida	Léxico bilíngue de sinais-termo de equipamentos agrícolas			

Fonte: Elaborado pela autora

Outro fator considerado foi que os sinais-termo criados eram motivados ou por Unidade Terminológica Simples (UTS) do Português ou por Unidade Terminológica Complexa (UTC). Contudo, as Unidades Terminológicas Simples eram as que apresentavam maior frequência de ocorrência. Diante disso, com a finalidade de otimizar a descrição e análise dos dados, chegamos ao segundo critério: *II) coletar sinais-termo motivados por Unidade Terminológica Simples do Português.*

Além disso, observamos que as Dissertações e Teses selecionadas apresentavam sinais-termo de áreas de especialidades diferentes, tendo em comum o objetivo de harmonização linguística para o contexto educacional, por exemplo, promover uma melhor acessibilidade linguística acadêmica para a comunidade surda na área de música, computação, entre outras. Isso nos levou a elaborar o terceiro critério de coleta dos dados: *III) coletar sinais-termo extraídos de contextos pragmáticos educacionais.*

Em síntese, após a análise de Dissertações e Teses com base nesses 3 (três) critérios de coleta dos dados, obtivemos, das dissertações, 250 UTS em português e, das Teses, 223 UTS em português, ou seja, um total de 473 sinais-termo. Por ser um número robusto para o tipo e tempo da presente pesquisa, e nossa pesquisa ser centrada na discussão e proposta teórica decidimos analisar uma quantidade mínima de cada Dissertação e Tese. Nessa perspectiva elaboramos o quarto e último critério de coleta: *IV) coletar 2 (dois) UTS, de cada Dissertação e Tese, com maior frequência de uso, selecionadas pelos pesquisadores surdos e não-surdos.* Nos Quadros 3 e 4 a seguir estão as listas de UTS coletadas.

Quadro 3 – Lista de Unidades Terminológicas Simples em Dissertações

Ordem	Ano	Autor(a)	Dissertação	Tema	Sinais-Termo criados
1	2012	Costa	Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: ENCICLOLIBRAS	Corpo humano (Saúde)	1) Esqueleto; 2) Braço;
2	2013	Prometi	Glossário bilíngue da Língua de Sinais Brasileira: criação de sinais dos termos da música	Música	1) Mínima; 2) Pentagrama;
3	2015	Souza	Sinais lexicais dos termos cinematográficos: a perspectiva da Língua de Sinais Brasileira no cinema	Cinema	1) Comédia; 2) Claquete;
4	2016	Felten	Glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de termos da História do Brasil	História do Brasil	1) Abdicação; 2) Ocupação
5	2019	Santos	Um estudo sistêmico do vocabulário das leis que versam sobre a violência contra a mulher	Violência contra a mulher	1) Femicídio; 2) Episiotomia
6	2019	Nascimento	Criação de sinais-termo na Língua de Sinais Brasileira de verbos de ação-processo da Linguagem Forense	Verbo-ação forense	1) Amordaçar; 2) Arrolar;
7	2020	Alves	Glossário bilíngue da Língua de Sinais Brasileira: criação de sinais-termo do campo da Informática	Informática	1) Teclado; 2) Monitor;
8	2020	Almeida	Léxico bilíngue de sinais-termo de equipamentos agrícolas	Agrícola	1) Retroescavadeira; 2) Semeadeira;
			TOTAL – 16 UTS		

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 4 – Lista de Unidades Terminológicas Simples em Teses

Ordem	Ano	Autor (a)	Tese	Tema	Sinal-Termo criados
1	2014	Castro Júnior	Projeto Varlibras	Biologia, Física, História, Matemática, Português e Química.	1) Briófitas; 2) Predador;
2	2017	Tuxi	A terminologia na Língua de Sinais Brasileira: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue	Administrativo acadêmico	1) Crédito; 2) Aluno;
3	2021	Moreira	Criação de sinais-termo: o conceito na descrição das estruturas sintáticas em português para surdos	Termos de estruturas sintáticas do português	1) Sujeito; 2) Objeto;
4	2021	Garcia	Sinais-termo da área de traumatologia e ortopedia: uma proposta de glossário bilíngue em língua portuguesa-língua de sinais brasileira	Ortopedia	1) Bacia; 2) Tarso;
5	2021	Costa	Enciclobras: Produção sistematizada de sinais-termo em Língua de Sinais Brasileira em novos eixos temáticos: LSB e LGP	Corpo humano	1) Coração, 2) Espermatozóide
TOTAL – 10 UTS					

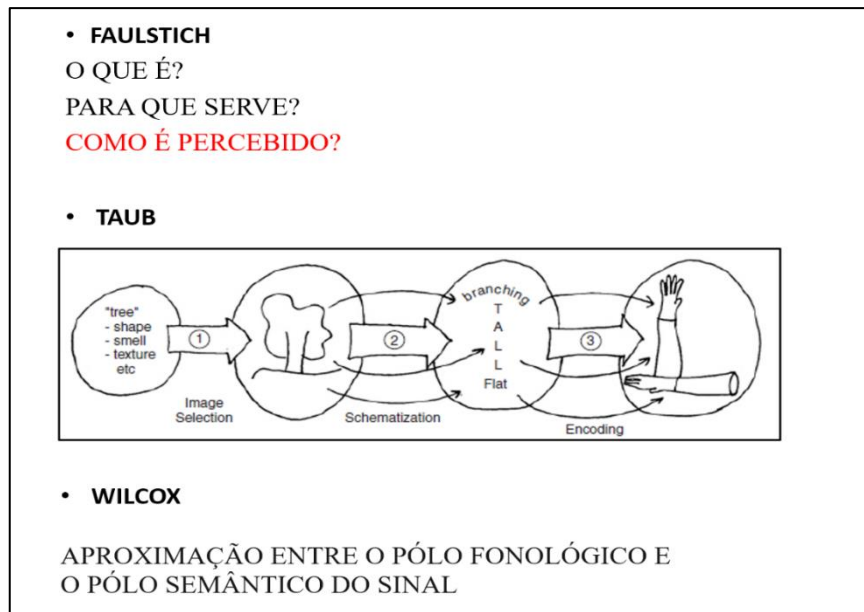
Fonte: Elaborado pela autora

Com base no número de dados selecionados e ilustrados nos Quadros 3 e 4, iniciamos o Passo 4 – processo de análise dos dados – a partir da aplicação de uma proposta de modelo de análise da iconicidade em Língua de Sinais.

3.4 Proposta de método de análise da iconicidade em Língua de Sinais

Essa nova proposta foi pensada por observarmos que a aplicação dos métodos teóricos existentes – Taub (2001), Wilcox (2004) e Faulstich (2012) – não abarcavam a variabilidade e dinamicidade de todos os processos inerentes ao fenômeno da iconicidade.

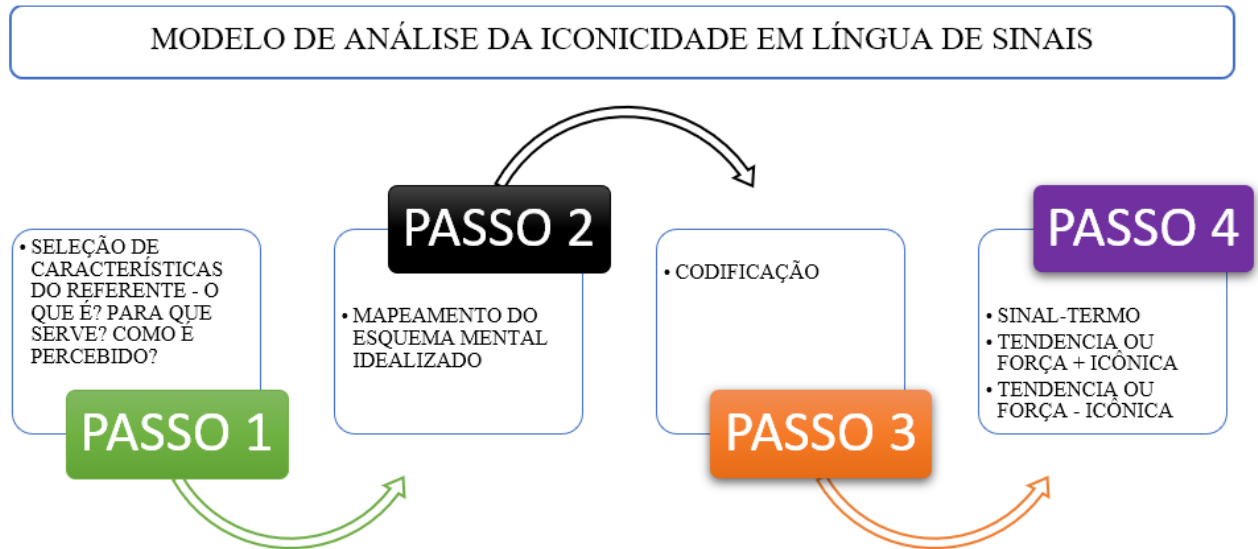
Figura 17 – Partes dos métodos que serviram de base para o constructo do modelo de análise proposto



Fonte: Elaborado pela autora

Contudo, quando os métodos foram correlacionados, harmonizados e utilizados de maneira complementar, foi possível identificarmos as lacunas que precisavam ser preenchidas para uma análise descritiva e explicativa mais satisfatória à ocorrência do fenômeno, não somente no processo de criação de sinais-termo, mas também em qualquer Língua de Sinais. Diante disso, o método qualitativo de análise utilizado nesta Tese consiste no modelo proposto na Figura 18.

Figura 18 – Modelo de Análise da Iconicidade em Língua de Sinais



Cada passo desse método qualitativo de análise proposto na Figura 18 foi descrito, explicado e aplicado no processo de análise dos dados que corresponde ao Capítulo 4, a seguir.

3.5 Síntese do Capítulo

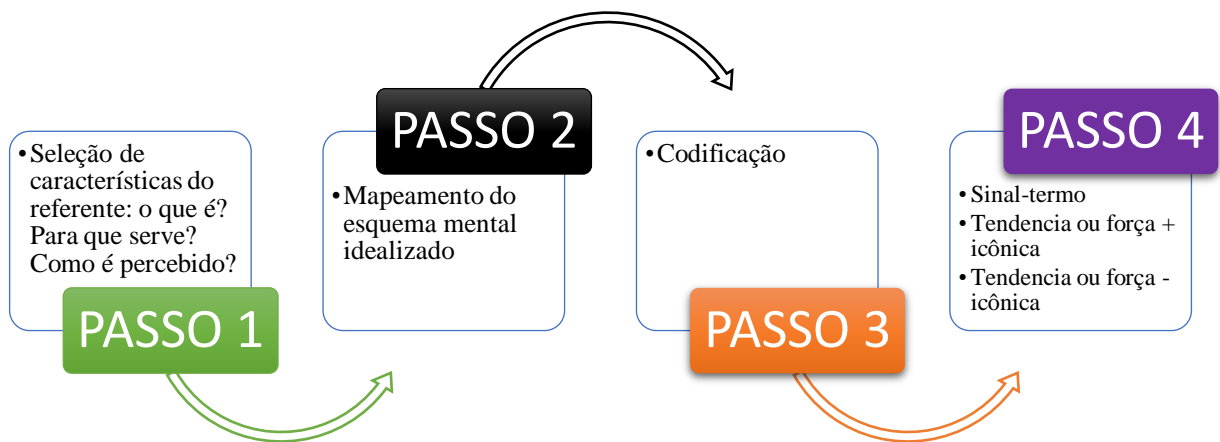
O Capítulo 3 descreve a metodologia da pesquisa, que tem como objetivo analisar a iconicidade na Língua de Sinais Brasileira (LSB) com base nos sinais-termo. A abordagem é qualitativa e descritiva, enfocando a interpretação dos fenômenos e atribuição de significados. A coleta de dados é feita por meio de levantamento bibliográfico de sinais-termo criados a partir de léxicos do português em áreas de especialidade. Foram estabelecidos critérios para seleção dos dados, incluindo o levantamento de pesquisas anteriores com sinais-termo e coleta de sinais motivados por Unidades Terminológicas Simples do português, especialmente em contextos educacionais. No total, foram analisados 64 sinais-termo. Além disso, para esta pesquisa, foi desenvolvida uma nova proposta de método de análise da iconicidade em Língua de Sinais, combinando métodos teóricos existentes para abranger a variabilidade e dinamicidade dos processos inerentes à iconicidade. O método qualitativo de análise consiste em etapas descritas, explicadas e aplicadas na análise dos dados no Capítulo 4.

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Introdução

Analisar a ocorrência do fenômeno da iconicidade no processo de criação é diferente de analisá-lo somente do ponto de vista da percepção, como Ochino *et al.* (2017) fizeram, porque, nesse último, exigiu-se um tipo de análise metodológica experimental. Contudo, para este estudo, exigiu-se um método de análise teórico. Uma vez que os modelos de análise de Taub (1997) e Wilcox (2004) não focalizaram a natureza do processo de criação de sinal-termo proposto por Faulstich (2012), que possui categorias invisíveis e visíveis, elaboramos um novo modelo metodológico de análise a partir da triangulação de estruturas dos modelos de Taub (1997), Wilcox (2004) e Faulstich (2012), estruturando-o em quatro passos, como ilustrado na Figura 19.

Figura 19 – Modelo de Análise da Iconicidade do Sinal-Termo



Fonte: Elaborado pela autora

Para descrevermos a aplicação de cada passo de análise do modelo analógico de análise da iconicidade do sinal-termo, selecionamos dos corpora um corpus da área da saúde, o termo *coração* (Quadro 4). Frisamos que esse modelo foi aplicado em todos os sinais-termo analisados, conforme explicação e descrição de cada passo a seguir.

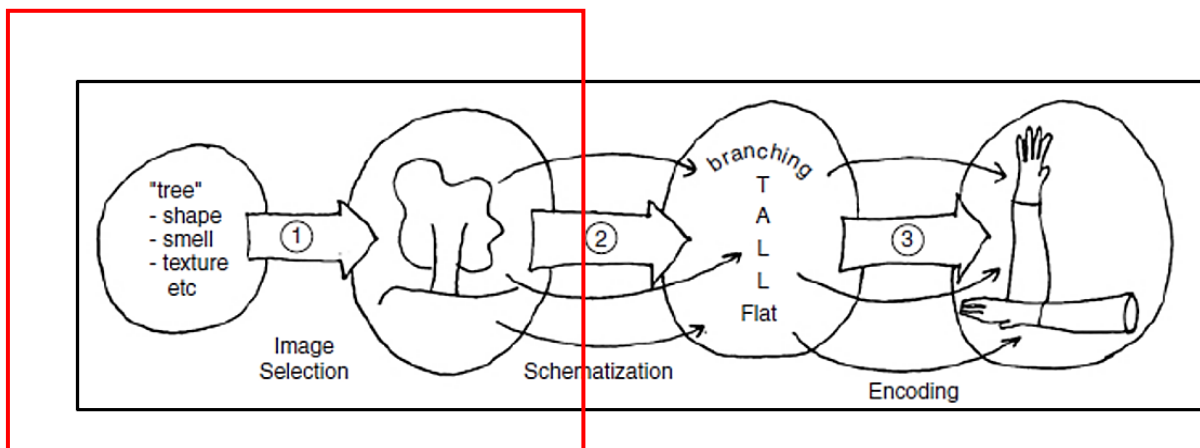
4.2 Modelo Analógico de Análise da Iconicidade do Sinal-Termo

4.2.1 Passo 1 – Seleção de características do referente: o que é? Para que serve? Como é percebido?

O primeiro passo é entendido por Taub (1997, p. 73) como *initial concept* ou *image selection*. No modelo de construção analógica de Taub (1997), o conceito de “Seleção de Imagem” refere-se ao processo de escolher uma única imagem sensorial para representar um conceito complexo dentro de uma língua específica.

O conceito de *árvore*, por exemplo, pode conter várias imagens sensoriais em diferentes modalidades, como imagens visuais de diferentes espécies de árvores, imagens táteis de como a casca e as folhas se sentem, imagens auditivas do som das folhas ao vento, imagens cinestésicas de subir em árvores ou cortar madeira, até mesmo imagens de cheiros e sabores associados a árvores. No entanto, ao representar linguisticamente o conceito de *árvore*, é necessário selecionar uma única imagem que possa ser diretamente representada na língua utilizada. Por exemplo, na Língua de Sinais Americana (ASL), a imagem selecionada para representar *árvore* é a de uma árvore crescendo em terreno plano, com galhos no topo de um tronco, conforme podemos observar na Figura 20:

Figura 20 – Modelo de seleção de imagem de Taub (1997)



Fonte: Taub (1997, p. 73)

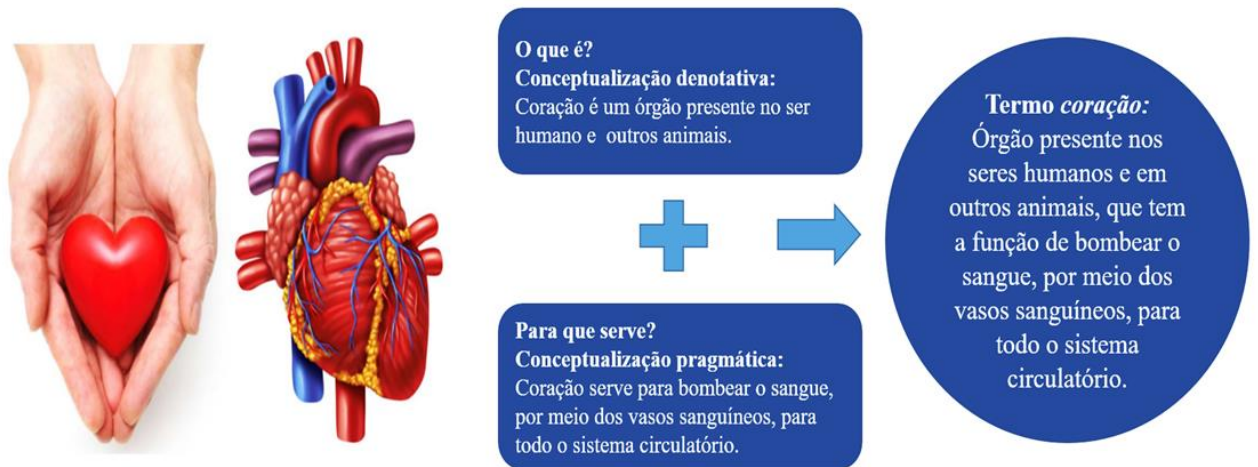
Segundo Taub (1997), essa escolha de imagem pode variar entre diferentes línguas e culturas, e a imagem selecionada se torna convencionalmente estabelecida na linguagem para representar o conceito *árvore*. O processo de

seleção de uma única imagem para um conceito complexo é um exemplo de uso do processo cognitivo analógico de metonímia, onde uma imagem é utilizada para representar um conceito com base em uma associação ou relação comum. Portanto, a “Seleção de Imagem” é uma etapa crucial no processo de construção analógica da linguagem, permitindo que conceitos complexos sejam comunicados de forma eficaz e eficiente por meio de uma representação sensorial única.

Contudo, diferente do modelo proposto por Taub (1997), a conceptualização inicial do referente no processo de criação de sinal-termo de Faulstich não é baseada apenas na compreensão mental prototípica, mas é motivado por dois tipos de abstrações cognitivas: abstração denotativa-pragmática e abstração perceptiva-cognitiva. A abstração denotativa-pragmática e a abstração perceptiva-cognitiva são dois conceitos relacionados à forma como os seres humanos percebem e compreendem o mundo ao seu redor. Ambas abstrações desempenham um papel fundamental em processos cognitivos e na forma como atribuímos significado às informações que recebemos.

Com a finalidade de promover uma equivalência linguística, a abstração denotativa-pragmática sugere ao pesquisador refletir sobre a conceptualização e uso de um termo. É a capacidade de compreender o significado mais amplo e geral por trás de um conjunto específico de informações. Por exemplo, quando olhamos para uma maçã, podemos abstrair o conceito de “fruta” e entender que a maçã pertence a essa categoria mais ampla no campo conceptual. A abstração denotativa-pragmática está relacionada à capacidade de generalização e categorização, permitindo-nos organizar e compreender o mundo de maneira mais eficiente. Para tanto, o pesquisador, surdo ou não-surdo, baseia-se nas perguntas “o que é?” e “para que serve?”, elaboradas por Faulstich (1995b), para construir uma abstração denotativa-pragmática, como podemos observar na Figura 21.

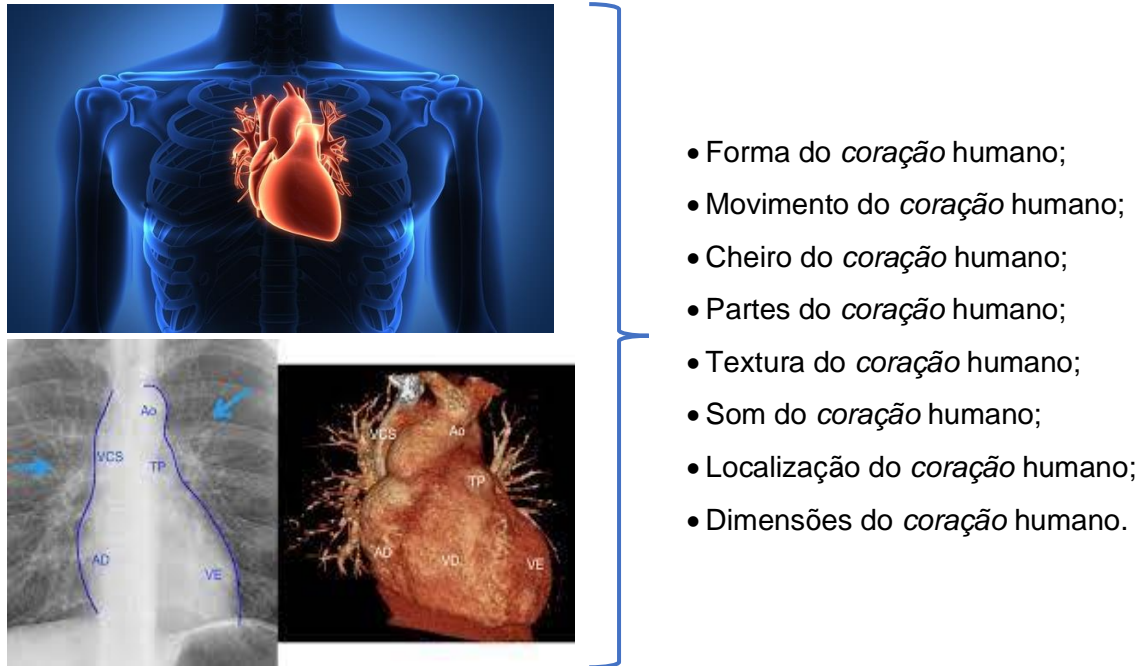
Figura 21 – Ilustração da abstração denotativa-pragmática



Fonte: Adaptado de Costa (2021, p. 17)

Por outro lado, entre a abstração denotativa-pragmática e a abstração perceptiva-cognitiva, essa última, do Passo 1 (um), é o modelo que mais se aproxima dos conceitos *initial concept* ou *image selection*, elaborados por Taub (1997). Para analisar o termo, o pesquisador se norteará pela pergunta “como é percebido?”. Nesse sentido, em relação à construção do sinal-termo *coração*, por exemplo, o pesquisador é conduzido a refletir – por meio da experiência cultural, corporal, entre outras – como ele percebe de maneira sensorial e prototípica os aspectos do coração do corpo humano, na área de especialidade, ao responder à pergunta “como é percebido *coração* humano?”. Refere-se à capacidade de abstrair características essenciais ou relevantes dos estímulos sensoriais que recebemos. Isso envolve filtrar informações não essenciais e extrair aspectos-chave para formar uma representação mental do objeto ou evento em questão. Por exemplo, quando vemos uma mesa, podemos abstrair as características essenciais, como forma, ação e função, enquanto ignoramos detalhes menos relevantes, como arranhões ou manchas. Na Figura 22, ilustramos os aspectos sensoriais e prototípicos que devem ser considerados nesse processo por meio da análise do termo *coração*, na área da saúde, seguindo o modelo de Taub (1997, p. 73).

Figura 22 – Ilustração da abstração perceptiva-cognitiva



Fonte: Elaborado pela autora

A abstração perceptiva-cognitiva é um processo complexo em que os seres humanos selecionam e processam informações sensoriais relevantes de um estímulo, ao mesmo tempo em que filtram os detalhes menos importantes, como forma, movimento, cheiro, textura, partes, som e localização, ilustrados na Figura 22 acima. No entanto, é importante considerar que esse processo ocorre dentro do contexto de uma realidade fabricada e é influenciado pelas percepções individuais e sociais dos sujeitos, desse modo, em relação à construção do sinal-termo *coração*, o campo de especialidade em que ele foi percebido pertence à área da saúde, logo as informações sensoriais centraram-se no órgão e radiografias que são referentes ao coração humano (Figura 22). Ademais, é importante frisarmos que essa realidade fabricada não é necessariamente uma criação individual, pois também é influenciada pelo contexto social e cultural em que estamos inseridos. A realidade que percebemos e interpretamos é uma construção subjetiva baseada nas informações que selecionamos e processamos.

Nossa percepção do mundo é moldada pelas nossas experiências, crenças, valores e pelo contexto social em que vivemos, conforme defende Blikstein (1990). Esses fatores influenciam a forma como interpretamos e atribuímos significado aos estímulos sensoriais. Cada indivíduo possui uma perspectiva única, o que significa que a abstração perceptiva-cognitiva pode variar de pessoa para pessoa, bem como

poderão ocorrer ou não de maneira simultânea, assim como influenciar no segundo passo do constructo, descrito no próximo item, de acordo com o input cognitivo de experiência do pesquisador ou o público-alvo em relação ao termo na língua-alvo da pesquisa. Por exemplo, se o pesquisador for surdocego ou se o sinal-termo for criado para alunos surdocegos – público-alvo –, a tendência é priorizar, de maneira prototípica, o mapeamento da percepção-cognitiva tátil do objeto/termo referente.

Ambas as formas de abstração estão intrinsecamente ligadas e se complementam no processo de compreensão e interpretação do mundo. A abstração denotativa-pragmática nos permite generalizar conceitos e estabelecer relações entre eles, enquanto a abstração perceptiva-cognitiva nos ajuda a filtrar e processar eficientemente as informações sensoriais que recebemos. Assim, podemos relacionar as duas formas de abstração à abordagem teórica da linguística cognitiva de Langacker (1987).

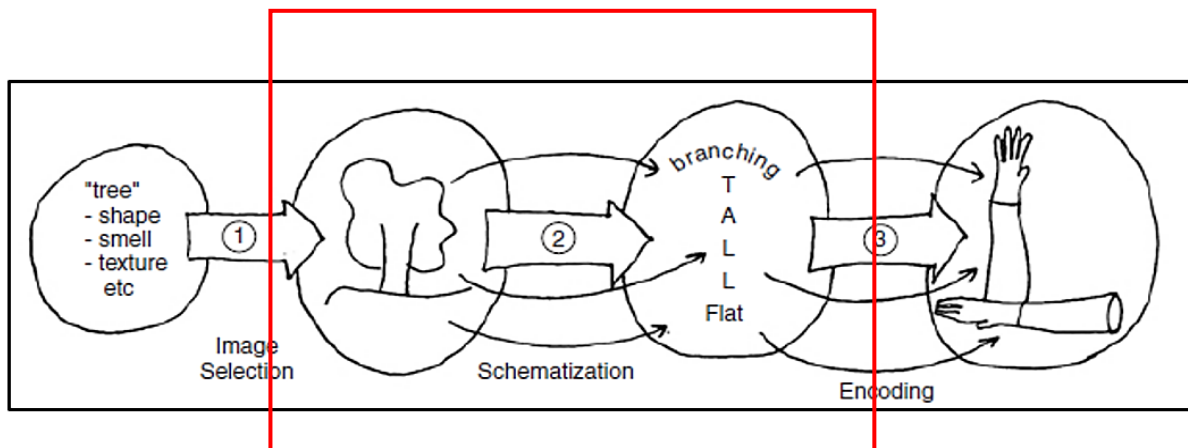
A perspectiva cognitiva – que enfoca a relação entre a linguagem, o pensamento e a experiência humana – sugere que a estrutura de uma expressão compreende um conjunto de elementos conectados. Nesse sentido, para Langacker (1987), a gramática cognitiva postula apenas três tipos amplos de estruturas: *semântica*, *fonológica* e *simbólica*. A estrutura semântica pode ser qualquer tipo de concepção ou experiência que reflete parte de significado de um pareamento forma-significado; a fonológica inclui sons e outras articulações visíveis, como gestos, que representam parte da forma; e a simbólica consiste na associação de uma estrutura semântica e fonológica, seus *polos*, de modo que uma motiva a outra.

Diante desse pressuposto, a abstração denotativa-pragmática pode ser compreendida como a estrutura simbólica representada pelo conjunto A e a abstração perceptiva-cognitiva como a estrutura simbólica representada pelo conjunto B. Ambas as estruturas são parte do domínio fonte ou input do pesquisador e geralmente são multimodais e multissemióticas, se relacionando dentro do mesmo campo conceptual da realidade fabricada para que seja possível construir um ou mais de um esquema mental idealizado do domínio alvo ou output por meio do processo de esquematização exemplificado no item a seguir.

4.2.2 Passo 2 – Mapeamento do esquema mental idealizado

Partindo do princípio de que as referências do pesquisador para a criação do sinal-termo são as abstrações cognitivas referentes ao Passo 1 (a abstração denotativa-pragmática e a abstração perceptiva-cognitiva), no Passo 2, o pesquisador precisa usar o conceito de *domínio* na perspectiva da linguística cognitiva para mapear, por meio de analogias, formas metafóricas ou metonímicas de pensar mais equivalentes ao processo de criação de uma codificação do sinal-termo *coração*. Segundo Taub (1997, p. 77), esse processo de extrair detalhes importantes é chamado de *schematization* (esquematisação) e é parte de uma relação analógica mental entre a conceptualização das partes da forma do objeto e os aspectos perceptivos visuais do referente na língua materna do pesquisador, como ilustrado na Figura 22.

Figura 23 – Modelo de esquematização de Taub (1997)



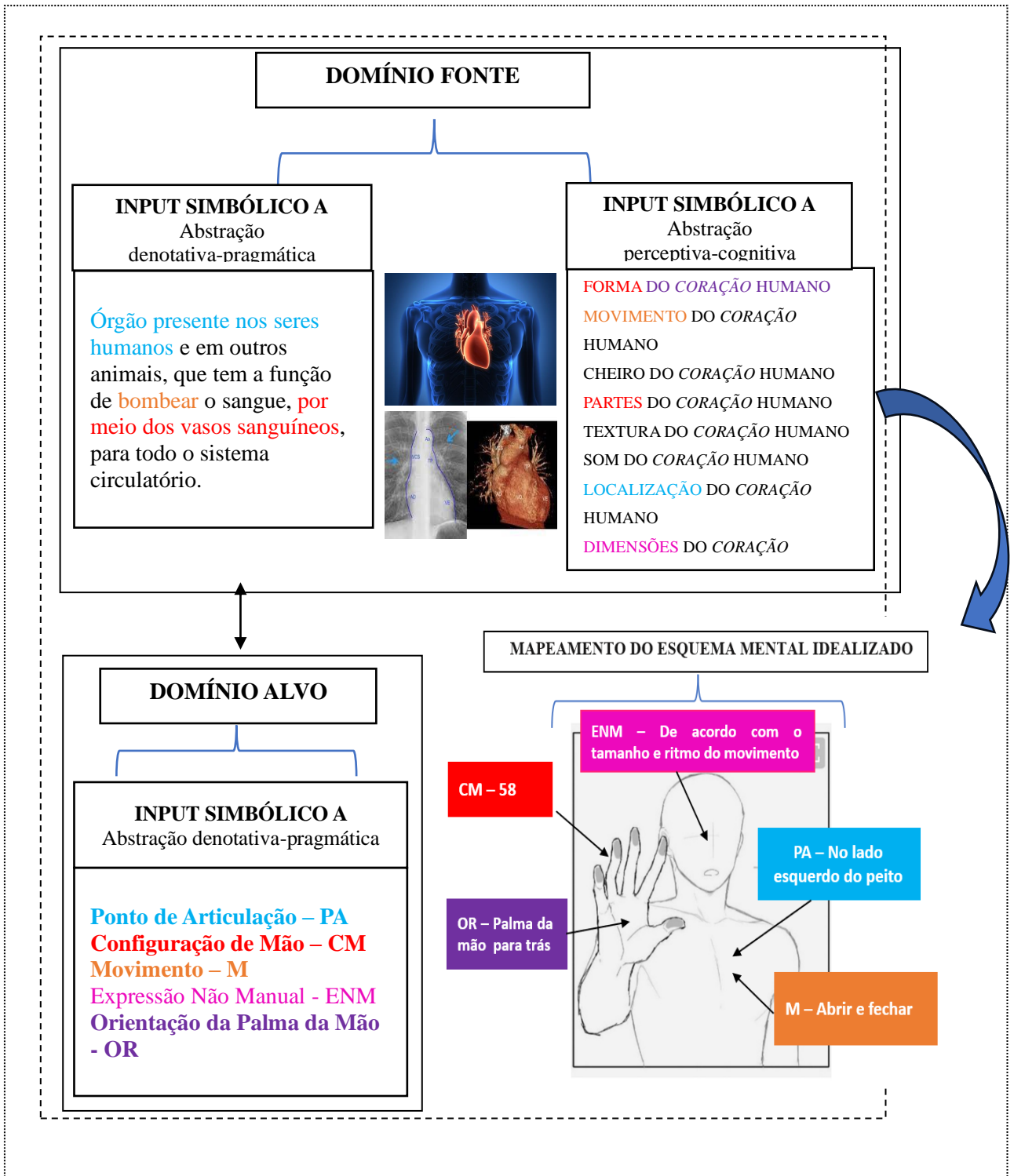
Fonte: Taub (1997)

Neste estudo, consideramos o conceito de “cadeia de interpretantes de significados” defendido por Pearce e Faulstich. Portanto, ao pensar numa forma de sinalizar o termo *coração* na língua-alvo, LSB, por meio de uma analogia equivalente à abstração denotativa-pragmática e abstração perceptiva-cognitiva da língua original, no português, o pesquisador é conduzido a um universo de possibilidades multimodais e semióticas relacionais paradigmáticas. Ou seja, ele pode conjecturar uma cadeia de interpretantes possíveis para o termo dentro da área de especialidade, levando em consideração a estrutura linguística da língua-alvo e não na língua materna do pesquisador, como foi pensado por Taub (2001). É nesse

passo que a subjetividade, a capacidade biológica, as experiências físicas e socioculturais do pesquisador com o termo e o objeto referente no mundo podem influenciar em escolhas de traços esquemáticos icônicos ou arbitrários para a codificação do sinal-termo.

Diante disso, mapeamos o esquema mental idealizado pelo pesquisador, por meio de uma relação analógica de complexidade simbólica representada pela conexão das cores, com base nos estudos de Langacker (1995), entre o domínio fonte (abstração denotativa-pragmática e abstração perceptiva-cognitiva do termo *coração* em português representadas pelas estruturas simbólicas A e B e o domínio alvo (visologia mental esquematizada na estrutura linguística da LSB do interpretante representada pela estrutura simbólica C, conforme podemos observar na Figura 24:

Figura 24 – Ilustração do mapeamento do esquema mental idealizado



Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – ENM.

Fonte: Elaborado pela autora

Para Langacker (No prelo), a estrutura linguística revela-se como um fenômeno dinâmico, intrinsecamente relacionado à atividade interativa de

processamento. Nesse sentido, o campo conceptual e temporal emerge como uma dimensão essencial de organização em ambos os polos da comunicação (Semântico e Fonológico). Além disso, tal estrutura manifesta-se como dinâmica no que tange à aquisição, manutenção e modificação, ocorrendo por meio do uso da linguagem em contextos específicos. Por meio dos processos de entrincheiramento individual, que se refere ao estabelecimento de padrões linguísticos em indivíduos, e de convencionalização em grupos sociais, que implica na aceitação e adoção de unidades estabelecidas, padrões recorrentes de atividade emergem, sendo empregados em eventos de uso subsequentes.

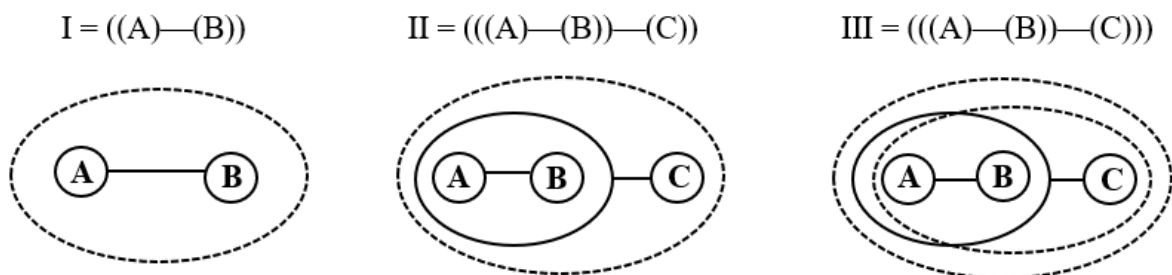
Nesse sentido, a Figura 24 acima ilustra um processo de agrupamentos de estruturas simbólicas que se relacionam dentro do mesmo campo conceptual marcado pela “linha tracejada” gerando uma outra construção simbólica emergente que poderá ser usada em eventos de uso subsequentes e convencionalizada ao público-alvo (usuários surdos) da área de especialidade. Seguindo esse pressuposto, nas palavras do autor:

Como uma caracterização abstrata, digo que a *estrutura* consiste em *elementos* que estão *conectados* de uma certa maneira (através de uma associação, influência ou sobreposição). Elementos conectados se adaptam uns aos outros. Eles constituem um *agrupamento*: um elemento distinto *de ordem superior*, com estrutura interna própria e potencial para participar de conexões posteriores (Langacker, No prelo).

Com base nesse argumento, um agrupamento adquire significado estrutural à medida que explora a capacidade de estabelecer conexões em menor ou maior grau de proximidade. Para que esse argumento fique mais claro, o ilustramos por meio do pensamento lógico de Langacker (No prelo), a seguir: Logo, por meio das perguntas norteadoras – O que é? Para que serve? Como é percebido? – o pesquisador, no processo de construção do sinal-termo, agrupa a estrutura simbólica A, abstração denotativa-pragmática, com a estrutura simbólica B, abstração perceptiva-cognitiva dentro do mesmo campo conceptual representado pela linha tracejada. Em seguida, o pesquisador estabelece uma conexão com a estrutura simbólica C, estrutura linguística da LSB (língua-alvo), por meio de associação, influência ou sobreposição. Segundo Langacker (No prelo), “um elemento dentro de um agrupamento pode participar de outras conexões, resultando em agrupamentos que se cruzam”.

Nessa perspectiva, quando essa conexão relacional entre as estruturas é estabelecida dentro do mesmo campo conceptual, esses agrupamentos originam estruturas de complexidade e variedade ilimitadas, ou seja, no caso do processo de criação do sinal-termo é gerado uma cadeia de interpretantes do ponto de vista do pesquisador. De acordo com Langacker (No prelo), a Gramática Cognitiva postula a existência de três tipos gerais de estruturas: semântica, fonológica e simbólica, sendo que a estrutura simbólica reside na associação das duas primeiras. Esses três tipos de estruturas são fundamentais para a compreensão e produção linguística. O léxico, a gramática e o discurso são exemplos de conjuntos de estruturas simbólicas que desempenham papéis essenciais na organização e expressão da linguagem. Nesse sentido, o sinal-termo é um léxico de área de especialidade resultante da conexão entre as estruturas simbólicas A, B e C, como ilustrado na Figura 21:

Figura 25 – Ilustração das conexões das estruturas simbólicas A, B e C no processo de mapeamento mental idealizado



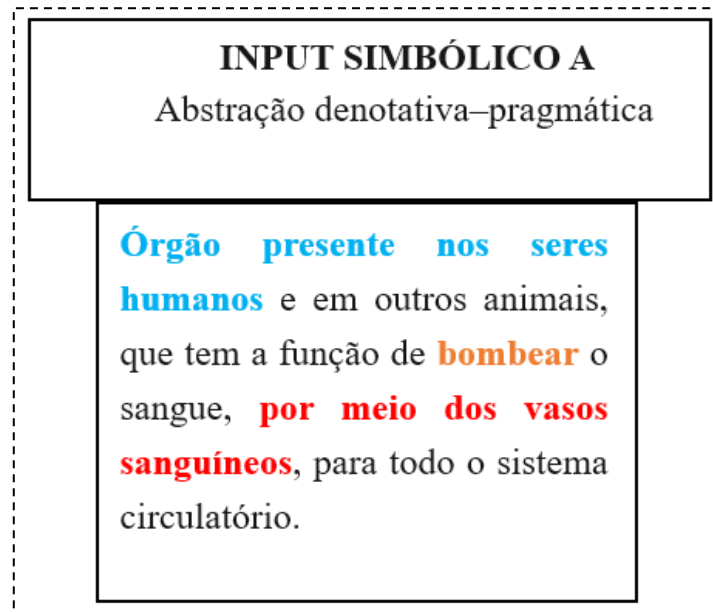
Fonte: Elaborado pela autora

Conforme Langacker (No prelo), dentro de um agrupamento, um elemento pode estar envolvido em múltiplas conexões, resultando em agrupamentos que se cruzam. Para uma melhor compreensão dessa relação de interconexões subjacentes entre os agrupamentos de estruturas simbólicas da Figura 25 que ocorre neste passo de mapeamento de esquema mental idealizado, ilustramos por meio do sinal-termo *coração* como ocorrem essas relações invisíveis fazendo uso de representações em figuras e cores.

Diante desse pressuposto, primeiramente o pesquisador surdo ou não surdo precisa delimitar o campo conceptual. No caso do processo de construção do sinal-termo *coração*, trata-se da área de especialidade da saúde. Esse campo conceptual

é representado pela linha tracejada das Figuras 24 e 25. Em seguida, dentro da área de especialidade que o termo *coração* é usado pelo público-alvo, o pesquisador ativa a estrutura simbólica A por meio das perguntas norteadoras “O que é um *coração* humano?” e “Para que serve *coração* humano?”, logo a estrutura simbólica A refere-se à abstração denotativa-pragmática, conforme a Figura 26.

Figura 26 – Estrutura simbólica A



Fonte: Elaborado pela autora

Contudo, no processo de criação do sinal-termo é preciso ativar no consciente do pesquisador mais de um input cognitivo, ou seja, mais de uma estrutura simbólica para compor um domínio fonte satisfatório, logo, por meio da pergunta norteadora “Como é percebido *coração* humano?” há a construção da estrutura simbólica B, que se refere à abstração perceptiva-cognitiva, conforme a Figura 27.

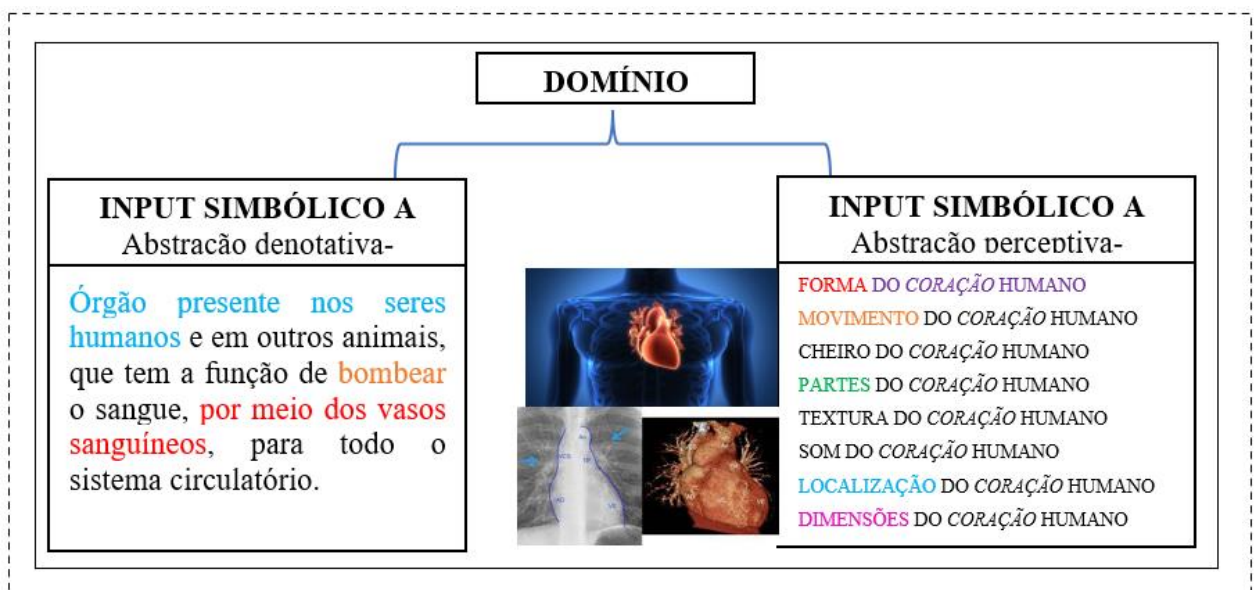
Figura 27 – Estrutura simbólica B



Fonte: Elaborado pela autora

Ambas as estruturas simbólicas A e B fazem parte do mesmo campo conceptual saúde e, nesse processo, se relacionam e se agrupam para compor o domínio fonte representado pela linha não tracejada, conforme pode ser observado na Figura 27, em analogia à imagem I da Figura 25, onde ((A)—(B)).

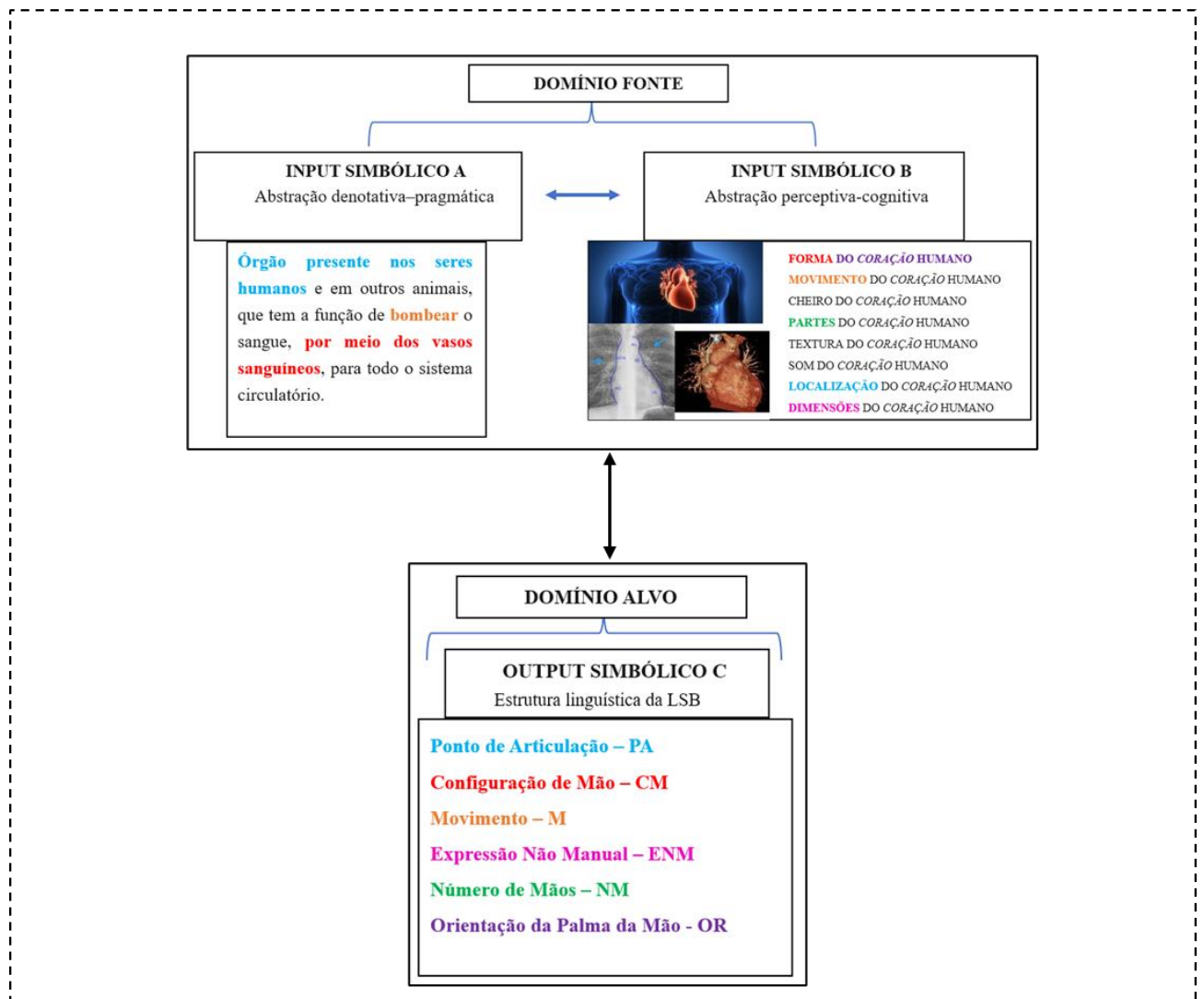
Figura 28 – Agrupamento das estruturas simbólicas A e B para compor o domínio cognitivo fonte do pesquisador



Fonte: Elaborado pela autora

Seguindo o raciocínio proposto por Langacker (No prelo), em continuidade ao processo cognitivo de mapeamento, a estrutura simbólica (A) agrupada com a estrutura simbólica (B) posteriormente se conecta com a estrutura simbólica (C), que corresponde à estrutura linguística da língua-alvo (domínio alvo). Neste caso, trata-se dos parâmetros fonológicos necessários para a construção de um sinal ou sinal-termo em língua de sinais, conforme pode ser observado na Figura 29, em analogia à imagem II da Figura 25, onde $((A)-(B))-(C)$.

Figura 29 – Agrupamento das estruturas simbólicas A, B e C



Fonte: Elaborado pela autora

Quando as estruturas simbólicas A, B e C ocupam o mesmo espaço conceptual representado pela linha tracejada, no cognitivo do pesquisador é gerado agrupamentos cruzados $((A)-(C))$ e $((B)-(C))$. Nesse sentido, esses agrupamentos

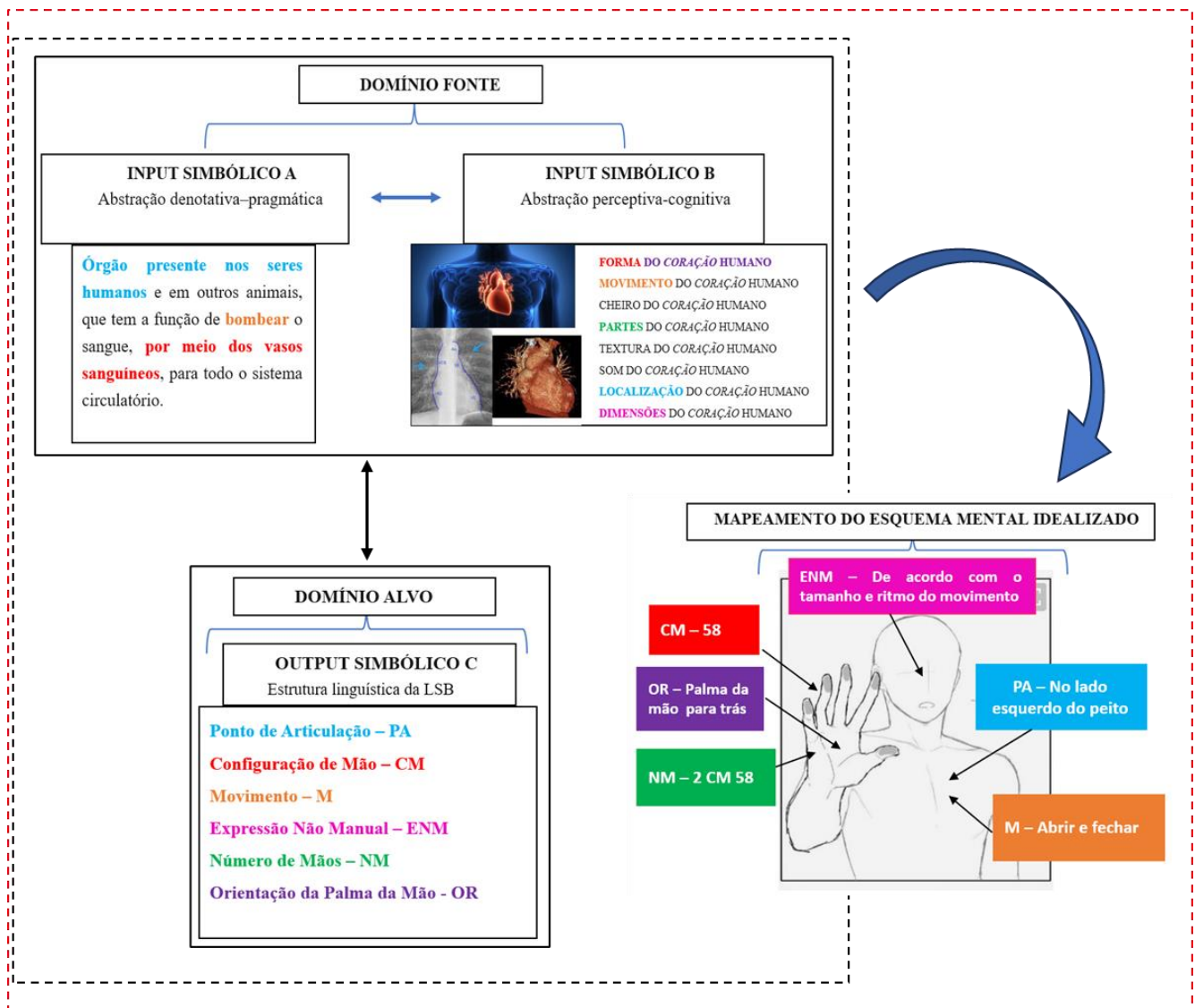
transversais se interligam por sobreposição, formando um agrupamento de maior escala. Essa sobreposição de agrupamentos contribui para a complexidade e variedade ilimitadas de idealizações mentais da construção do sinal-termo. É nesse ponto que há as interconexões de processos cognitivos analógicos por meio de metáfora, metonímia ou metaftonímia que geram uma cadeia de interpretantes, ou seja, não é gerado apenas uma forma de estruturação linguística para o sinal-termo *coração*, na verdade, o cruzamento possibilita a geração de variadas estruturas linguísticas possíveis, logo, cabe ao pesquisador em harmonização com uma equipe de representantes surdos da área de especialidade elegerem o mapeamento considerado mais adequado para o termo *coração* que será codificado na língua-alvo.

Como as interconexões de processos cognitivos analógicos por meio de metáfora, metonímia ou metaftonímia subjacentes ocorrem no cognitivo do pesquisador interpretante, ou seja, são invisíveis, utilizamos as cores para representar os cruzamentos das estruturas simbólicas e para mapear as ocorrências de proximidade entre os agrupamentos das estruturas que compõe os sinais-termo analisados, conforme podemos observar na Figura 26 que ilustra os mapeamentos presentes no processo de construção do sinal-termo *coração* humano, por exemplo, em analogia a imagem III da Figura 25, onde (((A)—(B))—(C))).

Por meio da relação de cores da Figura 26, é possível mapearmos no sinal-termo *coração* os processos cognitivos subjacentes que motivaram as escolhas estruturais linguísticas feitas pelo pesquisador Costa (2012), por exemplo, o Ponto de Articulação – PA, representado pela cor azul, é um parâmetro da estrutura linguística do sinal-termo *coração*. Nesse parâmetro (polo fonológico), mapeamos uma relação de proximidade metonímica com a noção semântica de localização da estrutura simbólica B, marcado pela cor azul, onde o PA substitui a ideia de espaço ocupado pelo coração no corpo humano, além disso, mapeamos uma relação de proximidade metafórica entre a estrutura simbólica A e a C, mapeado pela cor azul, onde o PA representa a presença do órgão no corpo humano. Logo, notamos uma aproximação entre os polos fonológicos e semânticos na estrutura simbólica C. Contudo, é importante frisarmos que outros possíveis PAs podem ter sido idealizados, mas levamos em consideração os traços presentes no sinal-termo *coração* já codificado e convencionalizado. Esse mesmo percurso de mapeamento

fizemos em todos os 6 (seis) parâmetros linguísticos que compõe o sinal-termo *coração*.

Figura 30 – Ilustração do mapeamento do esquema mental idealizado



Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Fonte: Elaborado pela autora

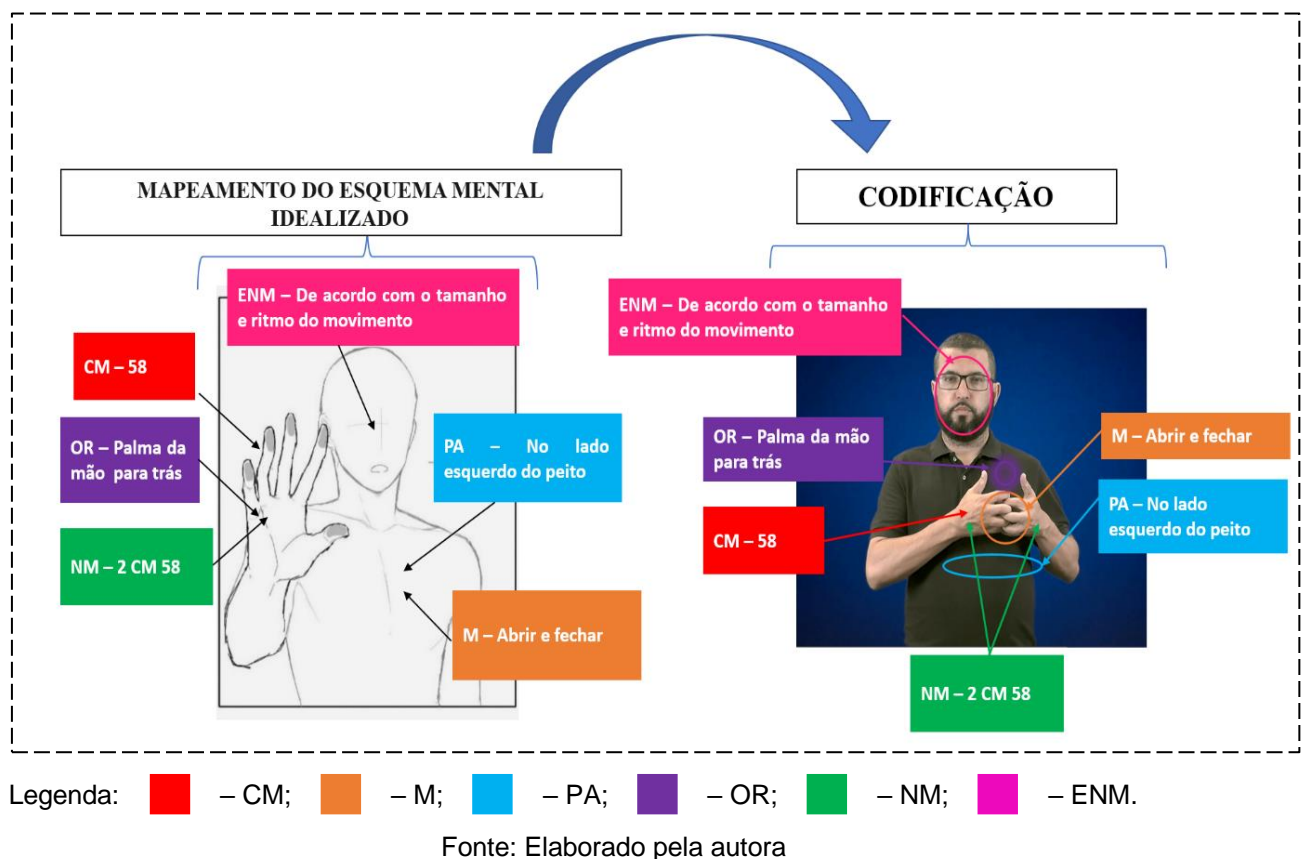
Outro fator importante a ser destacado é que, nessa fase, o domínio fonte sempre partirá de relações simbólicas na língua materna do sujeito interpretante. Nesse sentido, é natural que fatores como gestos manuais do sistema linguístico do pesquisador não surdo influenciem no processo de idealização mental da estrutura linguística do sinal-termo, pois, segundo Ortega e Morgan (2015), há uma presença gestual em todos os sistemas linguísticos e não somente na e para língua de sinais. Portanto, no processo de codificação (Passo 3), próximo item, os gestos culturais do sistema linguístico materno do pesquisador poderão também estar presentes ou não no processo de criação do sinal-termo. Por exemplo, se o pesquisador for

surdocego, é natural que ele idealize possíveis codificações em que priorize articulações fonológicas táteis, contudo ele também pode fazer relações analógicas entre os polos semântico e fonológico objetivando atender as necessidades do público-alvo.

4.2.3 Passo 3 – Codificação

Nesse passo do processo de criação de sinal-termo, o pesquisador define, dentro de uma cadeia de interpretantes, um esquema mental da estrutura linguística idealizada em sinal-termo possível de ser utilizado pelo público-alvo. Em outras palavras, a codificação é a aplicação do esquema mental da estrutura linguística idealizada numa estrutura real que pode vir a ser convencionalizada por meio do uso do público-alvo, como pode ser observado na Figura 31.

Figura 31 – Ilustração da codificação



Uma vez que a codificação é uma forma de representação linguística advinda da conexão entre os agrupamentos A, B e C, logo, o sinal-termo pode ser considerado uma instância em menor ou maior grau de A', B' e C'. Ou seja, por

meio do sinal-termo é possível mapear traços dessa conexão entre os agrupamentos, mas não de forma objetiva e limitada, uma vez que os elementos conectados se influenciam e se adaptam uns aos outros, conforme Langacker (No prelo), por meio da relação de aproximação e distanciamento entre forma-forma e forma-significado. Por exemplo, quando o pesquisador escolhe usar a CM 58, nesta ação está intrínseca a conexão entre a forma-forma, visto que ele considerou ser uma forma que mais se aproxima da forma da parte do coração, logo é possível ser observado uma relação entre as estruturas simbólicas B (abstração perceptiva-cognitiva) e C (estrutura linguística da LSB).

No entanto, ele poderia usar apenas uma das mãos. Quando ele opta por construir o sinal-termo *coração* com a CM 58 e usando as duas mãos, o pesquisador informa outro tipo de conexão, forma-significado, visto que, na área de especialidade, o coração humano é composto por duas partes, um lado direito e outro esquerdo, para ocorrência do bombeamento do sangue para o corpo. Ou seja, apenas o uso de somente um parâmetro linguístico não é suficiente para construção do sentido. Para tanto, é necessário a junção entre as estruturas simbólicas, ocorrendo a junção entre as estruturas simbólicas A (abstração denotativa-pragmática) e C (estrutura linguística da LSB).

Esse e outros fundamentos da gramática cognitiva serviram de base para a construção do conceito de iconicidade cognitiva de Wilcox (2004), o qual defende que a iconicidade pode ser motivada pela aproximação ou distanciamento entre os polos fonológico e semântico do sinal dentro do mesmo campo conceptual. Diante desse pressuposto, seguimos para a última etapa do processo de análise do fenômeno da iconicidade proposto nesta Tese, Passo 4, a seguir.

4.2.4 Passo 4 – Sinal-termo com tendência ou força + icônica, - icônica ou ± icônica

Após a codificação do esquema mental idealizado, o sinal-termo proposto pelo pesquisador surdo ou não surdo é criado. Contudo, essa codificação pode apresentar traços icônicos ou não. Apesar de ter uma relação motivada entre domínio fonte e domínio alvo, ilustrada no Passo 2, isso não significa que as motivações cognitivas – consideradas categorias invisíveis deste processo – tornar-se-ão perceptíveis na representação concreta do sinal-termo – considerada categoria visível. Então, no Passo 4, baseamo-nos na teoria de Wilcox (2004), a

iconicidade cognitiva, para categorizar o sinal-termo como um signo que apresenta uma tendência ou força + icônica, - icônica ou \pm icônica. Quando usamos os termos de *tendência* ou *força* deixamos claro que estamos lidando com probabilidade, pois a iconicidade é um fenômeno que, por meio da pesquisa experimental de Ochino *et al.* (2017), mostrou-se relativo, subjetivo e que está intrinsecamente relacionado com as experiências, a cultura, o cognitivo, dentre outros aspectos do sujeito interpretante.

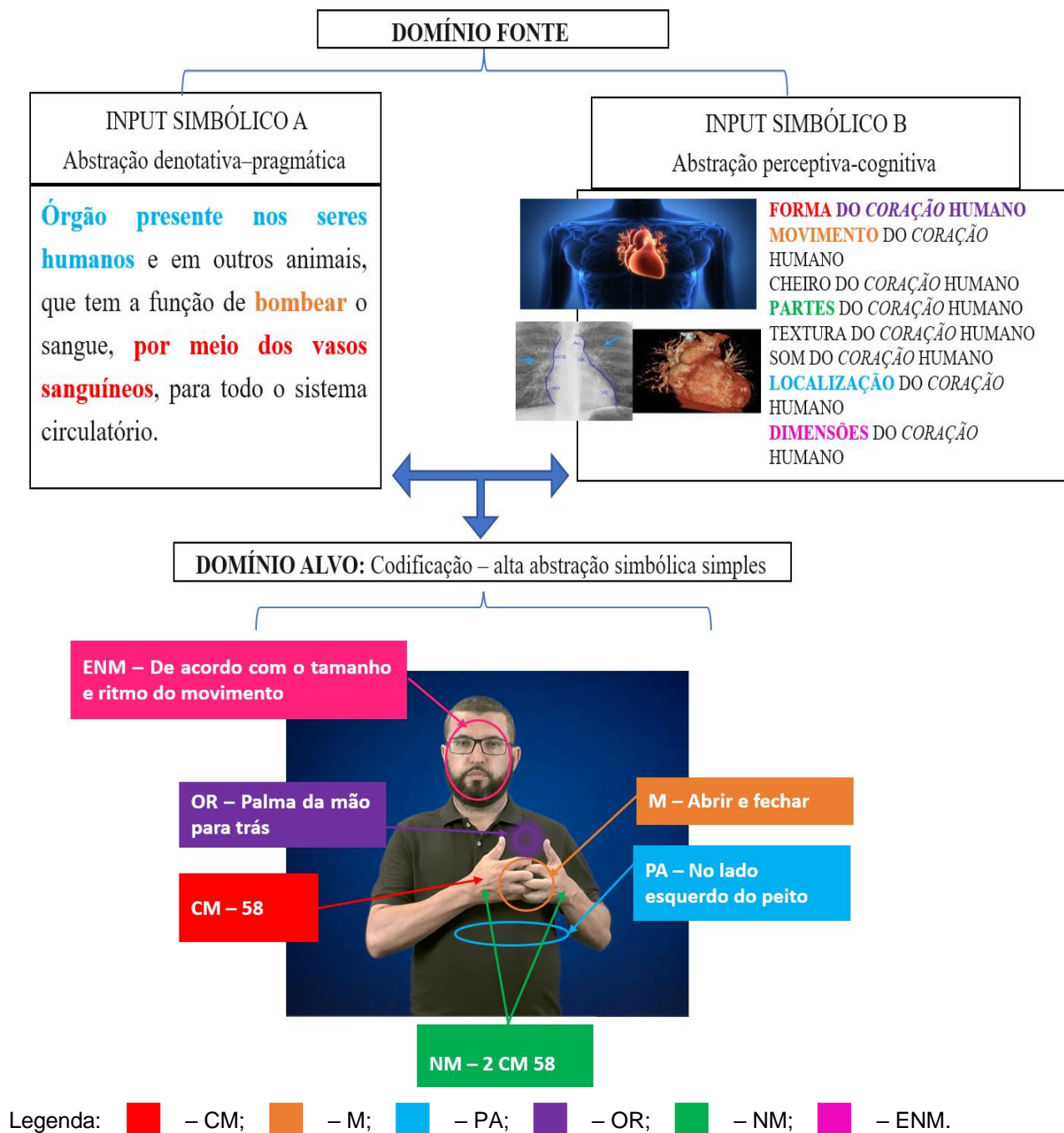
Nessa perspectiva, na teoria de Langacker (1987; No prelo), a iconicidade pode ser substantiva ou diagramática e pode ser observada em diferentes níveis linguísticos. A iconicidade substantiva diz respeito ao conteúdo fonológico e conceitual de elementos individuais, onde a forma fonológica ou a estrutura conceitual de um elemento está relacionada à própria natureza. Por exemplo, uma palavra como “zum-zum”, para se referir ao som de uma abelha, apresenta uma iconicidade substantiva, pois a própria forma fonológica imita o som que está sendo representado. Já a iconicidade diagramática é mais abstrata e reside nas relações entre elementos substantivos. Ela se manifesta quando a organização ou a estrutura dos elementos em uma expressão linguística reflete relações semânticas ou conceituais. Por exemplo, a ordem sequencial das palavras em uma frase pode refletir a ordem temporal ou causal dos eventos que estão sendo descritos. Nesse caso, a estrutura sintática da frase possui uma iconicidade diagramática, pois a organização dos elementos reflete uma relação conceitual subjacente.

Dessa forma, a iconicidade substantiva e a iconicidade diagramática representam diferentes formas de semelhança que podem ser observadas na linguagem. A iconicidade substantiva se concentra nos elementos individuais, enquanto a iconicidade diagramática se relaciona com as relações entre esses elementos. Ambas as formas de iconicidade desempenham um papel importante na forma como a linguagem se estrutura e se comunica significado. Diante disso, a teoria de Wilcox (2004) sobre a iconicidade cognitiva está diretamente relacionada à ideia de iconicidade defendida por Langacker (1987; No prelo). Wilcox (2004) defende a ideia de que a iconicidade está presente na linguagem como uma manifestação da base cognitiva mais profunda. Essa perspectiva está em consonância com a abordagem de Langacker, que sustenta que a iconicidade não é uma entidade separada e distinta, mas sim uma característica inerente à estrutura linguística.

Além disso, Wilcox (2004) argumenta que a iconicidade cognitiva não se restringe apenas à forma fonológica ou à estrutura superficial da linguagem, mas também abrange as relações conceituais e a organização dos elementos linguísticos. Essa visão é consistente com a ideia de Langacker (1987; No prelo) de que a iconicidade está presente em múltiplos níveis linguísticos, incluindo a semântica, a fonologia e a simbolização conceitual. Podemos observar uma convergência de ideias em relação à presença da iconicidade na linguagem como uma manifestação da base cognitiva e uma manifestação tanto no conteúdo fonológico e conceptual dos elementos individuais (iconicidade substantiva) quanto nas relações e organização dos elementos (iconicidade diagramática). Diante disso, neste Passo 4, nos baseamos na proposta de categorização da iconicidade cognitiva proposta por Wilcox (2004).

Para tanto, essa categorização se dará pela aproximação ou distanciamento entre o polo fonológico e o polo semântico do sinal-termo por meio de processos analógicos de análise metafórica, metonímica ou metaftonímica proposto por Wilcox (2004). Nesse sentido, quanto mais próximo o polo fonológico (PF), estrutura linguística do sinal-termo, for do polo semântico (PS), abstração denotativa-pragmática e abstração perceptiva-cognitiva, o sinal-termo (ST) apresentará uma *tendência* ou *força + icônica*. Logo, quanto mais distante o PF for do PS, o ST apresentará uma *tendência* ou *força - icônica*, ou seja, mais arbitrário. Mas se o PF tiver em equilíbrio com o PS de modo que a *tendência* ou *força* do sinal seja igual para aproximação e distanciamento, o ST tenderá a ser categorizado como *tendência* ou *força ± icônica*.

Um dos princípios fundamentais da linguística cognitiva é que uma categoria linguística, em geral, é complexa, apresentando uma estrutura em forma de rede ou campo de variantes interconectadas (Langacker, 2006). Essas categorias complexas podem ser caracterizadas como agrupamentos ou montagens, nas quais as categorizações individuais estão ligadas por meio de sobreposição, resultando em uma “semelhança de família”. Essa interconexão de categorias representa um nível mais elevado de organização no plano paradigmático, conferindo maior abrangência e flexibilidade às estruturas linguísticas. Nesse sentido, para analisarmos os processos analógicos inerentes ao sinal-termo analisado, é preciso fazê-lo em cada parâmetro linguístico (PA, M, OR, ENM, NM e CM) da estrutura que constrói o sentido da representação concreta do sinal-termo (Figura 32).

Figura 32 – Ilustração da representação concreta do sinal-termo *coração*

Fonte: Elaborado pela autora

As partes coloridas e descritas na legenda da Figura 32 correspondem às relações entre o domínio fonte e domínio alvo por cada parâmetro linguístico da língua de sinais destacado por cores diferentes. Apesar de convencionalmente os pesquisadores focarem em apenas cinco, nesta pesquisa utilizamos seis parâmetros: Configuração de Mão (cor vermelha), Movimento (cor laranja), Ponto de Articulação (cor azul), criados por Stokoe Jr. (1960); Orientação da palma (cor roxa),

Expressões Não Manuais (cor rosa), criados por Battison (1974); e Número de Mãos, criado por Xavier (2014).

Assim como as fórmulas matemáticas são recursos concretos sínteses de representação de um raciocínio complexo e abstrato do homem sobre um dado fenômeno, o sinal (léxico ou palavra) é uma representação concreta síntese construída por meio de raciocínios linguísticos e extralinguísticos multimodais e multissemióticos, contudo, no campo linguístico, estes podem ser motivados ou não. Ao relacionarmos as informações do domínio fonte com as do domínio alvo é possível identificarmos por meio dos articuladores fonológicos os processos analógicos presentes no processo de construção do sinal, nesse caso, do sinal-termo. Logo, se um articulador (parâmetro linguístico) apresentar um ou mais de um processo analógico significa que há um ou mais de um traço icônico existente. Portanto, a *tendência* ou *força* do sinal em relação à iconicidade está intrinsecamente relacionada à percepção do interpretante em relação às ocorrências dessas analogias em cada articulador do sinal-termo.

Em outras palavras, se entre os seis parâmetros linguísticos do sinal-termo menos do que três apresentarem processo analógico, ou seja, proximidade entre o PS e o PF, dentro do mesmo campo conceptual, ele poderá ser categorizado como um sinal que apresenta uma *tendência* ou *força –icônica*. Em contrapartida, se entre os seis parâmetros linguísticos do sinal-termo mais do que três apresentarem processo analógico entre PS e PF ele poderá ser categorizado como um sinal que apresenta uma *tendência* ou *força +icônica*. Todavia, se entre os seis parâmetros linguísticos do sinal-termo metade (três) apresentarem processo analógico entre PS e PF ele poderá ser categorizado como um sinal que apresenta uma *tendência* ou *força ±icônica*, ou seja, ele pode ser interpretado como icônico ou como arbitrário. Seguindo essa lógica, concordamos com Wilcox (2004) quando diz que, em língua de sinais, é possível que haja a coexistência de traços icônicos e arbitrários dentro do mesmo sinal, pois, teoricamente, nos três tipos de categorização mencionados há evidência que confirma essa afirmação.

A teoria de Langacker (1987; No prelo), dentro da Gramática Cognitiva, adota uma visão ampla da estrutura linguística, postulando gradações em vez de limites precisos, como entre semântica e pragmática, gramática e discurso conectado, e até mesmo forma e significado. Essa abordagem reconhece que as estruturas

linguísticas não são entidades fixas e isoladas, mas sim um contínuo dinâmico de construções que refletem a experiência e a cognição humanas.

Seguindo os princípios da Gramática Cognitiva, a visão de Langacker considera que as estruturas linguísticas não se estendem indefinidamente, mas são delimitadas pelo entrenchamento individual e pela convencionalização em uma comunidade de fala. Essa perspectiva evita a imposição de fronteiras artificiais e permite a unificação das múltiplas dimensões e níveis de organização linguística, que estão intrinsecamente interconectados em uma rede complexa de estruturas semânticas, fonológicas e simbólicas. Assim, fenômenos aparentemente distintos podem ser compreendidos como diferentes perspectivas das mesmas estruturas ou como elementos que operam em configurações mais abrangentes.

No contexto da iconicidade, a abordagem de Langacker (1987; No prelo) enfatiza que ela não é uma entidade separada e distinta, nem totalmente autônoma. Portanto, não é proposta uma classificação rígida, pois a diversidade, complexidade e casos intermediários desafiam qualquer tentativa de taxonomia exaustiva ou “correta”. A análise da iconicidade requer uma descrição minuciosa de uma ampla gama de casos, com uma caracterização explícita das estruturas conceituais envolvidas. Nesse sentido, décadas de pesquisa em linguística cognitiva, seguindo os princípios da Linguística Cognitiva, têm contribuído para uma compreensão mais sólida e reveladora da semântica conceitual (Lakoff, 1987; Talmy, 2000; Fauconnier; Turner, 2002; Langacker, 2015b).

Apesar das limitações inerentes, as análises de iconicidade apresentadas neste estudo ilustram um ponto central da Gramática Cognitiva, enfatizado pela teoria de Langacker (1987; No prelo): a necessidade de uma descrição conceitual explícita para uma compreensão completa da gramática, que envolve a estruturação e a simbolização do conteúdo semântico. Além disso, essas análises proporcionam uma abordagem específica para interpretar a observação perspicaz de Wilcox, mencionada ao longo deste estudo, destacando como a arbitrariedade e a iconicidade coexistem na estrutura linguística como manifestações de uma base cognitiva mais profunda.

Diante desse pressuposto, é importante frisarmos que defendermos teoricamente que o sinal tem uma *tendência* ou *força +icônica, -icônica ou ±icônica* não é garantia de que esses traços icônicos motivados sejam percebidos, assimilados e reconhecidos por qualquer usuário do sinal-termo. Nesse sentido, os

resultados mostram evidências em termos de probabilidade de que o sinal possui traços icônicos em menor ou maior grau para ativar no interpretante o fenômeno da iconicidade, quando o interpretante consegue perceber, assimilar e reconhecer os traços icônicos analisados, mas para isso é preciso que seja feito um estudo experimental complementar. Para que nossa proposta fique mais clara, ilustramos três exemplos de análise nos quais aplicamos o modelo teórico de análise dos traços icônicos por meio de uma ficha descritiva: no primeiro caso trata-se da análise do sinal-termo *coração* que apresentou uma *tendência* ou *força +icônica*; no segundo caso, analisamos o termo *esqueleto*, que apresentou uma *tendência* ou *força -icônica* e, no terceiro e último caso, analisamos o termo *braço*, que apresentou uma *tendência* ou *força ±icônica*. Os três exemplos mencionados foram criados por Costa (2012), pesquisador surdo, e pertencem à área de especialidade da saúde.

Quadro 5 – Categorização do sinal-termo *coração*

DOMÍNIO FONTE			DOMÍNIO ALVO
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processos cognitivos	Sinal-termo <i>Coração</i>
Órgão presente nos seres humanos e em outros animais, que tem a função de bombear o sangue, por meio dos vasos sanguíneos, para todo o sistema circulatório.	PA – No lado esquerdo do peito CM – 58 M – Abrir e fechar	Processo de iconicidade metafórica que representa a presença do órgão no corpo humano. Processo de iconicidade metonímica em que os dedos carregam o valor semântico dos vasos do coração Processo de iconicidade metafórica que representa a intensidade do movimento do coração humano.	
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processos cognitivos	
FORMA DO CORAÇÃO ■■	OR – Palma da mão para trás ENM – De acordo com o tamanho e ritmo do movimento NM – 2 CM 58 M – Abrir e fechar CM – 58 PA – No lado esquerdo do peito	Processo de iconicidade metonímica da palma da mão com a parte interna do coração e o dorso da mão com a parte externa do coração humano. Processo de iconicidade metafórica que representa a ideia semântica de dimensão pequena ou grande do coração. Processo de iconicidade metafórica que representam as partes do coração. Processo de iconicidade metafórica do tipo e intensidade do movimento do coração humano. Processo de iconicidade metonímica que substitui a forma do coração humano. Processo de iconicidade metonímico do espaço onde o órgão está presente no corpo humano.	Mãos em CM 58, entrelaçadas, na altura do peito, do lado esquerdo, palmas voltadas para o corpo, abrindo e fechando, com expressão facial inflando várias vezes as bochechas, no ritmo do abrir e fechar das mãos.
MOVIMENTO DO CORAÇÃO ■			
CHEIRO DO CORAÇÃO			
PARTES DO CORAÇÃO ■			
TEXTURA DO CORAÇÃO			
SOM DO CORAÇÃO			
LOCALIZAÇÃO DO CORAÇÃO ■			
DIMENSÕES DO CORAÇÃO ■			

Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Fonte: Elaborado pela autora

O Quadro 5 é um exemplo de aplicação do processo de análise dos traços icônicos do sinal-termo *coração* humano no campo conceitual da saúde. A partir da análise das informações acima, podemos observar que, em toda a estrutura linguística do sinal-termo *coração*, há um processo de iconicidade metonímica ou metafórica presente. No PA há ocorrência do processo de iconicidade metafórica quando representa a presença do órgão no corpo humano e metonímica quando substitui o espaço onde o órgão está presente no corpo humano. Na CM há ocorrência do processo de iconicidade metonímica em que os dedos carregam o valor semântico dos vasos do coração e quando substitui a forma do coração humano. No M há ocorrência do processo de iconicidade metafórica que representa a intensidade e o tipo do movimento do coração humano. Na OR há ocorrência do processo de iconicidade metonímica da palma da mão que substitui o valor semântico de parte interna do coração e o dorso da mão que substitui o valor semântico de parte externa do coração humano. Na ENM há ocorrência do processo de iconicidade metafórica que representa a ideia semântica de dimensão pequena ou grande do coração. No NM há ocorrência do processo de iconicidade metafórica que representam as partes do coração.

Diante disso, em todos os seis parâmetros linguísticos há ocorrência de processo cognitivos analógicos de proximidade no sinal-termo analisado, logo, possui um alto nível de proximidade entre o polo fonológico (PF) e o polo semântico (PS), ou seja, ele pode ser categorizado teoricamente como um sinal com *tendência* ou *força + icônica*. A estrutura linguística da língua de sinais é composta por seis parâmetros. Se o sinal-termo apresentar pouca ou nenhuma iconicidade metonímica, metafórica ou metaftomínica entre o PF e o PS, como já foi explicado, teoricamente, ele deverá ser considerado como um sinal com *tendência* ou *força - icônica*, ou seja + arbitrário.


Por meio do modelo de análise da iconicidade proposto no Capítulo 3 e aplicado ao sinal-termo *coração*, evidenciamos que a proximidade entre forma e significado presente nas categorias visíveis (forma e representação da forma) não pode ser o único fator determinante para a ocorrência ou não do fenômeno da iconicidade, pois trata-se apenas da ponta do iceberg. Para chegarmos à conclusão de que o sinal-termo *coração* possui uma *tendência* ou *força + icônica*, foi preciso percorrermos por diferentes processos cognitivos intrínsecos às categorias invisíveis

(abstrações mentais) do processo de criação do signo linguístico, nesse caso, do sinal-termo “*coração*”.

Esses processos cognitivos, de natureza linguística e extralinguística, nortearam o desenvolvimento das etapas de análise, que consistem em abstrações denotativas-pragmáticas, abstrações perceptivas-cognitivas, esquematização mental idealizada, codificação e categorização do sinal-termo, considerando o espaço conceptual em que o sinal-termo está inserido. Logo, a junção entre o espaço conceptual e os processos cognitivos do sujeito observados por meio de mapeamentos analógicos permitiu que o fenômeno da iconicidade ocorresse e fosse analisado. Nesse sentido, embora os espaços conceptuais entre indivíduos e comunidades linguísticas demonstrem alto grau de harmonização, também podem apresentar uma variação substancial, pois esses espaços não são fornecidos como uma concepção inata. Eles são construídos por meio das interações diárias do sujeito com o mundo físico, social e cultural que o cerca.

No Quadro 6 ilustramos a descrição da análise do sinal-termo *esqueleto* humano. Entre os seis parâmetros linguísticos analisados, apenas um apresentou proximidade entre o Polo Semântico e o Polo Fonológico. Na CM há ocorrência do processo de iconicidade metafórica quando a CM 39 representa os membros e ossos do esqueleto humano e do Processo de iconicidade metonímica quando a CM 03 substitui o valor semântico de uma cabeça do esqueleto humano. Ou seja, é um sinal-termo que apresenta pouca ou nenhuma iconicidade metonímica, metafórica ou metaftomínica entre o PF e o PS, portanto, teoricamente, é categorizado como um sinal com *tendência* ou *força* - *icônica*, ou seja + arbitrário.

Quadro 6 – Categorização do sinal-termo *esqueleto*


DOMÍNIO FONTE		DOMÍNIO ALVO	
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processo	Sinal-termo <i>esqueleto</i>
No interior do corpo, encontra-se o esqueleto. O esqueleto humano é constituído de mais de 200 ossos encaixados uns nos outros. Os ossos são unidos por articulações que permitem o movimento.	CM – CM 39 e CM 03	Processo de iconicidade metafórica quando a CM 39 representa os membros e ossos do esqueleto humano. Processo de iconicidade metonímica quando a CM 03 substitui o valor semântico de uma cabeça do esqueleto humano.	
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processo	
FORMA DO <i>ESQUELETO</i>	CM – CM 39 e CM 03	Processo de iconicidade metafórica quando a CM 39 representa os membros e ossos do esqueleto humano. Processo de iconicidade metonímica quando a CM 03 substitui o valor semântico de uma cabeça do esqueleto humano.	Mão passiva (E) em CM 03, na vertical, representando a cabeça. Mão ativa (D) em CM 39, voltada para baixo, tocando o antebraço esquerdo, um pouco abaixo do pulso. Isso representa os ossos do corpo (dos membros também).
MOVIMENTO DO <i>ESQUELETO</i>			
CHEIRO DO <i>ESQUELETO</i>			
PARTES DO <i>ESQUELETO</i> ■			
TEXTURA DO <i>ESQUELETO</i>			
SOM DO <i>ESQUELETO</i>			
LOCALIZAÇÃO DO <i>ESQUELETO</i>			
DIMENSÕES DO <i>ESQUELETO</i>			

Legenda: ■ CM ■ M ■ PA ■ OR ■ NM ■ ENM

Fonte: Elaborado pela autora

No terceiro e último caso, analisamos o sinal-termo *braço* ilustrado, no Quadro 7. Nesse caso, entre os seis parâmetros linguísticos analisados, metade (três) apresentara proximidade entre o Polo Semântico e o Polo Fonológico. Na CM há ocorrência do processo de iconicidade metonímica quando a CM 39 substitui o valor semântico de corpo humano. No NM há ocorrência do processo de iconicidade metafórica quando há referência ao membro superior. No PA há ocorrência do processo de iconicidade metafórica quando o ponto de articulação representa o valor semântico de indicativo do membro direito ou esquerdo. Ou seja, é um sinal-termo que apresenta uma proximidade equilibrada entre o PF e o PS, logo, teoricamente, é categorizado como um sinal com *tendência* ou *força* \pm *icônica*, portanto, pode ser interpretado como arbitrário ou como icônico pelo sujeito interpretante.

Quadro 7 – Categorização do sinal-termo *braço*

DOMÍNIO FONTE			DOMÍNIO ALVO
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processo	Sinal-termo <i>Braço</i>
Membro superior direito e esquerdo do corpo humano.	CM – 39 e 21 PA – Na mão	<p>Processo de iconicidade metonímia quando a CM 39 substitui o valor semântico de corpo humano.</p> <p>Processo de iconicidade metafórica quando o ponto de articulação representa o valor semântico de indicativo do membro direito ou esquerdo.</p> <p>Processo de iconicidade metafórica quando há referência ao membro superior.</p>	
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processo	
FORMA DO <i>BRAÇO</i> ■	CM – 39 e 21 PA – Na mão	<p>Processo de iconicidade metonímia quando a CM 39 substitui o valor semântico de corpo humano.</p> <p>Processo de iconicidade metafórica quando o ponto de articulação representa o valor semântico de indicativo do membro direito ou esquerdo.</p> <p>Processo de iconicidade metafórica quando há referência ao membro superior.</p>	Mão passiva (D) em CM 39 voltada para baixo e mão ativa (E) em CM 21, tocando o polegar direito, que representa o braço.
MOVIMENTO DO <i>BRAÇO</i>			
CHEIRO DO <i>BRAÇO</i>			
PARTES DO <i>BRAÇO</i>			
TEXTURA DO <i>BRAÇO</i>			
SOM DO <i>BRAÇO</i>			
LOCALIZAÇÃO DO <i>BRAÇO</i> ■ ■			
DIMENSÕES DO <i>BRAÇO</i>			


Legenda: ■ CM ■ M ■ PA ■ OR ■ NM ■ ENM

Fonte: Elaborado pela autora

Outro dado relevante foi o resultado obtido após análise dos sinais-termo criados por Prometi (2019) para o campo conceptual da área de especialidade da música. Entre os sinais-termo analisados, a maior parte foi categorizado com *tendência* ou *força - icônica*.


Por meio do exemplo do Quadro 8, é possível observarmos que as informações que se referem à captação do som para a construção do sinal-termo *mínima* não foram representados por processos cognitivos. Apenas identificamos que na CM (cor vermelha) há ocorrência do processo de iconicidade metafórica quando a CM 28 representa a forma da figura musical da nota mínima e do Processo de iconicidade metonímica quando a CM 28 substitui o valor semântico da figura musical da nota mínima. Com base nesse e em outros dados, conjecturamos que isso se deve à cultura surda da pesquisadora que criou o sinal-termo, bem como ao público-alvo (surdos) para o qual estavam sendo criados os sinais, pois, em ambos os casos, privilegia-se a percepção espacial, visual e temporal dos sujeitos.

Quadro 8 – Categorização do sinal-termo *mínima*

DOMÍNIO FONTE		DOMÍNIO ALVO	
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processo	Sinal-termo <i>Mínima</i>
Figura musical que tem metade do valor de uma semibreve e o dobro do valor de uma semínima	CM – 28	Processo de iconicidade metonímica em que a configuração de mão 28 representa a figura musical da nota mínima.	 <p>Mão ativa (D) em CM 28, em frente ao corpo e com o dedo do indicador para cima, não há movimento, representando a figura musical da nota mínima.</p>
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processo	
FORMA DO <i>MÍNIMA</i> ■	CM – 28	Processo de iconicidade metafórica em que a configuração de mão 28 faz referência a forma da figura musical da nota mínima.	
MOVIMENTO DO <i>MÍNIMA</i>			
CHEIRO DO <i>MÍNIMA</i>			
PARTES DO <i>MÍNIMA</i>			
TEXTURA DO <i>MÍNIMA</i>			
SOM DO <i>MÍNIMA</i>			
LOCALIZAÇÃO DO <i>MÍNIMA</i>			
DIMENSÕES DO <i>MÍNIMA</i>			

Legenda: ■ CM ■ M ■ PA ■ OR ■ NM ■ ENM
 Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 9 – Categorização do sinal-termo *aluno*

DOMÍNIO FONTE		DOMÍNIO ALVO	
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processo cognitivo	Sinal-termo <i>Aluno</i>
<p>Aluno. Discente. Indivíduo que recebe instrução ou educação em estabelecimento de ensino ou não.</p>	<p>NM – 1 CM 04 PA – Na lateral do braço.</p>	<p>Processo de iconicidade metonímico - quando as CM – 04 substitui e representa o valor semântico do sujeito aluno.</p> <p>Processo de iconicidade metafórico quando o NM representa o valor semântico de unidade, ou seja, representa um indivíduo.</p> <p>Processo de iconicidade metafórico quando o PA faz referência a região que comumente os sinais de séries de ensino são executados na cultura surda.</p>	
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processo cognitivo	
FORMA DO <i>ALUNO</i>			
MOVIMENTO DO <i>ALUNO</i>			
CHEIRO DO <i>ALUNO</i>			
PARTES DO <i>ALUNO</i>			
TEXTURA DO <i>ALUNO</i>			
SOM DO <i>ALUNO</i>			
LOCALIZAÇÃO DO <i>ALUNO</i>			
DIMENSÕES DO <i>ALUNO</i>			

Legenda: ■ CM ■ M ■ PA ■ OR ■ NM ■ ENM

Fonte: Elaborado pela autora

No Quadro 9, por exemplo, há a ilustração de um dos resultados obtidos após análise dos sinais-termo criados por Tuxi (2017) para o campo conceitual da área de especialidade administrativo acadêmico. Nesse resultado observamos que o sinal-termo *aluno* pode ser categorizado com *tendência* ou *força ± icônica*. Contudo a referência utilizada para a identificação do traço icônico no PA está relacionada de maneira intrínseca a experiência de uso de da Língua de Sinais Brasileira. Por exemplo, o interpretante que desconhecer as áreas usuais que os sinalizantes executam os sinais referentes as séries escolares podem não conseguir perceber, assimilar e categorizar o traço icônico no PA desta análise.

Por fim, observamos que em todos os sinais-termo analisados nesta Tese, total de 26 (vinte e seis), há ocorrência de traços icônicos em menor ou maior escala, logo, esse fenômeno revela-se importantíssimo ao processo de criação do sinal-termo. Contudo, em apenas um modelo de ficha terminológica ou terminográfica (proposto por Alves (2020)) utilizada no processo de construção de sinal-termo pelos pesquisadores surdos e não surdos houve menção de descrição desse fenômeno, conforme podemos observar na seção a seguir.

4.3 Proposta de descrição do fenômeno da iconicidade em ficha terminológica ou terminográfica

Apesar de os pesquisadores surdos e não surdos utilizarem um modelo de registro em ficha padrão criado por Faulstich (1995a), entre os pesquisadores que anexaram o modelo utilizado na Dissertação ou Tese analisados, 15 (quinze) corpora, apenas foi possível identificar uma descrição próxima ao fenômeno da iconicidade em 7 (sete) *corpora*.

A Figura 33 apresenta o modelo de registro elaborado por Costa (2012), que utiliza a nomenclatura de “conceitos lexicográficos”. Nesse contexto, é possível observarmos algumas informações referentes às motivações de construção do sinal-termo *Reto-Abdominais*, como “[...] tocando abaixo do tórax e descendo até a cintura em movimentos semicirculares discretos, desenhando os músculos abdominais” (Costa, 2012, p. 119). A partir dessa descrição, é possível inferirmos que a forma dos músculos e a localização motivaram as escolhas do Ponto de Articulação e Movimento da estrutura linguística do sinal-termo por meio do processo cognitivo metafórico o PA e M representam uma aproximação entre o polo semântico e polo

fonológico dentro do campo conceptual corpo humano. Em contrapartida, os outros pesquisadores que seguiram esse padrão de descrição usaram nomenclaturas diferentes, como pode ser observado nas figuras seguintes.



Figura 33 – Descrição do sinal-termo *Reto-Abdominais* em Costa (2012)

N.º	Termos	Sinal proposto	Configuração de Mãos	Conceitos como lexicográficos
35	Reto-Abdominais (músculos)			Mãos em CM 57, na horizontal, com palmas voltadas para dentro, tocando abaixo do tórax e descendo até a cintura em movimentos semicirculares discretos, desenhando os músculos abdominais.

Fonte: Costa (2012, p. 119)

No exemplo ilustrado na Figura 34, Prometi descreve a motivação por meio da nomenclatura “Representação do conceito da LSB” para o campo conceptual “Música” (2013, p. 55). Nesse contexto, a descrição claramente fornece subsídios para que o leitor compreenda as motivações da construção do sinal-termo *pentagrama*, onde a CM 54, CM 26 e movimento representam, por meio de processo metonímico e metafórico, o conjunto de linhas e espaços do pentagrama, porém sem mencionar que se trata do fenômeno da iconicidade ou de um sinal-termo motivado.

Figura 34 – Descrição do sinal-termo *Pentagrama* em Prometi (2013)

Termo:	Pentagrama
Sinal-termo:	
Configuração de mão:	
Representação do conceito da LSB:	Mão passiva (E) em CM 54, na posição lateral com os dedos para frente e mão ativa (D) em CM 26 apontando para o dedo polegar da mão passiva (E) e fazendo o movimento semicircular, descendo para baixo para o dedo mínimo da mão passiva (E), representando o conjunto de linhas e espaços do pentagrama.

Fonte: Prometi (2013, p. 55)

Em Sousa (2015), a nomenclatura utilizada para a descrição do sinal-termo é de “Conceitos Lexicais”. Na descrição da Figura 35, Sousa (2015) se limita a descrever os parâmetros linguísticos e pouco menciona as motivações para a construção do sinal-termo *Ação e/ou Aventura*, marcação de gênero no campo conceptual cinema.

Figura 35 – Descrição do sinal-termo *Ação e/ou Aventura* em Sousa (2015)



Nº	Termos	Imagens	Sinais-termos	Configuração de Mãos	Conceitos lexicais
1	Ação e/ou Aventura				Mão passiva (E) em CM 54 com dedos estendidos em frente e mão ativa (D) em CM 42 com dedos curvados em movimento para cima e para baixo.

Fonte: Sousa (2015, p. 97)

Já em Nascimento (2019) observamos que houve a utilização da mesma nomenclatura usada por Prometi (2013), “Representação do conceito da LSB”. Esse formato para o campo conceptual “Linguística Forense”, mais uma vez, foi favorável

para o mapeamento dos traços icônicos, porém novamente não há menção sobre o fenômeno da iconicidade presente no processo de descrição. A descrição utilizada “Mãos em CM 15, braços flexionados encostando o dedo indicador no canto da boca, arrastando as pontas dos dedos no rosto até ir para trás da cabeça, fechando as na CM 3, seguido do movimento de dar um nó” (Figura 36), ajuda o leitor a inferir sobre a ocorrência da proximidade entre os polos semântico e fonológico para a construção do sinal-termo *Amordaçar*, de Nascimento (2019, p. 70), porém não há associação da descrição das motivações.

Figura 36 – Descrição do sinal-termo *Amordaçar* em Nascimento (2019)





2- Termo:	Amordaçar
Sinal-termo:	
Configuração de mão:	
Representação do conceito da LSB:	Mãos em CM 15, braços flexionados encostando o dedo indicador no canto da boca, arrastando as pontas dos dedos no rosto até ir para trás da cabeça, fechando-as na CM 3, seguido do movimento de dar um nó.
Descrição gramatical e lexical:	V [Ação-processo] Utilizar de algum objeto (em geral pedaço de pano ou fita adesiva) com o objetivo de silenciar alguém, neste contexto, uma vítima. (Adapt. Borba 2002).

Fonte: Nascimento (2019, p. 70)

Em contrapartida, em Alves (2020) identificamos o registro que mais se aproximou da descrição do fenômeno da iconicidade. Na ficha ilustrada na

Figura 37, o autor usa a nomenclatura “Descrição do conceito do sinal-termo” para descrever os sinais-termo do campo conceitual da informática. Nesse formato, o pesquisador descreve claramente a motivação para a construção do sinal-termo, porém sem relacionar especificamente todos os parâmetros linguísticos utilizados para a construção do sinal-termo analisado.

Figura 37 – Descrição do sinal-termo *Monitor* em Alves (2020)




TERMO / IMAGEM	<p style="text-align: center;">MONITOR</p>  <p style="text-align: center;">Fonte: https://www.alzashop.com/monitor</p>
SINAL-TERMO	
DESCRIÇÃO DO CONCEITO DO SINAL-TERMO	<p>O sinal-termo <i>monitor</i> tem a configuração de mão “L” feito pela mão ativa e a base-paramétrica criado de acordo com a forma geométrica do monitor.</p> 
QR-CODE: VÍDEO DO SINAL-TERMO	

Fonte: Alves (2020, p. 97)

Na descrição do conceito do sinal-termo *Monitor*, por exemplo, “O sinal-termo monitor tem a configuração de mão ‘L’ feito pela mão ativa e a base-paramétrica criado de acordo com a forma geométrica do monitor” (Alves, 2020, p. 97), o pesquisador descreve a CM em “L” foi motivada pela forma geométrica do referente,

mas não descreve os demais parâmetros. Em outro exemplo, no sinal-termo *teclado*, Alves faz menção direta ao traço icônico, como pode ser observado na Figura 38.

Figura 38 – Descrição do sinal-termo *Teclado* em Alves (2020)

TERMO / IMAGEM	<p style="text-align: center;">TECLADO</p>  <p style="text-align: center;">Fonte: https://www.recycleinformatica.com.br/teclado</p>
SINAL-TERMO	
DESCRIÇÃO DO CONCEITO DO SINAL-TERMO	<p>No sinal-termo TECLADO a mão simula o movimento de digitação com os dedos e é um sinal-termo altamente icônico.</p>
QR-CODE: VÍDEO DO SINAL-TERMO	




Fonte: Alves (2020, p. 110)

No exemplo da Figura 38, Alves (2020, p. 110) descreve que “No sinal-termo TECLADO a mão simula o movimento de digitação com os dedos e é um sinal-termo altamente icônico”. Diante dessa descrição, é possível inferirmos que todos os parâmetros linguísticos envolvidos para representar a ação de digitar – PA, M, CM, NM, ENM e OR – foram motivados por meio de processo cognitivo metaftonímico, onde os elementos fonológicos que constroem o sinal-termo *Monitor* exercem uma dupla aproximação com o polo semântico, quando há substituição (processo

cognitivo metonímico) e representação (processo cognitivo metafórico) do valor semântico na estrutura do mesmo sinal. Nesse exemplo, o pesquisador não faz descrição da estrutura linguística do sinal-termo *Monitor*, mas faz clara menção da motivação para construção do sinal-termo analisado.

Já em Moreira (2021), a nomenclatura para descrição do sinal-termo muda novamente, conforme ilustrado na Figura 39. Nesse formato, a nomenclatura utilizada é “Representação do conceito da Libras” para o campo conceptual “Sintaxe do português”. Nessa descrição há menção sobre a motivação do uso das CM 07 e CM 01, porém sem mencionar os demais parâmetros linguísticos envolvidos. Apesar disso, foi possível fazermos o mapeamento dos traços icônicos, onde ocorre o processo de iconicidade metaftomínica, onde é marcado a localização do constituinte da oração em respeito a ordem no PA. Mapeamos a ocorrência do processo de iconicidade metafórica – quando o NM representa o valor semântico da ordem do constituinte na sentença e as mãos transmitem a ideia de oração. Além da ocorrência do processo de iconicidade metafórica – quando a CM 07 representa o valor semântico de “primeiro” que indica posição na ordem do constituinte na sentença e do processo de iconicidade metonímica – quando a CM 01, o sinal de “s”, representa o todo “sujeito”.

Figura 39 – Descrição do sinal-termo *Sujeito* em Moreira (2021)

Termo	SUJEITO
<p>Ilustração do Sinal-Termo</p>	 <p>Fonte: (MOREIRA, 2016¹¹)</p>
<p>Definição em Português</p>	<p>Sujeito – Termo usado na análise das FUNÇÕES GRAMATICAIIS como referência a um importante CONSTITUINTE da SENTENÇA ou ORAÇÃO, tradicionalmente associado com o agente do verbo, como em <i>O gato mordeu o cão</i>.</p>
<p>Configuração de mão</p>	 <p>07 01</p>
<p>Representação do conceito da Libras</p>	<p>A imagem 07 demonstra a letra alfabética “S”, que é a representação proposta para a base paramétrica de “SUJEITO” e sua estrutura complexa. A imagem 01 representa apenas um núcleo ligado diretamente ao verbo.</p>
<p>Descrição gramatical e lexical</p>	<p>As abordagens mais antigas analisam a sentença dos termos de sujeito e PREDICADO e esta terminologia ainda é comum, embora nem sempre; outras abordagens distinguem o sujeito de outros elementos da ESTRUTURA (Objeto, Predicativo, Verbo, Adjunto Adverbial, em particular). (HOUAISS, 2001).</p>
<p>Definição em LSB</p>	<p>https://youtu.be/6J3F6H8DAv4</p> 

Fonte: Moreira (2021, p. 99)

O sétimo e último *corpus* analisado foi a Tese de Garcia (2021), ilustrada a seguir. Esse modelo de ficha terminográfica feita para o campo conceptual “Traumatologia e Ortopedia” foi um dos mais completos em relação a informações referenciais, porém sem fazer menção às relações de representação desses

referentes. A nomenclatura utilizada também é diferente – “Representação do conceito da LSB com descrição do sinal-termo”. Dentro deste campo há um subitem intitulado “Descrição paramétrica do sinal-termo”, logo entende-se que os dados de representação se resumiram na ilustração dos parâmetros linguísticos envolvidos, mas se houvesse a junção dessa ilustração com a associação analógica dos referentes que a estrutura representa a informação seria mais satisfatória em relação ao fenômeno da iconicidade. Mais uma vez, os traços icônicos não são mencionados na ficha terminográfica, contudo, é possível analisarmos a ocorrência do fenômeno por meio da descrição dos parâmetros linguísticos envolvidos na construção do sinal-termo *Tarso* proposto por Garcia (2021) e ilustrado na Figura 40.

Figura 40 – Descrição do sinal-termo *Tarso* em Garcia (2021)

FICHA TERMINOGRÁFICA – GLOSSÁRIO BILÍNGUE DE TRAUMATOLOGIA E ORTOPEDIA		Número da ficha: 43
(1) Termo: TARSO	(1.a) Imagem(s) do sinal-termo: 	(1.b) Vídeo do sinal-termo, via <i>YouTube</i> : https://www.youtube.com/watch?v=PcSLgWK0pW0
	(1.c) Vídeo do sinal-termo, via <i>QR Code</i> : 	
(2) Definição em LP: Segmento que engloba os ossos posteriores do pé.	(2.a) Vídeo da definição em LSB, via <i>YouTube</i> : https://www.youtube.com/watch?v=cmLL5hweIZY	
	(2.b) Vídeo da definição em LSB, via <i>QR Code</i> : 	
(3) Fonte em LP: MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013, p. 33. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/glossario_tematico_traumatologia_ortopedia_2ed.pdf		
(4) Contexto: Depois de tanto andar de salto senti dores no pé, na região do tarso. (RROG, 2020)	(4.a) Vídeo com o sinal-termo em uma frase em LSB, via <i>YouTube</i> : https://www.youtube.com/watch?v=K4Ms4O_QRY	
	(4.b) Vídeo com o sinal-termo em uma frase em LSB, via <i>QR Code</i> : 	
(5) Ilustração Visual compatível com o sinal-termo: 		
(6) Configuração da mão ativa ou passiva		
(6.a) CM (mão esquerda): passiva		(6.b) CM (mão direita): ativa
(7) Representação do conceito da LSB com descrição do sinal-termo:		
(7.a) Descrição paramétrica do sinal-termo: 		

Fonte: Garcia (2021, p. 224)

De acordo com Faulstich (2001, p.12), os elementos que constituem um verbete podem ser descritos da seguinte forma:

“Entrada [ent.]”: Trata-se da unidade linguística que abrange o conteúdo semântico da expressão terminológica na linguagem especializada. Essa entrada corresponde ao próprio termo principal em questão.

“Categoria gramatical [cat.]”: Indica a categoria gramatical à qual o termo pertence na gramática da língua, bem como sua estruturação sintático-semântica. Essa categoria pode ser representada por siglas, como s (substantivo), v (verbo), st (sintagma terminológico), etc (unidade terminológica complexa) e assim por diante.

“Gênero [gên.]”: Refere-se ao gênero gramatical ao qual o termo está associado na língua descrita. Esse gênero pode ser representado por m (masculino) ou f (feminino), entre outras possibilidades.

“Variante [var.]”: Corresponde às formas alternativas de denominação para um mesmo referente, que coexistem com a entrada principal. As variantes podem ser linguísticas, ou seja, diferentes formas terminológicas que representam a mesma ideia, ou podem ser variantes de registro, relacionadas a diferentes contextos de uso.

“Definição [def.]”: Consiste em um sistema de distinções recíprocas que têm como objetivo descrever os conceitos relevantes aos termos. As definições proporcionam clareza e precisão ao significado dos termos, contribuindo para uma compreensão aprofundada dos mesmos.

“Contexto [cont.]”: Refere-se a um fragmento de texto no qual o termo principal é registrado, sendo transcrito a fim de demonstrar seu uso na linguagem especializada. Esse contexto apresenta exemplos concretos que ilustram a aplicação do termo em seu ambiente linguístico específico, fornecendo uma compreensão mais abrangente de sua utilização.




Esses componentes do verbete terminológico desempenham um papel crucial na organização e compreensão das informações em um trabalho terminológico. Ao fornecerem uma estrutura clara e sistemática para a apresentação dos termos, eles permitem uma abordagem precisa e aprofundada da terminologia em uma área específica de conhecimento. Nesse sentido, é importante que a descrição dos traços icônicos também esteja presente na proposta de ficha terminológica, uma vez que comprovamos, por meio dessa pesquisa, que o fenômeno da iconicidade se fez presente em todos os sinais-termo analisados em menor ou maior grau. Logo, é uma característica que não deve ser ignorada, pelo contrário, merece e deve ter um campo de registro na ficha terminográfica proposta por Faulstich (1995a).

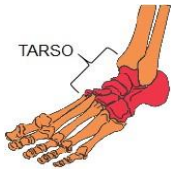
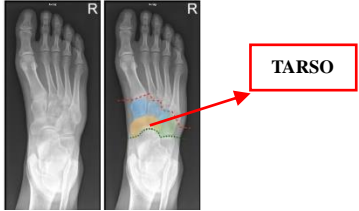
O uso de diferentes nomenclaturas para o registro do mesmo fenômeno como “conceitos lexicográficos”, de Costa (2012, p. 119); “Representação do conceito da

LSB” de Prometi (2013, p. 55) e Nascimento (2019, p. 70); “Conceitos Lexicais”, de Sousa (2015, p. 97); “Descrição do conceito do sinal-termo”, de Alves (2020, p. 97); “Representação do conceito da Libras”, de Moreira (2021, p. 99); e “Representação do conceito da LSB com descrição do sinal-termo”, de Garcia (2021, p. 224), evidencia que a ocorrência do fenômeno da iconicidade sempre esteve presente e latente no processo de construção de sinal-termo, porém sem um registro sistemático claro para os pesquisadores da área de léxico e terminologia.

Diante disso, sugerimos o uso de formato padrão de ficha terminográfica que tenha o acréscimo de mais um elemento que permita o registro da descrição dos parâmetros linguísticos motivados que compõe o sinal, uma vez que esta pesquisa identificou o fenômeno da iconicidade como parte fundamental para a construção do sinal-termo, bem como revelou uma interconexão direta entre o fenômeno da iconicidade, por meio do reconhecimento, assimilação e categorização dos traços icônicos, com a estrutura linguística do sinal. Para tanto, apresentamos no Quadro 10 uma proposta de modelo de ficha terminográfica, a partir da adaptação de Garcia (2021) sobre Faulstich (1995a), visando contribuir de maneira eficaz para futuras construções de sinais-termo, bem como para futuras análises do fenômeno da iconicidade em LSB.

Quadro 10 – Proposta de modelo de ficha terminográfica

FICHA TERMINOGRÁFICA – GLOSSÁRIO BILÍNGUE DE TRAUMATOLOGIA E ORTOPEDIA		Número da ficha: 43
(1) Termo: TARSO	(1.a) Imagem(s) do sinal-termo: 	
	(1.b) Vídeo do sinal-termo, via <i>YouTube</i> : https://www.youtube.com/watch?v=PcSLgWK0pW0	
	(1.c) Vídeo do sinal-termo, via <i>QR Code</i> : 	
(2) Definição em LP: Segmento que engloba posteriores do pé.	(2.a) Vídeo da definição em LSB, via <i>YouTube</i> : https://www.youtube.com/watch?v=cmIL5hwelZY	
	(2.b) Vídeo da definição em LSB, via <i>QR Code</i> : 	

(3) Fonte em LP: MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013, p. 33. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/glossario_tematico_traumatologia_ortopedia_2ed.pdf	
(4) Contexto: Depois de tanto andar de salto senti dores no pé, na região do tarso (Rrog, 2020)	(4.a) Vídeo com o sinal-termo em uma frase em LSB, via <i>YouTube</i> : https://www.youtube.com/watch?v=K4Ms4Q_QRY (4.b) Vídeo com o sinal-termo em uma frase em LSB, via <i>QR Code</i> : 
(5) Ilustração Visual equivalente ao sinal-termo:  	
(6) Configuração da mão ativa ou passiva	
(6.a) CM (mão esquerda): passiva	(6.b) CM (mão direita): ativa
(7) Descrição da representação motivada do sinal-termo em LSB:	
O NM utilizadas são 2. A ENM é neutra. A CM 51, com OR para baixo no PA, espaço neutro, representa por meio de processo cognitivo metonímico o pé humano. A CM 32 com movimento retilíneo da direita para esquerda representa por meio do processo cognitivo metafórico a localização do Tarso no pé humano.	

Fonte: Garcia (2021, p. 224); adaptado pela autora desta Tese

No modelo proposto no Quadro 10, adaptamos a ficha terminográfica elaborada por Garcia (2021) sugerindo a utilização da nomenclatura “Descrição da representação motivada do sinal-termo em LSB”, visto que o fenômeno da iconicidade está relacionado de maneira intrínseca aos processos analógicos motivados da construção do sinal-termo. Além disso, consideramos os 6 (seis) parâmetros linguísticos descritos no Capítulo 2 desta Tese. Diante disso, defendemos que esse modelo proposto abrange as motivações denotativa-pragmática ao caracterizar as fontes dos referentes e os contextos de uso e a perceptiva-cognitiva ao ilustrar como o termo *Tarso* pode ser percebido de maneira equivalente à realidade dentro da área de especialidade.

4.4 Síntese do Capítulo

Apresentamos neste capítulo um modelo analógico de análise da iconicidade do sinal-termo na língua de sinais, com base em conceitos da linguística cognitiva. O modelo foi construído a partir da triangulação das contribuições teóricas de Faulstich (1995a), Taub (2001) e Wilcox (2004). O processo de análise da criação do sinal-termo foi dividido em quatro passos: seleção de características do referente, mapeamento do esquema mental idealizado, codificação do esquema mental em uma forma real e categorização da iconicidade do sinal-termo.

No Passo 1, o pesquisador reflete sobre a conceptualização do termo, levando em conta a abstração denotativa-pragmática (sentido amplo) e a abstração perceptiva-cognitiva (percepção sensorial). No Passo 2, o pesquisador mapeia analogamente o esquema mental idealizado, buscando uma conexão entre as abstrações denotativa-pragmática e perceptiva-cognitiva com a estrutura linguística da língua-alvo. No Passo 3, o pesquisador codifica o esquema mental idealizado em uma forma real do sinal-termo, podendo ser icônica (com conexão motivada entre forma e significado do referente) ou arbitrária (sem conexão motivada). No Passo 4, a iconicidade do sinal-termo é categorizada como *tendência* ou *força* + icônica, - icônica ou \pm icônica, dependendo da relação de proximidade entre forma e forma, forma e significado, e significado e significado das informações do referente.

O modelo proposto busca entender como a iconicidade se manifesta no processo de criação de sinais-termo na LSB e considera fatores como experiência, cultura e contexto do pesquisador ou público-alvo, ou seja, considera a variabilidade e dinamicidade em seus processos, logo, ele é modelo que pode ser aplicado em qualquer Língua de Sinais. Por fim, analisamos a existência de descritores do fenômeno da iconicidade na ficha terminológica de sinais-termo e defendemos a necessidade do acréscimo dessa informação a ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa destacou que a iconicidade não é um fenômeno estático e invariável, mas sim caracterizado por variabilidade e dinamicidade em todos os processos. Nessa perspectiva, ao estudar a iconicidade, é crucial adotar uma visão flexível e aberta, evitando a imposição de categorias fixas e reconhecendo a importância de uma análise detalhada das estruturas conceituais subjacentes. Somente por meio dessa abordagem minuciosa e baseada em princípios poderemos obter uma compreensão mais abrangente e precisa da iconicidade e de seu papel na estruturação da linguagem. Como os métodos existentes até o momento – Faulstich (1995), Taub (2001), Cuxac e Sallandre (2003) e Wilcox (2004) – não abarcavam plenamente essa natureza dinâmica da iconicidade, para este estudo, foi necessário construir, com base nos métodos de Faulstich (1995), Taub (2001) e Wilcox (2004) e na gramática cognitiva de Langacker (1987; No prelo) uma nova proposta complementar de análise.

É importante frisarmos que foram os dados coletados que nos convidaram a adotar uma abordagem mais abrangente e integrada no estudo da linguagem, reconhecendo que diferentes aspectos linguísticos, como a estrutura e a iconicidade, estão interligados e são interdependentes. Ao enfatizar a importância da descrição conceptual explícita e da consideração da base cognitiva subjacente, abrimos novas possibilidades para a compreensão da relação entre forma e significado na linguagem e para a investigação dos processos cognitivos envolvidos na produção e percepção linguística, pois como mencionamos no Capítulo 1 desta Tese, a iconicidade não se restringe a uma simples percepção da proximidade entre forma e significado do léxico. Essa proximidade visível é apenas a ponta do *iceberg*. Por meio desta Tese, evidenciamos que o *iceberg* tem outras camadas mais profunda não visíveis, cognitivas e subjacentes que devem ser levadas em consideração num processo de análise de traços icônicos.

Para tanto, atingimos quatro objetivos. Um dos objetivos da pesquisa foi identificar os campos conceituais semânticos relacionados à área de especialidade por meio dos sinais-termo. Para isso, foram coletadas fichas terminológicas dos sinais-termo analisados. Por meio dessa coleta, foi possível observar a variedade de campos conceituais semânticos, que podem ser provenientes de manuais, livros didáticos e outras fontes do contexto de uso do público-alvo. Essa diversidade

demonstra a importância de considerar os campos conceptuais semânticos ao analisar a iconicidade nos sinais-termo. Outro objetivo da pesquisa foi mapear os traços icônicos que contribuem para o fenômeno da iconicidade nos sinais-termo da Língua de Sinais Brasileira (LSB). Para isso, foram explorados os processos cognitivos analógicos envolvidos na relação entre o campo semântico e o campo fonológico. Essa análise permitiu identificar os resultados alcançados nesse estudo, revelando os traços icônicos presentes nos sinais-termo e a aproximação entre os campos semântico e fonológico que compartilham informações inerentes ao mesmo campo conceptual.

A gama limitada, mas variada, de exemplos considerados sugere que qualquer aspecto da estrutura linguística pode exibir iconicidade em menor ou maior escala. Nesse contexto, propomos que a estrutura e a iconicidade não sejam entidades distintas, mas sim diferentes perspectivas dos mesmos agrupamentos simbólicos. Ambas são manifestações de atividades sobrepostas, sendo que a estrutura é baseada principalmente na sobreposição e, portanto, icônica em um sentido amplo. Além disso, a iconicidade pode ser compreendida como uma dimensão das estruturas envolvidas, em vez de ser vista como um fenômeno separado. Um exemplo dessa relação pode ser observado na característica estrutural intrínseca das expressões complexas, que envolvem um caminho de simbolização. Nesse processo, estruturas semânticas e fonológicas correspondentes são ativadas na mesma sequência e de maneira aproximada e simultânea, manifestando uma forma de iconicidade diagramática por meio de processos analógicos metafóricos, metonímicos ou metaftonímicos. Essa interação entre as estruturas conceituais e fonológicas demonstra como a iconicidade é incorporada na própria estrutura linguística.

Essa abordagem evidencia a interconexão entre a estrutura e a iconicidade, revelando que a iconicidade não é um fenômeno separado, mas está integrado aos processos estruturais da linguagem. Ao considerar a iconicidade como parte intrínseca das estruturas linguísticas, ampliamos nossa compreensão da natureza e funcionamento da linguagem, reconhecendo a importância da interação entre os aspectos estruturais e icônicos na comunicação humana. Um princípio fundamental da Linguística Cognitiva, conforme proposto por Langacker (2006), é que uma categoria geralmente é complexa e envolve uma rede ou um campo de variantes. Essas categorias complexas podem ser consideradas como agrupamentos

simbólicos, nas quais várias categorizações particulares estão interconectadas por meio de sobreposição, também conhecida como “semelhança de família”, que cria um nível de organização superior no plano paradigmático.

É importante ressaltar que essa visão não entra em conflito com a noção de que muitas estruturas não são icônicas. Apenas certos tipos de sobreposição são tradicionalmente reconhecidos como iconicidade e esse reconhecimento depende da experiência, cultura e de outros aspectos do sujeito interpretante. Portanto, a nossa observação é de que algum tipo de iconicidade esteja presente em uma determinada estrutura, mas não necessariamente em todos os tipos potenciais. Nessa perspectiva, ressaltamos a natureza complexa e multifacetada da linguagem, onde diferentes aspectos, como a estrutura e a iconicidade, coexistem e interagem, conforme teorizou Wilcox (2004). Reconhecer a presença de algum grau de iconicidade em certas estruturas nos possibilitou atingirmos o objetivo de categorizar os sinais-termo em + icônico, - icônico ou \pm icônico, bem como nos ajudou a compreender a diversidade e a flexibilidade inerentes à linguagem humana, ampliando nossa compreensão dos mecanismos cognitivos envolvidos na comunicação verbal.

Além disso, a pesquisa analisou a necessidade de incluir de forma sistematizada o fenômeno da iconicidade nas fichas terminológicas. A partir dos achados nas análises da iconicidade nas etapas de criação dos sinais-termo, foi defendida a presença de uma categoria relacionada à iconicidade na ficha terminológica. Essa categoria busca refletir um trabalho que considera de maneira sistemática o fenômeno da iconicidade, o qual foi demonstrado ao longo do estudo como parte inerente do processo de construção de sinais-termo. No entanto, considerando que a iconicidade não se configura como um domínio separado e isolado, é recomendado evitar uma descrição rígida devido à diversidade, complexidade e presença de casos intermediários. Não existe uma taxonomia específica que possa ser considerada exaustiva ou absolutamente “correta”. Em vez disso, a análise da iconicidade requer uma abordagem minuciosa que envolva uma ampla descrição explícita das estruturas conceptuais subjacentes, conforme foi feito no processo de análise dos dados.

Em suma, o desenvolvimento deste trabalho possibilitou estabelecer a Tese de que a iconicidade é um fenômeno intrinsecamente relacionado às experiências cognitivas do pesquisador e ao processo de construção de sinais-termo. A pesquisa

evidenciou a natureza dinâmica da iconicidade, identificou os campos conceptuais semânticos relacionados aos sinais-termo, mapeou os traços icônicos presentes na LSB, categorizou os sinais-terminos e destacou a importância de considerar sistematicamente a iconicidade nas fichas terminológicas ou terminográficas. Essas conclusões ampliam nosso entendimento sobre a iconicidade na Língua de Sinais e enfatizam a relevância do fenômeno na construção e comunicação dos sinais-termo. Portanto, esta Tese contribuiu para revelar a complexidade e a interconexão entre a iconicidade e outros aspectos linguísticos. Por meio da análise detalhada e sistemática de exemplos, pudemos identificar padrões e relações entre as estruturas conceptuais e as manifestações na linguagem. Essa abordagem baseada em princípios da Linguística Cognitiva nos permitiu compreender melhor como a iconicidade está enraizada em nossa cognição e como ela desempenha um papel fundamental na estruturação e na comunicação linguística. Ademais, nos permite explorar novas perspectivas, bem como contribuir de modo teórico para outras pesquisas linguísticas.

REFERÊNCIAS

BALDINGER, Kurt. *Teoría semântica*. Madrid: Alcalá, 1970.

BARCELONA, Antonio. Clarifying and applying metaphor and metonymy. *In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf (org.). Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin/Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 2002.

BEUCHOT, Mauricio. *Senderos de iconicidad: sobre el resplandor de las imágenes*. México: Herder, 2016.

BLIKSTEIN, Isidoro. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1990.

BOYES-BRAEM, Penny Kaye. *Features of the handshape in American Sign Language*. 1981. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade da Califórnia, Berkeley, 1981.

BOYES-BRAEM, Penny Kaye. Two aspects of psycholinguistic research: iconicity and temporal structure. *In: TERVOORT, Bernard T (org.). Signs of life: proceedings of the Second European Congress on Sign Language Research*. Amsterdam: University of Amsterdam, 1986.

BOSWORTH, Rain G.; EMMOREY, Karen. Effects of iconicity and semantic relatedness on lexical access in American Sign Language. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, Champaign, IL, v. 36, n. 6, p. 1573–1581, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/47335030_Effects_of_Iconicity_and_Semantic_Relatedness_on_Lexical_Access_in_American_Sign_Language. Acesso em: 20 maio 2019.

BRASIL. *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 22 mai. 2017.

BRASIL. *Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dez. 2000. Brasília, DF: Presidência da República, 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 22 maio 2017.

BRENNAN, Mary. *Word formation in British Sign Language*. 1990. Tese (Doutorado em Linguística) – Stockholm University, Faculty of Humanities, Department of Linguistics, 1990.

BRITO, Higor Pereira de; SOUZA, Renne Imar de Melo; ABREU, Walber Gonçalves de. Análise de iconicidade das variantes do termo coronavírus em língua brasileira de sinais – LIBRAS. *Revista do Gelne*, Natal, v. 23, n. 2, p. 5-16, jun. 2021.

Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/23978>. Acesso em: 11 jan. 2022.

BRITO, Lucinda Ferreira. *Por uma gramática línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

BRUMLEY, Michele R.; ROBINSON, Scott R. Experience in the perinatal development of action systems. *In*: BLUMBERG, Mark S.; FREEMAN, John H.; ROBINSON, Scott R. (org.). *Oxford handbook of developmental behavioral neuroscience*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 181-209.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. *Aspectos da visualidade na educação de surdos*. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2008.

CAPOVILLA, Fernando César; MARTINS, Antonielle Cantarelli. Resolvendo o paradoxo da iconicidade: o caso dos sinais de Libras. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 37, n. 114, p. 269-285, 2020. Disponível em: <https://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/643/resolvendo-o-paradoxo-da-iconicidade--o-caso-dos-sinais-de-libras>. Acesso em: 11 jan. 2022.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; TEMOTEO, Janice Gonçalves; MARTINS, Antonielle Cantarelli. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos*. São Paulo: EDUSP, 2017. 3 v.

CASTRO JÚNIOR, Gláucio de. *Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira: foco no léxico*. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

COSERIU, Eugenio. *Principios de semántica estructural*. Madrid: Gredos, 1977.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1965.

CHOMSKY, Noam. *Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre os antigos problemas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

COSTA, Messias Ramos. *Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: enciclolibras*. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRUZ, Cleide Lemes da Silva. *(Re)aplicação do Constructo de Faulstich: regras de formação das Unidades Terminológicas Complexas na área da Engenharia Civil*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

CUXAC, Christian. Iconicité des langues des signes. *Faits de Langues*, Paris, n. 1, p. 47-56, mar. 1993. Disponível em:

http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/flang_12445460_1993_num_1_1_1034. Acesso em: 20 ago. 2019.

CUXAC, Christian. Fonctions de l'iconicité. *In: VIROLE, Benoît. La psychologie de l'enfant sourd*. Paris: Edilob, 1996.

CUXAC, Christian. Expressions des relations spatiales et spatialisation des relations sémantiques en Langue des Signes Française. *In: FUCHS, Catherine; ROBERT, Stéphane (org.). Diversité des langues et représentation cognitives*. Paris: Ophrys, 1997a. p. 150-160.

CUXAC, Christian. Iconicité et mouvement des signes en Langue des Signes Française. *In: Actes de la 6ème Ecole d'Été de l'Association pour la Recherche Cognitive (ARC), Le mouvement - Des Boudes sensori-motrices aux représentations langagières*. Paris, p. 205-218, 1997b.

CUXAC, Christian. La Langue des Signes Française (LSF): les voies de l'iconicité. *Faits de Langues*, Paris, n. 15-16, 2000a.

CUXAC, Christian. Compositionnalité sublexicale morphémique-iconique en langue des signes française. *Recherches Linguistiques de Vincennes*, Saint-Denis, n. 29, p. 55-72, 2000b. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rlv/1198>. Acesso em: 20 ago. 2021.

CUXAC, Christian. Phonétique de la LSF: une formalisation problématique. *Sillexicales: La Linguistique de la LSF: Recherches Actuelles*, n. 4, p. 93-113, 2004.

CUXAC, Christian. Les langues des signes: analyseurs de la faculté de langage. *Aile: Acquisition et Interaction en Langue Étrangère*, [S. l.], n. 15, p. 11-36, 2001. Disponível em: <http://aile.revues.org/document536.html>. Acesso em: 20 dez. 2019.

CUXAC, Christian; FUSELLIER-SOUZA, Ivani; SALLANDRE, Marie-Anne. Iconicité des langues des signes et catégorisations. *Sémiotiques*, Paris, n. 6, p. 143-166, jun. 1999.

CUXAC, Christian; SALLANDRE, Marie-Anne. Iconicity in sign language: a theoretical and methodological point of view. *In: WACHSMUTH, Ipke; SOWA, Timo (org.). Gesture-based communication in human-computer interaction: proceedings of the international gesture workshop*. Berlin: Springer, 2003. p. 171-180.

DEMATTEO, Asa. Visual imagery and visual analogues in American Sign Language. *In: FRIEDMAN, Lynn A. (org.). On the other hand*. Londres: Academic Press, 1977. p. 109-136.

DIK, Simon C. *Functional grammar*. Amsterdam: North-Holland Publishing, 1978.

ENFIELD, Nick J. *The anatomy of meaning: speech, gesture, and composite utterances*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

ECO, Umberto. *Tratado de semiótica general*. Barcelona: Lumen, 1977.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. *Cognitive linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University, 2006.

EVERETT, Daniel. *Linguagem: a história da maior invenção da humanidade*. São Paulo: Contexto, 2019.

GREIMAS, Algirdas J. *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix, 1973.

FARIA-DO-NASCIMENTO, Sandra Patrícia de. *Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira: uma proposta lexicográfica*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) –Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

FARIA-DO-NASCIMENTO, Sandra Patrícia de; CORREIA, Margarita. *Um olhar sobre a morfologia dos gestos*. Lisboa: UCP, 2011. (Língua Gestual Portuguesa, 15)

FARIA-DO-NASCIMENTO, Sandra Patrícia de. A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares. In: QUADROS, Ronice Müller; STUMPFM, Marianne Rossi.; LEITE, Tarcísio de Arantes (org.) *Estudos da Língua Brasileira de Sinais*. Florianópolis: Insular, 2013. (Estudos de Língua de Sinais, 1)

FAULSTICH, Enilde. Redes de remissivas em um glossário técnico. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, v. 10, p. 91-98, 1993.

FAULSTICH, Enilde. *Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação*. Brasília: Universidade de Brasília/LIV, 1995a.

FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 3, p. 281-288, 1995b.

FAULSTICH, Enilde. Da linguística histórica à Terminologia. *Investigações: Linguística e Teoria Literária*, Recife, v. 7, p. 71-101, 1997.

FAULSTICH, Enilde. Perspectivas da atividade terminológica no Brasil. In: MATEUS, Maria Helena Mira; CORREIA, Margarita. *Terminologia: questões teóricas métodos e projetos*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1998. p. 225-256.

FAULSTICH, Enilde. Aspectos da terminologia geral e terminologia variacionista. *TradTerm: Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia*, São Paulo, v. 7, p. 11-40, 2001.

FAULSTICH, Enilde. Variação em terminologia: aspectos de socioterminologia. In: RAMOS, Glória Guerrero; PÉREZ LAGOS, M. Fernando (org.). *Panorama actual de la terminologia*. Granada-ES: Comares, 2002. v. 30, p. 65-91.

FAULSTICH, Enilde; ABREU, Sabrina Pereira (org.). *Linguística aplicada à Terminologia e à Lexicologia: cooperação internacional Brasil e Canadá*. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2003.

FAULSTICH, Enilde. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 58, n. 2, p. 27-31, 2006.

FAULSTICH, Enilde. Modalidade oral-auditiva versus modalidade visuo-espacial sob a perspectiva de dicionários na área da surdez. *In: SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima (org.). Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais.* Goiânia: Cânone, 2007. cap. 6. p. 119-142.

FAULSTICH, Enilde. Para gostar de ler um dicionário. *In: RAMOS, Conceição de Maria de Araujo et al. (org.). Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vida. Homenagem a Socorro Aragão.* São Luís, MA: EDUFMA, 2010.

FAULSTICH, Enilde. Avaliação de dicionários: uma proposta metodológica. *Organon*, Porto Alegre, v. 25, n. 50, 2011.

FAULSTICH, Enilde. Efeitos da (nova) ortografia no léxico do português: mecanismos gramaticais na grafia de algumas palavras e resultados no uso. *In: LOBO, Tania; CARNEIRO, Zenaide; SOLEDADE, Juliana; ALMEIDAM, Ariadne; RIBEIRO, Silvana (org.). Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias.* Salvador: EDUFBA, 2012. p. 363-380.

FAULSTICH, Enilde. Características conceituais que distinguem o que é de para que serve nas definições de terminologias científica e técnica. *In: ISQUERDO, Aparecida Negri; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovanni (org.). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.* v. 7. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014.

FAULSTICH, Enilde. Harmonização entre línguas como um mecanismo de política linguística no Brasil. *In: HLIBOWICKA-WERGLARZ, Barbara; WISNIEWSKA, Justyna; JABLONKA, Edyta (org.). Língua Portuguesa: unidade na diversidade.* v. 1. Lublin-Polônia: Editora da Universidade Marie Curie Sklodowska, 2016. p. 63-78.

FAULSTICH, Enilde. Especificidades semânticas e lexicais: a criação de sinais-termo na língua de sinais brasileira. *In: BIDARRA, Jorge; MARTINS, Tania Aparecida; SEIDE, Márcia Sipavicius. Léxico e suas Interfaces: descrição, reflexão e ensino.* Araraquara/SP: Cultura Acadêmica, 2016. p. 20-35.

FAULSTICH, Enilde. Terminologia e Língua de Sinais: harmonização linguística entre termo, sinal e sinal-termo. *In: LABORATÓRIO DE EDIÇÃO DE LIBRAS UFPI.* Teresina - PI: Universidade Federal do Piauí - UFPI. 28 set. 2020a. 1 vídeo (1h:8 min). [Live]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eYxUVIvUNhk&t=3248s>. Acesso em: 11 dez 2021. Canal oficial da UnBTV.

FAULSTICH, Enilde. O currículo de português como segunda língua para estudantes surdos: enfoques e perspectivas. *In: Conferência I. I Congresso Internacional sobre o Ensino de Português como Segunda Língua para Surdos.* Brasília: Universidade de Brasília - UnB. 9 nov. 2020b. 1 vídeo (1h:10 min). [Live]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VUSQVPcA2o0&t=2702s>. Acesso em: 11 dez 2021. Canal oficial da UnBTV.

FELTEN, Eduardo Felipe. *Glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de termos da História do Brasil.* 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, Charles J. The mechanisms of "Construction Grammar". ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 14., 1988, Berkeley. *Proceedings of the Fourteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society*. Berkeley: BLS, 1988. p. 35-55.

FORESTELL, Catherine A.; MENNELLA, Julie A. The ontogeny of taste perception and preference throughout childhood. In: DOTY; Richard L. (org.). *Handbook of olfaction and gustation*. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2015. p. 795-828.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

HAUSER, Marc D.; CHOMSKY, Noam; FITCH, W. Tecumseh. The faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve? *Science*, Washington-DC, v. 298, n. 5598, p. 1569-1579, nov. 2002.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HOCKETT, Charles F. The origin of speech. *Scientific American*, n. 203, p. 88-111, 1960.

KELLER, Helen. *The story of my life*. Nova York: Doubleday, Page & Company, 1905.

KLIMA, Edward; BELLUGI, Ursula. *The signs of language*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979.

KÖVACECS, Zoltan; RADDEN, Gunther. Metonymy: developing a cognitive linguistic view. *Cognitive Linguistics*, Birmingham, v. 9, n. 1, p. 37-77, 1998.

LAKOFF, George. *Syntactic amalgams*. Papers from the 10th annual meeting of the Chicago Linguistics Society, p. 321-344, 1974.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. v. 1. Stanford, CA: Stanford University Press Mandel, 1987.

LANGACKER, Ronald W. A usage-based model. In: RUDZKA-OSTYN, B. (org.). *Topics in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

LANGACKER, Ronald. Cognitive Grammar. In: VERSCHUEREN, J. *et al.* (org.). *Handbook of pragmatics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin, 1995.

LANGACKER, Ronald W. *Estrutura, iconicidade e acesso*. No prelo.

LIDDELL, Scott. *Paths to Lexical Imagery*. Unpublished manuscript, Gallaudet University, Washington-DC, 1992.

MELLOR, David. J. Preparing for life after birth: introducing the concepts of intrauterine and extrauterine sensory entrainment in mammalian young. *Animals*, v. 9, n. 10, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ani9100826>. Acesso em: 20 jul. 2020.

MOREIRA, Falk Soares Ramos. O uso de sinais-termo como ferramenta conceitual na descrição das estruturas sintáticas para o ensino de bilinguismo para surdos. *The Specialist*, São Paulo, v. 41, n. 1, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/42512>. Acesso em: 11 dez. 2020.

NASCIMENTO, Cristiane Batista do. *Terminografia Língua de Sinais Brasileira: proposta de glossário ilustrado semibílingue do meio ambiente, em mídia digital*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática funcional: interação, discurso e texto*. São Paulo: Contexto, 2018.

NEWTON, Michael. *Savage girls and wild boys: a history of feral children*. London: Faber and Faber, 2002.

NÖTH, Winfried. *Panorama da semiótica: de Platão a Peirce*. 3. ed. São Paulo: Annablume, 2003.

OCCHINO, Corrine; ANIBLE, Benjamin; WILKINSON, Erin; MORFORD, Jill P. Iconicity is in the eye of the beholder: how language experience affects perceived iconicity. *Gesture*, v. 16, n. 1, p. 100-126, 2017. Disponível em: <https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/gest.16.1.04occ>. Acesso em: 5 nov. 2019.

OGDEN, Charles Kay; RICHARDS, Ivor Armstrong. *The meaning of meaning*. Nova Iorque: Hartcourt, Brace & Co., 1956.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. 2. reimp. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

PERNISS, Pamela. Why we should study multimodal language. *Frontiers in Psychology*, [S. l.], v. 9, jun. 2018.

PINHEIRO, Diogo; ALONSO, Karen. 30 anos (ou mais) de Gramática de Construções: primeiros apontamentos para uma história do movimento construcionista (ou: 1988: o ano que não terminou). *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 14, p. 6-29, 2018.

PINKER, Steven. *O instinto da Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PROMETI, Daniela. *Glossário bilíngue da Língua de Sinais Brasileira: criação de sinais dos termos da música*. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

PROMETI, Daniela; COSTA, Messias Ramos; TUXI, Patrícia. Sinal-termo, língua de sinais e glossário bilíngue: atuação da universidade de Brasília nas pesquisas terminológicas. In: *Anais do I Congresso Nacional de LIBRAS da Universidade Federal de Uberlândia- Uberlândia (2015)*.

SALLANDRE, Marie-Anne. *Les unités du discours en langue des signes française: tentative de catégorisation dans le cadre d'une grammaire de l'iconicité*. 2003. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Université Paris 8, Paris, França, 2003.

SANTAELLA, Lucia. *Percepção: fenomenologia, ecologia, semiótica*. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SARAIVA, Paulo Espírito Santo. *Cérebro, evolução e linguagem*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHAFF, Adam. *Langage et connaissance*. Paris: Anthropos, 1974.

SCHAAL, Benoist. From amnion to colostrum to milk: Odour bridging in early developmental transitions. In: HOPKINS, Brian; JOHNSON, Scott P. (org.). *Prenatal development of postnatal functions*. Oxford: Praeger, 2005. p. 52-102.

SCHAAL, Benoist. How amniotic fluid shapes early odor-guided responses to colostrum and milk (and more). In: ETIÉVANT, Patrick; GUICHARD, Elisabeth; SALLES, Christian; VOILLEY, Andrée (org.). *Flavor: from food to behaviors, wellbeing and health*. Cambridge: Elsevier, 2016. p. 23-53.

SERRA, Luís Henrique. Múltiplos olhares sobre a terminologia. *Ribanceira*, Belém. v. 1, n. 3, p. 81-85, jul.-dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/ribanceira/article/view/392>. Acesso em: 24 jun. 2017.

SILVA, Augusto Soares da. A Linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Braga, v. 1, n. 1-2, p. 59-101, 1997.

SILVA, Fábio; SCHMITT, Deonísio; BASSO, Idavania M. S. *Língua brasileira de sinais: pedagogia para surdos*. Florianópolis: UDESC/CEAD, 2002.

SILVA, Vinicius Macuch; HOLLER, Judith; OZYUREK, Asli; ROBERTS, Seán G. Multimodality and the origino of a novel communication system in face-to-face interaction. *Royal Society Open Science*, v. 7, n. 1, jan. 2020.

SILVA-JÚNIOR, Daltro Roque Carvalho; XAVIER, André Nogueira. A iconicidade como uma característica universal das línguas. *Revista da ABRALIN*, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 1-10, 2021. Disponível em:

<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1867>. Acesso em: 24 nov. 2021.

SOUZA, José Marcos Rosendo de; LIMA NETO, Izaías Serafim de; PONTES, Antônio Luciano. Aspectos icônicos em sinais-termo de plantas medicinais na Libras. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 37, n. 2, p. 252-270, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/56950>. Acesso em: 11 jan. 2022.

STOKOE, William C. Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf. *The Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, v. 10, n. 1, 1960.

TAUB, Sarah F. *Language in the Body: iconicity and metaphor in American Sign Language*. 1997. Tese (Doutorado em Linguística) – University of California, Berkeley, 1997.

TAUB, Sarah F. *Language from the body: iconicity and metaphor in American Sign Language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2001.

THOMPSON, Robin L.; VINSON, David P.; VIGLIOCCO, Gabriella. The link between form and meaning in American Sign Language: lexical processing effects. *Journal of Experimental Psychology: Language, Memory, and Cognition*, Champaign, IL, v. 35, n. 2, p. 550-557, mar. 2009. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3667647/>. Acesso em: 20 maio 2019.

TUXI, Patricia. Proposta de organização de verbete em glossários terminológicos bilíngues: língua brasileira de sinais e língua portuguesa. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 35, n. esp. 2, p. 557-588, jul.-dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p557>. Acesso em: 20 jun. 2017.

TUXI, Patricia. *A terminologia na língua de sinais brasileira: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue*. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

ULLMANN, Stephen. *Semântica*. Lisboa: Gulbenkian, 1967.

USTUN; Beyza; REISSLAND, Nadja; COVEY, Judith; SCHAAL, Benoist; BLISSETT, Jacqueline. Flavor Sensing in Utero and Emerging Discriminative Behaviors in the Human Fetus. *Psychological Science*, Nova Iorque, v. 33, n. 10, p. 1651-1663, out. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/09567976221105460>. Acesso em: 20 nov. 2022.

WILCOX, Phyllis Perrin. *Metaphor in American Sign Language*. Washington-DC: Gallaudet University Press, 2000.

WILCOX, Phyllis Perrin; WILCOX, Sherman. The gestural expression of modality in American Sign Language. In: BYBEE, Joan; FLEISCHMAN, Suzanne. *Modality in grammar and discourse*. Amsterdam; Philadelphia: Benjamins, 1995.

WILCOX, Sherman. *The Phonetics of Fingerspelling*. Amsterdam; Philadelphia: Benjamins, 1992.

WILCOX, Sherman. *A linguagem do corpo: iconicidade nas línguas de sinais*. Trabalho apresentado na Conferência da Associação Internacional de Linguística Cognitiva, Leuven, Bélgica, julho de 1993.

WILCOX, Sherman. Iconicidade cognitiva e universais da língua de sinais. Artigo apresentado no Cognitive Morphology Workshop, Ghent, Bélgica, 1–4 de julho. 1998a.

WILCOX, Sherman. Iconicidade cognitiva e universais da língua de sinais. Artigo apresentado na Quarta Conferência sobre Estrutura Conceitual, Discurso e Linguagem, 10–12 de outubro de 1998, Emory University, Atlanta, GA. 1998b.

WILCOX, Sherman. Espaços conceituais e ações corporais. Trabalho apresentado na Sétima Conferência Internacional da Associação Internacional de Linguística Cognitiva, 22–27 de julho, Santa Bárbara, CA. 2001.

WILCOX, Sherman. *O mapeamento icônico do espaço e do tempo nas línguas de sinais*. In: ALBERTAZZI, L. (org.). *Compreendendo Perceptual Continua*. Amsterdã: Benjamins, 2002a. p. 255-281.

WILCOX, Sherman. A interface gesto-linguagem: evidências das línguas de sinais. In: SCHULMEISTER, Rolf; REINITZER, Heimo (org.). *Progress in Sign Language Research: in honor of Siegmund Prillwitz*. Hamburgo: SIGNUM-Verlag, 2002b. p. 63-81.

WILCOX, Sherman. Cognitive iconicity: conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages. *Cognitive Linguistics*, v. 15, n. 2, p. 119-148, 2004a.

WILCOX, Sherman. Gesture and language: cross-linguistic and historical data from signed languages. *Gesture*, Washington-DC, v. 4, n. 1, p. 43-75, 2004b.

WILCOX, Sherman; WILCOX, Phyllis Perrin; JARQUE, Maria Josep. Mappings in conceptual space: metonymy, metaphor and iconicity in two signed languages. *Jezikoslovlje, Osijek (Croácia)*, v. 4, n. 1, p. 19-156, set. 2003. Disponível em: <https://hrcak.srce.hr/file/49683>. Acesso em: 20 nov. 2019.

WILCOX, Sherman; XAVIER, André Nogueira. A framework for unifying spoken language, signed language and gesture. *Todas as Letras - Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 88-110, 2013.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Philosophical investigations*. 4. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

WÜSTER, Eugen. *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica*. Barcelona: Institut de Lingüística Aplicada; Universitat Pompeu Fabra, 1998.

XAVIER, André Nogueira. *Uma ou duas? Eis a questão!:* um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da língua brasileira de sinais (Libras). 2014.

Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2014.


XAVIER, André Nogueira; SANTOS, Thyago. A iconicidade na criação de termos técnicos em Libras. *Leitura*, Maceió, v. 1, n. 57, p. 60-103, jan.-jun. 2016. DOI: 10.28998/2317-9945.2016v1n57p60-103. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/4069>. Acesso em: 11 jan. 2021.

XAVIER, André Nogueira; FERREIRA, Daiane. A iconicidade em processo de formação de sinais da Libras. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 349-382, jul.-dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/40803>. Acesso em: 11 jan. 2022.

XAVIER, André Nogueira; BARBOSA, Plínio Almeida. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da Libras. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 371-413, dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/delta/v30n2/0102-4450-delta-30-02-0371.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2021.

ANEXOS


ANEXO A – SINAL-TERMO *SUJEITO* DA TESE DE MOREIRA (2021)

DOMÍNIO FONTE		DOMÍNIO ALVO	
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processos cognitivos	Sinal-termo <i>Sujeito</i>
Termo usado na análise das funções gramaticais como referência a um importante constituinte da sentença ou oração , tradicionalmente associado com o agente do verbo, como em o gato mordeu o cão.	CM – 01 CM – 07 NM – 2 (CM 01 e 07)	Processo de iconicidade metafórica - quando a CM 07 representa o valor semântico de “primeiro” que indica posição na ordem do constituinte na sentença. Processo de iconicidade metonímica - quando a CM 01, o sinal de “s”, representa o todo “sujeito”. Processo de iconicidade metafórica - quando o NM representa a ordem do constituinte na sentença e as mãos transmitem a ideia de oração.	
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processos cognitivos	
FORMA DO <i>SUJEITO</i>	PA – No lado esquerdo da mão em configuração 01. NM – 2 (CM 01 e 07)	Processo de iconicidade metaftominia onde é marcado a localização do constituinte da oração em respeito a ordem. Processo de iconicidade metafórica - quando o NM representa a ordem do constituinte na sentença e as mãos transmitem a ideia de oração.	Mãos em CM 58, entrelaçadas, na altura do peito, do lado esquerdo, palmas votadas para o corpo, abrindo e fechando, com expressão facial inflando várias vezes as bochechas, no ritmo do abrir e fechar das mãos.
MOVIMENTO DO <i>SUJEITO</i>			
CHEIRO DO <i>SUJEITO</i>			
PARTES DO <i>SUJEITO</i>			
TEXTURA DO <i>SUJEITO</i>			
SOM DO <i>SUJEITO</i>			
LOCALIZAÇÃO DO <i>SUJEITO</i> ■ ■			
DIMENSÕES DO <i>SUJEITO</i>			

Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Conclusão da análise: Sinal-termo com tendência ou força ± Icônica / Campo conceptual: Sintaxe do português.


ANEXO B – SINAL-TERMO OBJETO DA TESE DE MOREIRA (2021)

DOMÍNIO FONTE			DOMÍNIO ALVO
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processos cognitivos	Sinal-termo <i>Objeto</i>
Objeto (objetivo) – termo usado na análise das funções gramaticais, como referência a um importante constituinte de estrutura de oração ou sentenças , tradicionalmente associado ao “paciente” ou “receptor” de uma ação , como em o gato mordeu o cão.	CM – CM 66 e CM 08 PA – No dedo mindinho da mão NM – 2 (CM 08 e CM 66)	Processo de iconicidade metonímica - quando a CM 08, o sinal de “o”, substitui o valor semântico do “objeto” na estrutura da oração. Processo de iconicidade metafórica que representa o lugar ocupado pelo receptor de uma ação. Processo de iconicidade metafórica - quando o NM representa a ordem do constituinte na sentença e as mãos transmitem a ideia de oração.	
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processos cognitivos	
FORMA DO <i>OBJETO</i>	PA – No dedo mindinho da mão NM – 2 (CM 08 e CM 66)	Processo de iconicidade metafórica que representa o lugar ocupado pelo receptor de uma ação. Processo de iconicidade metafórica - quando o NM representa a ordem do constituinte na sentença e as mãos transmitem a ideia de oração.	A CM 08 demonstra a letra alfabética “O”, que é a representação proposta para a base paramétrica de “Objeto” e sua estrutura complexa. A CM 66 representa o predicado.
MOVIMENTO DO OBJETO			
CHEIRO DO OBJETO			
PARTES DO OBJETO			
TEXTURA DO OBJETO			
SOM DO <i>OBJETO</i>			
LOCALIZAÇÃO DO <i>OBJETO</i> ■ ■			
<i>DIMENSÕES DO OBJETO</i>			

Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Conclusão da análise: Sinal-termo com tendência ou força ± Icônica / Campo conceptual: Sintaxe do português.


ANEXO C – SINAL-TERMO TARSO DA TESE DE GARCIA (2021)

DOMÍNIO FONTE		DOMÍNIO ALVO	
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processos cognitivos	Sinal-termo <i>Tarso</i>
Segmento que engloba os ossos posteriores do pé.	CM – CM 51 e CM 32 PA – Na lateral da mão.	Processo de iconicidade metafonêmica - quando a CM 51 substitui e representa o valor semântico de pé humano. Processo de iconicidade metafórica quando a CM 32 representa a localização do Tarso no pé humano. Processo de iconicidade metafórica que representa o lugar ocupado pelo Tarso no pé humano.	
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processos cognitivos	O NM utilizadas são 2. A ENM é neutra. A CM 51, com OR para baixo no PA neutro, representa o pé humano. A CM 32 com movimento retilíneo da direita para esquerda representa a localização do Tarso no pé humano.
FORMA DO TARSO	PA – Na lateral da mão.	Processo de iconicidade metafórica que representa o lugar ocupado pelo receptor de uma ação.	
MOVIMENTO DO TARSO	NM – 2 (CM 51 e CM 32)	Processo de iconicidade metafórica - quando o NM representa a ordem do constituinte na sentença e as mãos transmitem a ideia de oração.	
CHEIRO DO TARSO	CM 32	Processo de iconicidade metafórica quando a CM 32 representa a dimensão do Tarso no pé humano.	
PARTES DO TARSO			
TEXTURA DO TARSO			
SOM DO TARSO			
LOCALIZAÇÃO DO TARSO ■■			
DIMENSÕES DO TARSO ■			

Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Conclusão da análise: Sinal-termo com tendência ou força ± Icônica / Campo conceptual: Traumatologia e Ortopedia.


ANEXO D – SINAL-TERMO *QUADRIL* DA TESE DE GARCIA (2021)

DOMÍNIO FONTE		DOMÍNIO ALVO	
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processo cognitivo	Sinal-termo <i>Quadril</i>
Junção entre o ilíaco e a cabeça femoral.	NM – 2 (CM 13)	Processo de iconicidade metafórica quando o NM representa a junção de partes do quadril.	 <p>O NM utilizadas são 2 que representa a junção. A ENM é neutra. A CM 13, com OR para frente no PA espaço neutro, representa partes do quadril.</p>
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processos cognitivos	
FORMA DO <i>QUADRIL</i> ■	NM – 2 (CM 51 e CM 32) CM 32	Processo de iconicidade metafórica - quando o NM representa a dimensão do quadril. Processo de iconicidade metafórica quando a CM 13 representa a dimensão, forma e partes do quadril humano.	
MOVIMENTO DO <i>QUADRIL</i>			
CHEIRO DO <i>QUADRIL</i>			
PARTES DO <i>QUADRIL</i> ■			
TEXTURA DO <i>QUADRIL</i>			
SOM DO <i>QUADRIL</i>			
LOCALIZAÇÃO DO <i>QUADRIL</i>			
DIMENSÕES DO <i>QUADRIL</i> ■ ■			

Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Conclusão da análise: Sinal-termo com tendência ou força - Icônica / Campo conceptual: Traumatologia e Ortopedia.


ANEXO E – SINAL-TERMO *ESPERMATOZOIDE* DA TESE DE COSTA (2021)

DOMÍNIO FONTE			DOMÍNIO ALVO
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processo	Sinal-termo <i>Espermatozoide</i>
Das trompas da mãe sai o óvulo. Os espermatozoides vão ao encontro dele. Quando eles se encontram, o espermatozoide que penetra no óvulo o fecunda e forma-se um pequeno ovo que vai fixar-se na barriga da mamãe – e ali vai crescer e se desenvolver.			
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processo	
FORMA DO <i>ESPERMATOZOIDE</i> ■ ■ ■ ■	NM – 2 CM 08 e 26	Processo de iconicidade metonímia onde o PA marca uma parte da forma do espermatozoide.	Mão passiva (E) em CM 08, representando a cabeça do espermatozoide (acrossomo) e sua cauda representada pelo indicador da mão ativa (D) (em CM 26), movimentando – se.
MOVIMENTO DO <i>ESPERMATOZOIDE</i> ■	M – Movimento	Processo de iconicidade metafórica quando a CM 08 representa a cabeça do espermatozoide e a CM 26 representa a calda, partes e forma do espermatozoide.	
CHEIRO DO <i>ESPERMATOZOIDE</i>	retilíneo do dedo	Processo de iconicidade metaftonímia quando o movimento representa a forma e o movimento da calda.	
PARTES DO <i>ESPERMATOZOIDE</i> ■ ■	indicador da CM	Processo de iconicidade metonímia quando o NM representa a forma e partes do espermatozoide.	
TEXTURA DO <i>ESPERMATOZOIDE</i>	26.		
SOM DO <i>ESPERMATOZOIDE</i>	CM – 08 e 26		
LOCALIZAÇÃO DO <i>ESPERMATOZOIDE</i>	PA – Na mão		
DIMENSÕES DO <i>ESPERMATOZOIDE</i>			

Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Conclusão da análise: Sinal-termo com tendência ou força + Icônica / Campo conceptual: Corpo Humano


ANEXO F – SINAL-TERMO CORAÇÃO DA TESE DE COSTA (2021)

DOMÍNIO FONTE			DOMÍNIO ALVO
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processos cognitivos	Sinal-termo <i>Coração</i>
Órgão presente nos seres humanos e em outros animais, que tem a função de bombear o sangue, por meio dos vasos sanguíneos, para todo o sistema circulatório.	PA – No lado esquerdo do peito CM – 58 M – Abrir e fechar	Processo de iconicidade metafórica que representa a presença do órgão no corpo humano. Processo de iconicidade metonímica em que os dedos carregam o valor semântico dos vasos do coração Processo de iconicidade metafórica que representa a intensidade do movimento do coração humano.	
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processos cognitivos	
FORMA DO CORAÇÃO ■■	OR – Palma da mão para trás	Processo de iconicidade metonímica da palma da mão com a parte interna do coração e o dorso da mão com a parte externa do coração humano.	Mãos em CM 58, entrelaçadas, na altura do peito, do lado esquerdo, palmas voltadas para o corpo, abrindo e fechando, com expressão facial inflando várias vezes as bochechas, no ritmo do abrir e fechar das mãos.
MOVIMENTO DO CORAÇÃO ■	ENM – De acordo com o tamanho e ritmo do movimento	Processo de iconicidade metafórica que representa a ideia semântica de dimensão pequena ou grande do coração.	
CHEIRO DO CORAÇÃO	NM – 2 CM 58	Processo de iconicidade metafórica que representam as partes do coração.	
PARTES DO CORAÇÃO ■	M – Abrir e fechar CM – 58	Processo de iconicidade metafórica do tipo e intensidade do movimento do coração humano.	
TEXTURA DO CORAÇÃO	PA – No lado esquerdo do peito	Processo de iconicidade metonímica que substitui a forma do coração humano.	
SOM DO CORAÇÃO		Processo de iconicidade metonímico do espaço onde o órgão está presente no corpo humano.	
LOCALIZAÇÃO DO CORAÇÃO ■			
DIMENSÕES DO CORAÇÃO ■			

Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Conclusão da análise: Sinal-termo com tendência ou força + Icônica / Campo conceptual: Corpo Humano


ANEXO G – SINAL-TERMO *SEMEADEIRA* DA DISSERTAÇÃO DE ALMEIDA (2020)

DOMÍNIO FONTE		DOMÍNIO ALVO	
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processos cognitivos	Sinal-termo <i>Semeadeira</i>
Diz-se de máquina que faz a semeadura .	NM – 2 (CM 12 e CM 13) CM 12 e CM 13 M - semicircular	Processo de iconicidade metafórica quando o NM representa partes do processo da ação da semeadura Processo de iconicidade metafórica quando a CM 12 e CM 13 representa a máquina em funcionamento. Processo de iconicidade metafórica quando o movimento representa a ação da máquina ao fazer semeadura.	
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processos cognitivos	O NM utilizadas são 2. A ENM em sopro que vibra os lábios da boca. A CM 12 e 13, com OR para baixo no PA espaço neutro. Movimento semicircular.
FORMA DA <i>SEMEADEIRA</i> ■ ■	NM – 2 (CM 12 e CM 13) CM 12 e CM 13 M – semicircular ENM – sopro que vibra os lábios.	Processo de iconicidade metafórica quando o NM representa partes e a forma do processo da ação da semeadura	
MOVIMENTO DA <i>SEMEADEIRA</i> ■		Processo de iconicidade metafórica quando a CM 12 e CM 13 representa partes da máquina e a forma do processo da ação da semeadura.	
CHEIRO DA <i>SEMEADEIRA</i>		Processo de iconicidade metafórica quando o movimento representa a ação da semeadura.	
PARTES DA <i>SEMEADEIRA</i> ■ ■		Processo de iconicidade metafórica quando o a expressão representa a emissão do som da máquina de semeadura.	
TEXTURA DA <i>SEMEADEIRA</i>			
SOM DA <i>SEMEADEIRA</i> ■			
LOCALIZAÇÃO DA <i>SEMEADEIRA</i>			
DIMENSÕES DA <i>SEMEADEIRA</i>			

Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Conclusão da análise: Sinal-termo com tendência ou força + Icônica / Campo conceptual: Equipamentos Agrícolas.


ANEXO H – SINAL-TERMO *RETROESCAVADEIRA* DA DISSERTAÇÃO DE ALMEIDA (2020)

DOMÍNIO FONTE		DOMÍNIO ALVO	
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processos cognitivos	Sinal-termo <i>Retroescavadeira</i>
É um trator ou máquina de terraplenagem equipada com uma pá carregadeira (caçamba) montada na frente e uma pequena concha (caçamba) na traseira do veículo.	CM 58, CM 57 e 68 M - semicircular	Processo de iconicidade metafórica quando a CM 68 representa a parte central da máquina. a CM 57 representa uma pá carregadeira (caçamba) montada na frente. E a CM 58 representa uma pequena concha (caçamba) na traseira do veículo. Processo de iconicidade metafórica quando o movimento representa a ação da terraplanagem feita pelo veículo.	
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processos cognitivos	O NM utilizadas são 2. A ENM em sopro que vibra os lábios da boca. A CM 58, CM 57 e CM 68, com OR para baixo no PA espaço neutro. Movimento semicircular.
FORMA DA <i>RETROESCAVADEIRA</i> ■ ■	NM – 2 CM 12 e CM 13 M – semicircular	Processo de iconicidade metafórica quando o NM representa partes e forma do equipamento.	
MOVIMENTO DA <i>RETROESCAVADEIRA</i> ■	ENM – sopro que vibra os lábios.	Processo de iconicidade metafórica quando a CM 58, CM 57 e CM 68 representa partes e forma da máquina.	
CHEIRO DA <i>RETROESCAVADEIRA</i>	CM 58, CM 57 e 68 M - semicircular	Processo de iconicidade metafórica quando o movimento representa a ação de terraplanagem.	
PARTES DA <i>RETROESCAVADEIRA</i> ■ ■		Processo de iconicidade metafórica quando o a expressão representa a emissão do som da máquina de sementeira.	
TEXTURA DA <i>RETROESCAVADEIRA</i>			
SOM DA <i>RETROESCAVADEIRA</i> ■			
LOCALIZAÇÃO DA <i>RETROESCAVADEIRA</i>			
DIMENSÕES DA <i>RETROESCAVADEIRA</i>			

Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Conclusão da análise: Sinal-termo com tendência ou força + Icônica / Campo conceptual: Equipamentos Agrícolas


ANEXO I – SINAL-TERMO *TECLADO* DA DISSERTAÇÃO DE ALVES (2020)

DOMÍNIO FONTE		DOMÍNIO ALVO	
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processos cognitivos	Sinal-termo <i>Teclado</i>
Conjunto de teclas através das quais se opera uma máquina.	CM 15 M – Ondular com os dedos	Processo de iconicidade metafonêmica - quando a CM 15 substitui e representa o valor semântico das mãos do usuário que opera a máquina por meio dos teclados. Processo de iconicidade metafórica quando o movimento simula o teclado está em uso pelo usuário.	
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processos cognitivos	No sinal-termo <i>TECLADO</i> a mão simula o movimento de digitação com os dedos e é um sinal-termo altamente icônico.
FORMA DO <i>TECLADO</i>	NM – 2	Processo de iconicidade metafórica quando o NM representa as dimensões do teclado.	
MOVIMENTO DO <i>TECLADO</i>			
CHEIRO DO <i>TECLADO</i>			
PARTES DO <i>TECLADO</i>			
TEXTURA DO <i>TECLADO</i>			
SOM DO <i>TECLADO</i>			
LOCALIZAÇÃO DO <i>TECLADO</i>			
DIMENSÕES DO <i>TECLADO</i> ■			

Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Conclusão da análise: Sinal-termo com tendência ou força ± Icônica / Campo conceptual: informática.

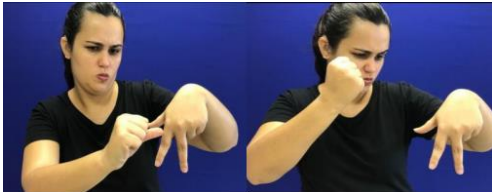

ANEXO J – SINAL-TERMO *MONITOR* DA DISSERTAÇÃO DE ALVES (2020)

DOMÍNIO FONTE		DOMÍNIO ALVO	
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processo cognitivo	Sinal-termo <i>Monitor</i>
Unidade utilizada para exibir visualmente texto ou gráficos gerados por computador.	CM 31 e 52	Processo de iconicidade metafonímica - quando a CM 31 e CM 52 substitui e representa o valor semântico da tela do monitor.	 <p>O sinal-termo monitor tem a configuração de mão “L” feito pela mão ativa e a base-paramétrica criado de acordo com a forma geométrica do monitor.</p>
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processos cognitivos	
FORMA DO <i>MONITOR</i> ■ ■	NM – 2	Processo de iconicidade metafórica quando o NM representa as dimensões, partes e forma do monitor.	
MOVIMENTO DO <i>MONITOR</i>	CM 31 e CM 52	Processo de iconicidade metafórica quando a CM 31 e CM 52 representa as dimensões, partes e forma do monitor.	
CHEIRO DO <i>MONITOR</i>			
PARTES DO <i>MONITOR</i> ■ ■			
TEXTURA DO <i>MONITOR</i>			
SOM DO <i>MONITOR</i>			
LOCALIZAÇÃO DO <i>MONITOR</i>			
DIMENSÕES DO <i>MONITOR</i> ■ ■			

Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Conclusão da análise: Sinal-termo com tendência ou força - Icônica / Campo conceptual: informática


ANEXO K – SINAL-TERMO *FEMINICÍDIO* DA DISSERTAÇÃO DE SANTOS (2019)

DOMÍNIO FONTE		DOMÍNIO ALVO	
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processos cognitivos	Sinal-termo <i>Feminicídio</i>
Que qualifica o crime de homicídio contra a mulher, por razões da condição de sexo ou gênero feminino.	CM 39, CM 03 e CM 05.	Processo de iconicidade metafórica quando as CM 39, CM 03 e CM 05 representam a ação do crime de homicídio. Processo de iconicidade metafórica quando a CM 05 representam o gênero feminino da pessoa que sofreu o homicídio.	 
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processos cognitivos	O NM utilizadas são 2. A ENM em expressão rígida e lábios comprimidos. CM 39, CM 03 e CM 05. , com OR para trás no PA na mão em suspensão no espaço neutro. Movimento retilíneo.
FORMA DO <i>FEMINICÍDIO</i> ■ ■ ■	NM – 2	Processo de iconicidade metafórica quando o NM representa a forma de ação do feminicídio.	
MOVIMENTO DO <i>FEMINICÍDIO</i>	CM 39, CM 03 e CM 05.	Processo de iconicidade metafórica quando as CM 39, CM 03 e CM 05 representam a forma de ação do feminicídio.	
CHEIRO DO <i>FEMINICÍDIO</i>	ENM -	Processo de iconicidade metafórica quando o NM representa a intensidade da forma de ação do feminicídio.	
PARTES DO <i>FEMINICÍDIO</i>	expressão rígida		
TEXTURA DO <i>FEMINICÍDIO</i>	e lábios		
SOM DO <i>FEMINICÍDIO</i>	comprimidos.		
LOCALIZAÇÃO DO <i>FEMINICÍDIO</i>			
DIMENSÕES DO <i>FEMINICÍDIO</i>			

Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Conclusão da análise: Sinal-termo com tendência ou força ± Icônica / Campo conceptual: Violência contra mulher.


ANEXO L – SINAL-TERMO *EPISIOTOMIA* DA DISSERTAÇÃO DE SANTOS (2019)

DOMÍNIO FONTE		DOMÍNIO ALVO	
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processos cognitivos	Sinal-termo <i>Episiotomia</i>
Incisão efetuada na região do períneo (área muscular entre a vagina e o ânus) da mulher gestante para ampliar o canal de parto	CM 36, CM 35 e CM 12. PA - Na mão em suspensão no espaço neutro	Processo de iconicidade metafórica quando as CM 36, CM 35 e CM 12 representam a ação da incisão da <i>Episiotomia</i> no corpo feminino. Processo de iconicidade metafórica que representa o lugar (vagina e ânus) atingidos pela incisão no corpo feminino.	
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processos cognitivos	
FORMA DA <i>EPISIOTOMIA</i> ■ ■ ■ ■ ■	NM – 2 CM 39, CM 03 e CM 05.	Processo de iconicidade metafórica quando o NM representa a forma de ação da <i>Episiotomia</i> .	O NM utilizadas são 2. A ENM em expressão rígida e lábios comprimidos. CM 36, CM 35 e CM 12 com OR para trás no PA na mão em suspensão no espaço neutro. Movimento semicircular e retilíneo.
MOVIMENTO DA <i>EPISIOTOMIA</i>	ENM -	Processo de iconicidade metafórica quando as CM 39, CM 03 e CM 05 representam a forma de ação da <i>Episiotomia</i> .	
CHEIRO DA <i>EPISIOTOMIA</i>	expressão rígida e lábios comprimidos.	Processo de iconicidade metafórica quando o NM representa a intensidade da forma de ação da incisão.	
PARTES DA <i>EPISIOTOMIA</i>	M- Semicircular e retilíneo.	Processo de iconicidade metafórica quando o movimento representa a intensidade da forma de ação da incisão.	
TEXTURA DA <i>EPISIOTOMIA</i>	PA - Na mão em suspensão no espaço neutro	Processo de iconicidade metafórica que representa o lugar (vagina e ânus) atingidos pela incisão no corpo feminino.	
SOM DA <i>EPISIOTOMIA</i>			
LOCALIZAÇÃO DA <i>EPISIOTOMIA</i> ■			
DIMENSÕES DA <i>EPISIOTOMIA</i>			

Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Conclusão da análise: Sinal-termo com tendência ou força + Icônica / Campo conceptual: Violência contra mulher.

ANEXO M – SINAL-TERMO AMORDAÇAR DA DISSERTAÇÃO DE NASCIMENTO (2019)

DOMÍNIO FONTE		DOMÍNIO ALVO	
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processos cognitivos	Sinal-termo <i>Amordaçar</i>
Ação-processo de utilizar de algum objeto (em geral pedaço de pano ou fita adesiva) com o objetivo de silenciar alguém, neste contexto, uma vítima.	CM 15 e CM 03 PA - Na boca e atrás da cabeça.	Processo de iconicidade metafórica quando as CM 15 e CM 03 representam ação-processo de utilizar de algum objeto. Processo de iconicidade metafórica que representa a ação de silenciar alguém.	
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processos cognitivos	
FORMA DE AMORDAÇAR ■■■	NM – 2	Processo de iconicidade metafórica quando o NM representa a forma da ação de amordaçar.	Mãos em CM 15, braços flexionados encostando o dedo indicador no canto da boca, arrastando as pontas dos dedos no rosto até ir para trás da cabeça, fechando-as na CM 3, seguido do movimento de dar um nó.
MOVIMENTO DE AMORDAÇAR ■	CM 15 e CM 03	Processo de iconicidade metafórica quando as CM 15 e CM 03 representam a forma da ação de amordaçar.	
CHEIRO DE AMORDAÇAR	M-	Processo de iconicidade metafórica quando o movimento representa o nó dado no processo de amordaçar.	
PARTES DE AMORDAÇAR ■	Semicircular.	Processo de iconicidade metafórica que representa as partes amordaçadas e a localização.	
TEXTURA DE AMORDAÇAR	PA - Na boca e atrás da cabeça.		
SOM DE AMORDAÇAR			
LOCALIZAÇÃO DE AMORDAÇAR ■			
DIMENSÕES DE AMORDAÇAR			

Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Conclusão da análise: Sinal-termo com tendência ou força + Icônica / Campo conceptual: Verbos Forenses.

ANEXO N – SINAL-TERMO ARROLAR DA DISSERTAÇÃO DE NASCIMENTO (2019)


DOMÍNIO FONTE		DOMÍNIO ALVO	
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processo cognitivo	Sinal-termo <i>Arrolar</i>
Colocar em lista ou rol; inventariar.	CM 09 e CM 54	Processo de iconicidade metafórica quando as CM 09 e CM 54 representam ação-processo de listar.	
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processos cognitivos	Braço flexionado encostando o cotovelo no corpo com a mão ativa em CM 09 tocando no polegar da mão passiva movimentando até encostar no dedo mínimo. Mão passiva aberta em CM 54 servindo de apoio.
FORMA DE ARROLAR ■ ■ ■	NM – 2	Processo de iconicidade metonímico quando o NM substitui o valor semântico de parte e forma de listagem.	
MOVIMENTO DE ARROLAR ■	CM 15 e CM 03	Processo de iconicidade metafórica quando as CM 09 e CM 54 representam a forma da ação-processo de listar.	
CHEIRO DE ARROLAR	M- Semicircular.		
PARTES DE ARROLAR ■		Processo de iconicidade metafórica quando o movimento representa ordem da listagem.	
TEXTURA DE ARROLAR			
SOM DE ARROLAR			
LOCALIZAÇÃO DE ARROLAR			
DIMENSÕES DE ARROLAR			



Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Conclusão da análise: Sinal-termo com tendência ou força + Icônica / Campo conceptual: Verbos Forenses.


ANEXO O – SINAL-TERMO *CRÉDITO* DA TESE DE TUXI (2017)

DOMÍNIO FONTE		DOMÍNIO ALVO	
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processo cognitivo	Sinal-termo <i>Crédito</i>
Crédito corresponde a 15 (quinze) horas-aula, em trabalho efetivo sob coordenação docente, que podem ser com aulas teóricas ou práticas.	M - Retilíneo	Processo de iconicidade metafórica quando o movimento representa a contabilização de horas-aulas do crédito.	
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processo cognitivo	
FORMA DO <i>CRÉDITO</i>			
MOVIMENTO DO <i>CRÉDITO</i>			
CHEIRO DO <i>CRÉDITO</i>			
PARTES DO <i>CRÉDITO</i>			
TEXTURA DO <i>CRÉDITO</i>			
SOM DO <i>CRÉDITO</i>			
LOCALIZAÇÃO DO <i>CRÉDITO</i>			
DIMENSÕES DO <i>CRÉDITO</i>			

Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Conclusão da análise: Sinal-termo com tendência ou força - Icônica / Campo conceptual: Administrativo acadêmico.

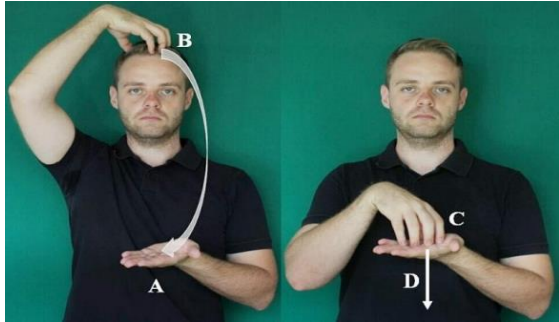
ANEXO P – SINAL-TERMO ALUNO DA TESE DE TUXI (2017)

DOMÍNIO FONTE		DOMÍNIO ALVO	
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processo cognitivo	Sinal-termo <i>Aluno</i>
Aluno. Discente. Indivíduo que recebe instrução ou educação em estabelecimento de ensino ou não.	NM – 1 CM 04 PA – Na lateral do braço.	<p>Processo de iconicidade metonímico - quando as CM – 04 substitui e representa o valor semântico do sujeito aluno.</p> <p>Processo de iconicidade metafórico quando o NM representa o valor semântico de unidade, ou seja, representa um indivíduo.</p> <p>Processo de iconicidade metafórico quando o PA faz referência a região que comumente os sinais de séries de ensino são executados na cultura surda.</p>	
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processo cognitivo	
FORMA DO ALUNO			
MOVIMENTO DO ALUNO			
CHEIRO DO ALUNO			
PARTES DO ALUNO			
TEXTURA DO ALUNO			
SOM DO ALUNO			
LOCALIZAÇÃO DO ALUNO			
DIMENSÕES DO ALUNO			

Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Conclusão da análise: Sinal-termo com tendência ou força \pm Icônica / Campo conceptual: Administrativo acadêmico.

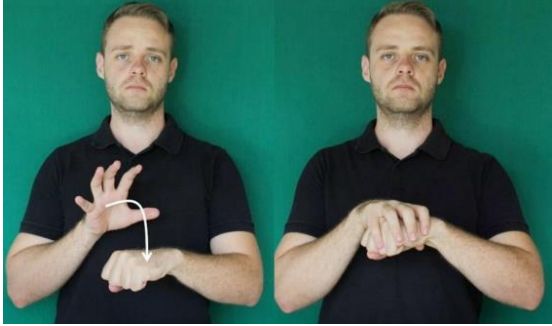
ANEXO Q – SINAL-TERMO ABDICAÇÃO DA DISSERTAÇÃO DE FELTEN (2016)

DOMÍNIO FONTE		DOMÍNIO ALVO	
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processos cognitivos	Sinal-termo <i>Abdicação</i>
Renúncia de D. Pedro I ao governo Imperial do Brasil. MELHORAMENTOS, 1971.	M – semicircular CM 51 e CM 13 PA – Cabeça e na mão suspensa no espaço neutro	Processo de iconicidade metafórica quando o movimento a retirada da coroa, processo de renúncia do imperador. Processo de iconicidade metafórica - quando as CM – 13 representa o governo Imperial . Processo de iconicidade metafórica - quando o PA representa a posição ocupada pelo governo Imperial no processo de abdicação.	
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processos cognitivos	
FORMA DA ABDICAÇÃO ■	PA – Cabeça e na mão suspensa no espaço neutro M – semicircular	Processo de iconicidade metafórica - quando o PA representa partes e forma da abdicação. Processo de iconicidade metafórica quando o movimento representa mudança de posição ocupada pelo governo Imperial no processo de abdicação.	
MOVIMENTO DA ABDICAÇÃO ■			
CHEIRO DA ABDICAÇÃO			
PARTES DA ABDICAÇÃO ■			
TEXTURA DA ABDICAÇÃO			
SOM DA ABDICAÇÃO			
LOCALIZAÇÃO DA ABDICAÇÃO			
DIMENSÕES DA ABDICAÇÃO			

Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Conclusão da análise: Sinal-termo com tendência ou força ± Icônica / Campo conceptual: História do Brasil


ANEXO R – SINAL-TERMO OCUPAÇÃO DA DISSERTAÇÃO DE FELTEN (2016)

DOMÍNIO FONTE		DOMÍNIO ALVO	
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processos cognitivos	Sinal-termo <i>Ocupação</i> 
Apropriação das terras encontradas durante a expansão marítima portuguesa. 2. Ato de invadir uma propriedade.	M – semicircular CM 03 e CM 13 PA – Cabeça e na mão suspensa no espaço neutro	Processo de iconicidade metafórica quando o movimento representa o processo de ocupação. Processo de iconicidade metafórica - quando as CM – 13 representa as pessoas que invadem e a CM 03 representa as terras invadidas. Processo de iconicidade metafórica - quando o PA representa o lugar da propriedade invadida.	
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processos cognitivos	
FORMA DA OCUPAÇÃO ■ ■	M – semicircular CM 03 e CM 13 PA – Cabeça e na mão suspensa no espaço neutro	Processo de iconicidade metafórica - quando o PA representa o lugar da propriedade invadida. Processo de iconicidade metafórica quando o movimento representa a forma e movimento do processo de ocupação. Processo de iconicidade metafórica - quando as CM – 13 e CM 03 representam a forma e as partes do processo de ocupação.	
MOVIMENTO DA OCUPAÇÃO ■			
CHEIRO DA OCUPAÇÃO			
PARTES DA OCUPAÇÃO ■			
TEXTURA DA OCUPAÇÃO			
SOM DA OCUPAÇÃO			
LOCALIZAÇÃO DA OCUPAÇÃO ■			
DIMENSÕES DA OCUPAÇÃO			

Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Conclusão da análise: Sinal-termo com tendência ou força ± Icônica / Campo conceptual: História do Brasil.


ANEXO S – SINAL-TERMO COMÉDIA DA DISSERTAÇÃO DE SOUSA (2015)

DOMÍNIO FONTE			DOMÍNIO ALVO
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processo cognitivo	Sinal-termo <i>Comédia</i>
Peça teatral de qualquer gênero, esp. aquela cujo propósito é divertir pelo tratamento cômico das situações, dos costumes e dos personagens.	CM 54 e CM 31	Processo de iconicidade metafórica em que a CM 31 faz referência a forma de um tratar engraçado.	
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processo cognitivo	
FORMA DA COMÉDIA ■	CM 54 e CM 31	Processo de iconicidade metafórica em que a CM 31 faz referência a forma de um sorriso.	
MOVIMENTO DA COMÉDIA			
CHEIRO DA COMÉDIA			
PARTES DA COMÉDIA			
TEXTURA DA COMÉDIA			
SOM DA COMÉDIA			
LOCALIZAÇÃO DA COMÉDIA			
DIMENSÕES DA COMÉDIA			

Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Conclusão da análise: Sinal-termo com tendência ou força - Icônica / Campo conceptual: Cinema.


ANEXO T – SINAL-TERMO CLAQUETE DA DISSERTAÇÃO DE SOUSA (2015)

DOMÍNIO FONTE		DOMÍNIO ALVO	
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processo cognitivo	Sinal-termo <i>Claquete</i> 
Pequeno quadro-negro em que se registra o título do filme, da novela, do programa etc., além dos números correspondentes a cada sequência, tomada e cena.		Processo de iconicidade metafórica em que a CM 50 e CM 26 representa um pequeno quadro-negro.	
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processo cognitivo	Mão passiva (E) em CM 50 voltada para baixo e mão ativa (D) em CM 26 com dedo indicador estendido em horizontal e movimento para baixo.
FORMA DA CLAQUETE ■ ■ ■	CM 50 e CM 26	Processo de iconicidade metafórica em que a CM 50 e CM 26 faz referência a forma da claquete.	
MOVIMENTO DA CLAQUETE ■	M – Retilíneo	Processo de iconicidade metonímico em que a CM 50 e CM 26 substitui o valor semântico de parte da claquete.	
CHEIRO DA CLAQUETE	PA – Nos dedos da mão	Processo de iconicidade metaftonímica - quando o M retilíneo substitui e representa o movimento do referente claquete.	
PARTES DA CLAQUETE ■ ■	suspensão no espaço neutro.	Processo de iconicidade metafórica em que o PA faz referência a conexão entre as partes da claquete.	
TEXTURA DA CLAQUETE	NM - 2	Processo de iconicidade metafórica em que o NM faz referência a forma e partes da claquete.	
SOM DA CLAQUETE			
LOCALIZAÇÃO DA CLAQUETE			
DIMENSÕES DA CLAQUETE			

Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Conclusão da análise: Sinal-termo com tendência ou força + Icônica / Campo conceptual: Cinema.

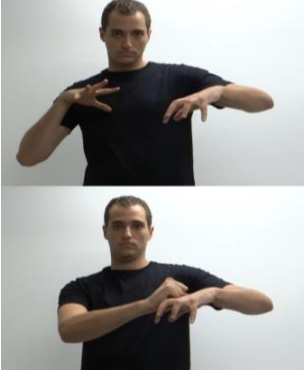
ANEXO U – SINAL-TERMO *BRIÓFITAS* DA TESE DE CASTRO JÚNIOR (2014)

DOMÍNIO FONTE			DOMÍNIO ALVO
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processo cognitivo	Sinal-termo <i>Briófitas</i>
Briófitas (do grego <i>bryon</i> : 'musgo'; e <i>phyton</i> : 'planta') são plantas pequenas, geralmente com alguns poucos centímetros de altura, que vivem preferencialmente em locais úmidos e sombreados.			
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processo cognitivo	
FORMA DAS <i>BRIÓFITAS</i> ■	CM 13	Processo de iconicidade metafórica em que a CM 13 faz referência a forma e partes de uma briófitas.	
MOVIMENTO DAS <i>BRIÓFITAS</i>	NM 2	Processo de iconicidade metafórica em que o NM representa as partes de uma briófitas.	
CHEIRO DAS <i>BRIÓFITAS</i>	PA – No	Processo de iconicidade metafórica em que o PA faz referência a conexão entre as partes da briófitas.	
PARTES DAS <i>BRIÓFITAS</i> ■ ■ ■	antebraço		
TEXTURA DAS <i>BRIÓFITAS</i>	suspenso no		
SOM DAS <i>BRIÓFITAS</i>	espaço neutro.		
LOCALIZAÇÃO DAS <i>BRIÓFITAS</i>			
DIMENSÕES DAS <i>BRIÓFITAS</i>			

Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Conclusão da análise: Sinal-termo com tendência ou força ± Icônica / Campo conceptual: Biologia.


ANEXO V – SINAL-TERMO *PREDADOR* DA TESE DE CASTRO JÚNIOR (2014)

DOMÍNIO FONTE		DOMÍNIO ALVO	
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processo cognitivo	Sinal-termo <i>Predador</i>
Aquele que vive de presas; que ou animal que persegue e mata indivíduos de outras espécies para se alimentar.	M – Retilíneo CM – 04 e CM 13 PA – Na mão suspensa no espaço neutro	Processo de iconicidade metafórica em que a CM 04 e CM 13 representa o animal que caça e o indivíduo que é caçado. Processo de iconicidade metafórica em que o Movimento retilíneo abrupto a ação de perseguição e ataque do predador. Processo de iconicidade metafórica em que o PA faz referência a posição da presa.	
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processo cognitivo	
FORMA DO <i>PREDADOR</i>	PA – Na mão suspensa no espaço neutro M – Retilíneo	Processo de iconicidade metafórica em que o PA representa a localização do predador. Processo de iconicidade metafórica em que o Movimento retilíneo abrupto representa o movimento do predador.	
MOVIMENTO DO <i>PREDADOR</i> ■			
CHEIRO DO <i>PREDADOR</i>			
PARTES DO <i>PREDADOR</i> ■			
TEXTURA DO <i>PREDADOR</i>			
SOM DO <i>PREDADOR</i>			
LOCALIZAÇÃO DO <i>PREDADOR</i>			
DIMENSÕES DO <i>PREDADOR</i>			

Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Conclusão da análise: Sinal-termo com tendência ou força ± Icônica / Campo conceptual: Biologia.


ANEXO W – SINAL-TERMO *MÍNIMA* DA DISSERTAÇÃO DE PROMETI (2013)

DOMÍNIO FONTE		DOMÍNIO ALVO	
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processo cognitivo	Sinal-termo <i>Mínima</i>
Figura musical que tem metade do valor de uma semibreve e o dobro do valor de uma semínima	CM – 28	Processo de iconicidade metonímica em que a configuração de mão 28 representa a figura musical da nota mínima.	 <p>Mão ativa (D) em CM 28, em frente ao corpo e com o dedo do indicador para cima, não há movimento, representando a figura musical da nota mínima.</p>
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processo cognitivo	
FORMA DA <i>MÍNIMA</i> ■	CM – 28	Processo de iconicidade metafórica em que a configuração de mão 28 faz referência a forma da figura musical da nota mínima.	
MOVIMENTO DA <i>MÍNIMA</i>			
CHEIRO DA <i>MÍNIMA</i>			
PARTES DA <i>MÍNIMA</i>			
TEXTURA DA <i>MÍNIMA</i>			
SOM DA <i>MÍNIMA</i>			
LOCALIZAÇÃO DA <i>MÍNIMA</i>			
DIMENSÕES DA <i>MÍNIMA</i>			

Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Conclusão da análise: Sinal-termo com tendência ou força - Icônica / Campo conceptual: Música.


ANEXO X– SINAL-TERMO *PENTAGRAMA* DA DISSERTAÇÃO DE PROMETI (2013)

DOMÍNIO FONTE		DOMÍNIO ALVO	
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processo cognitivo	Sinal-termo <i>Pentagrama</i>
Conjunto de 5 linhas e 4 espaços onde são escritas as notas musicais.	CM – 54 e CM 26	Processo de iconicidade metafonêmica - quando as CM – 54 e CM 26 substituem e representam o valor semântico do conjunto de linhas e espaços do pentagrama.	 <p>Mão passiva (E) em CM 54, na posição lateral com os dedos para frente e mão ativa (D) em CM 26 apontando para o dedo polegar da mão passiva (E) e fazendo o movimento semicircular, descendo para baixo para o dedo mínimo da mão passiva (E), representando o conjunto de linhas e espaços do pentagrama.</p>
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processos cognitivos	
FORMA DO <i>PENTAGRAMA</i> ■	CM – 54	Processo de iconicidade metafórica em	
MOVIMENTO DO <i>PENTAGRAMA</i>	PA – Nos dedos da mão em suspensão no espaço neutro.	que a configuração de mão 54 faz referência a forma e espaçamento das linhas do pentagrama.	
CHEIRO DO <i>PENTAGRAMA</i>		Processo de iconicidade metafórica que	
PARTES DO <i>PENTAGRAMA</i> ■		representa as partes e dimensão do pentagrama.	
TEXTURA DO <i>PENTAGRAMA</i>			
SOM DO <i>PENTAGRAMA</i>			
LOCALIZAÇÃO DO <i>PENTAGRAMA</i>			
DIMENSÕES DO <i>PENTAGRAMA</i> ■			

Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Conclusão da análise: Sinal-termo com tendência ou força - Icônica / Campo conceptual: Música.


ANEXO Y – SINAL-TERMO *ESQUELETO* DA DISSERTAÇÃO DE COSTA (2012)

DOMÍNIO FONTE			DOMÍNIO ALVO
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processos cognitivos	Sinal-termo <i>Esqueleto</i>
No interior do corpo, encontra-se o esqueleto. O esqueleto humano é constituído de mais de 200 ossos encaixados uns nos outros. Os ossos são unidos por articulações que permitem o movimento.	CM – CM 39 e CM 03	Processo de iconicidade metafórica quando a CM 39 representa os membros e ossos do esqueleto humano. Processo de iconicidade metonímica quando a CM 03 substitui o valor semântico de uma cabeça do esqueleto humano.	
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processos cognitivos	
FORMA DO <i>ESQUELETO</i>	CM – CM 39 e CM 03	Processo de iconicidade metafórica quando a CM 39 representa os membros e ossos do esqueleto humano. Processo de iconicidade metonímica quando a CM 03 substitui o valor semântico de uma cabeça do esqueleto humano.	Mão passiva (E) em CM 03, na vertical, representando a cabeça. Mão ativa (D) em CM 39, voltada para baixo, tocando o antebraço esquerdo, um pouco abaixo do pulso. Isso representa os ossos do corpo (dos membros também).
MOVIMENTO DO <i>ESQUELETO</i>			
CHEIRO DO <i>ESQUELETO</i>			
PARTES DO <i>ESQUELETO</i> ■			
TEXTURA DO <i>ESQUELETO</i>			
SOM DO <i>ESQUELETO</i>			
LOCALIZAÇÃO DO <i>ESQUELETO</i>			
DIMENSÕES DO <i>ESQUELETO</i>			

Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Conclusão da análise: Sinal-termo com tendência ou força - Icônica / Campo conceptual: Corpo Humano

ANEXO Z – SINAL-TERMO BRAÇO DA DISSERTAÇÃO DE COSTA (2012)

DOMÍNIO FONTE		DOMÍNIO ALVO	
Abstração denotativa-pragmática	Articuladores	Processos cognitivos	Sinal-termo <i>Braço</i>
Membro superior direito e esquerdo do corpo humano.	NM – 2 CM – 39 e 21 PA – Na mão	Processo de iconicidade metonímia quando a CM 39 substitui o valor semântico de corpo humano. Processo de iconicidade metafórica quando o ponto de articulação representa o valor semântico de indicativo do membro direito ou esquerdo. Processo de iconicidade metafórica quando há referência ao membro superior.	
Abstração perceptiva-cognitiva	Articuladores	Processos cognitivos	Mão passiva (D) em CM 39 voltada para baixo e mão ativa (E) em CM 21, tocando o polegar direito, que representa o braço.
FORMA DO BRAÇO ■	NM – 2 CM – 39 e 21 PA – Na mão	Processo de iconicidade metonímia quando a CM 39 substitui o valor semântico de corpo humano. Processo de iconicidade metafórica quando o ponto de articulação representa o valor semântico de indicativo do membro direito ou esquerdo. Processo de iconicidade metafórica quando há referência ao membro superior.	
MOVIMENTO DO BRAÇO			
CHEIRO DO BRAÇO			
PARTES DO BRAÇO			
TEXTURA DO BRAÇO			
SOM DO BRAÇO			
LOCALIZAÇÃO DO BRAÇO ■ ■			
DIMENSÕES DO BRAÇO			

Legenda: ■ – CM; ■ – M; ■ – PA; ■ – OR; ■ – NM; ■ – ENM.

Conclusão da análise: Sinal-termo com tendência ou força ± Icônica / Campo conceptual: Corpo Humano